

**NA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

**11**

# ***APONTAMENTOS***

*de Arqueologia e Património*

ABR 2016

ISSN: 2183-0924



# ***APONTAMENTOS***

*de Arqueologia e Património*

11

ABRIL

2016

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação  
Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Abril de 2016**

Volume: **11**

Capa: Decoração no interior de recipiente cerâmico proveniente  
dos Perdigões (Foto: António Valera)

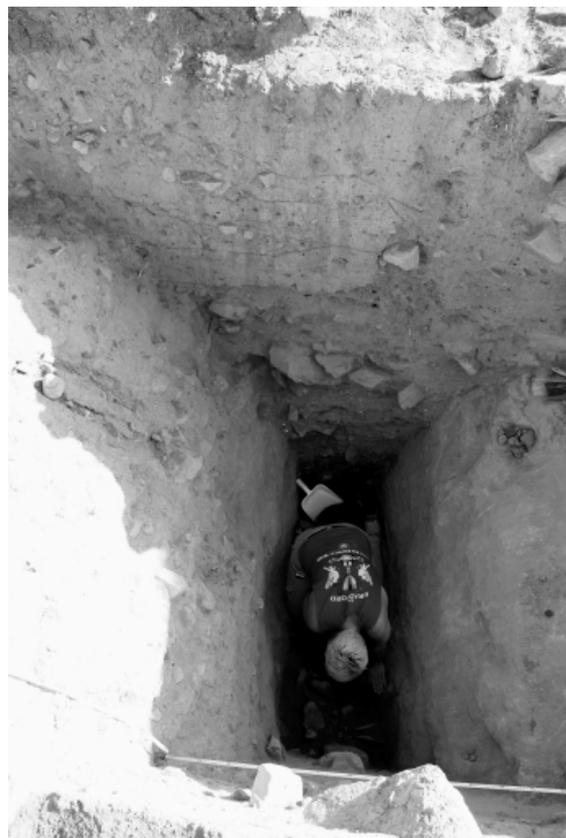
Director: **António Carlos Valera**

**ISSN: 2183-0924**

Contactos e envio de originais:  
[antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt)

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.



## ÍNDICE

EDITORIAL ..... 07

António Carlos Valera  
 NOTA SOBRE UMA DECORAÇÃO INCOMUM NUM  
 RECIPIENTE DOS PERDIGÕES ..... 09

António Carlos Valera, Ever Calvo e Patrícia Simão  
 ENTERRAMENTO CAMPANIFORME EM FOSSA DA  
 QUINTA DO CASTELO 1 (SALVADA, BEJA) ..... 13

Lucy Shaw Evangelista, Miguel Lago e Lúcia Miguel  
 A ANTA DOS ENXACAFRES NO CONTEXTO DO  
 MEGALISTISMO DA REGIÃO DE GRÂNDOLA E  
 SANTIAGO DO CACÉM: UMA PRIMEIRA NOTA ..... 21

Margarida Mendonça e António Faustino Carvalho  
 A COMPONENTE EM PEDRA LASCADA DOS  
 MONUMENTOS FUNERÁRIOS 1 E 2 DO  
 COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DOS PERDIGÕES  
 (REGUENGOS DE MONSARÁZ) ..... 33

Eliana Goufa e Francisco Rosa Correia  
 A INDÚSTRIA LÍTICA DO CASTRO DA COLUMBEIRA  
 (BOMBARRAL, PORTUGAL): DADOS PRELIMINARES  
 E PERSPECTIVAS FUTURAS ..... 47

Rui Ramos  
 QUINTA DE SÃO LOURENÇO 2:  
 UM SÍTIO DE FOSSAS NO CONCELHO DE BRAGANÇA ..... 53

Elisa de Sousa e Marina Pinto  
 A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO NA COLINA  
 DO CASTELO DE SÃO JORGE (LISBOA, PORTUGAL):  
 NOVOS DADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS  
 NA RUA DO RECOLHIMENTO / BECO DO LEÃO ..... 59

Elisa de Sousa, Alexandre Sarrazola e Inês Simão  
 LISBOA PRÉ-ROMANA: CONTRIBUTOS DAS  
 INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA  
 RUA DA MADALENA .....69





## EDITORIAL

O presente volume da “Apontamentos” volta a juntar artigos produzidos no âmbito da investigação realizada pelo NIA-ERA, artigos resultantes de trabalhos levados a cabo pelo departamento técnico da ERA e artigos derivados de colaborações externas. Textos que expõem resultados de trabalhos de campo, de investigação e de trabalhos académicos de estudo de colecções artefactuais.

Num tempo em que muitos se deixam aprisionar pelo sistema de publicações arbitradas e indexadas, na busca dos “pontos” que permitam vingar no terreno altamente competitivo em que a investigação hoje vive, pequenos e despreziosos projectos como este continuam a publicar informações e ideias úteis, revelando que há espaço, diria mesmo que há necessidade, para uma pluralidade editorial. Tal utilidade aparece bem representada, por exemplo, na expressão que a “Apontamentos” já conseguiu atingir, visível no número de consultas, “downloads” e citações, tanto a nível nacional como internacional.

Continuamos, pois, seguros que com este contributo editorial não só estamos a cumprir com uma obrigação inerente à nossa actividade, mas também a concorrer para um ambiente de maior diversidade e liberdade, essencial para o desenvolvimento de qualquer ciência e área profissional.

*António Carlos Valera*



## NOTA SOBRE UMA DECORAÇÃO INCOMUM NUM RECIPIENTE DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)<sup>1</sup>

António Carlos Valera <sup>2</sup>

### Resumo:

Apresenta-se uma decoração incomum realizada no interior de um recipiente recolhido no complexo de recintos de fossos dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). Em face do motivo, são propostas duas hipóteses sobre o que mesmo poderá representar, ambas relacionadas com a exploração de ambientes aquáticos: uma pequena jangada ou uma armadilha de pesca.

### Abstract:

#### Notice about a rare pot decoration from Perdigões (Reguengos de Monsaraz).

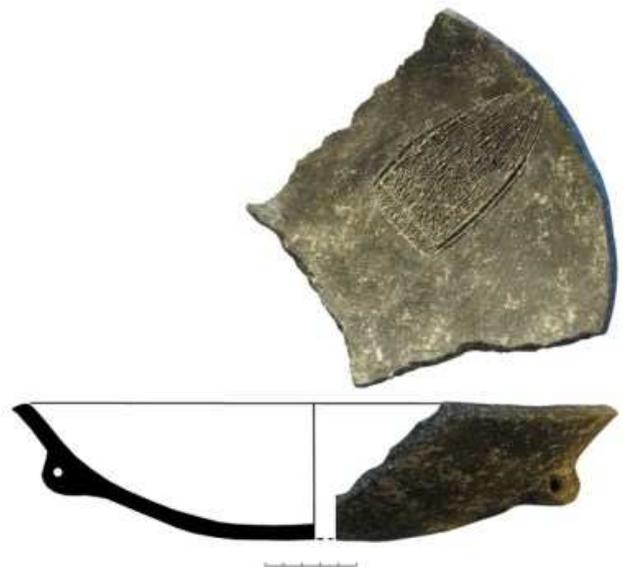
This paper addresses a rare decoration present in a pot recovered at Perdigões ditched enclosures (Reguengos de Monsaraz). In face of the figure, two hypotheses are discussed regarding what might be represented, being both related to the exploitation of aquatic environments: the representation of a small raft or a fishing trap.

### 1. Introdução.

Na sequência da surribo que o sítio arqueológico dos Perdigões sofreu em 1996, e que permitiu uma primeira consciencialização da dimensão e complexidade dos recintos de fossos ali presentes, foi realizada em 1997 uma campanha de sondagens, prospecções e recolhas de superfície no sentido de caracterizar os vários contextos detectados e avaliar o seu grau de afectação e potencial científico e patrimonial (Lago *et al.* 1998). Nesse âmbito foi recolhido à superfície um grande fragmento de recipiente cerâmico que apresentava no interior um motivo decorativo incomum, o qual é objecto da presente análise.

### 2. O recipiente cerâmico e o motivo decorativo

O fragmento em causa corresponde a um recipiente tipo taça com 31cm de diâmetro na boca e uma profundidade de 6,6cm de profundidade, de cozedura redutora. Pelo exterior, sensivelmente a meio da parede, apresenta um mamilo com uma perfuração horizontal, indicando que a peça seria utilizada em suspensão.



<sup>1</sup> Trabalho integrado no âmbito do Programa Global de Investigação dos Perdigões (INARP).

<sup>2</sup> Coordenador do Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA), antoniovalera@era-arqueologia.pt.

Centro ICArEHB - UAlg.

Figura 1 – Reconstituição gráfica do recipiente cerâmico que apresenta a decoração interna objecto da presente análise.



Figura 2 – Aspecto do motivo inciso realizado no interior do recipiente cerâmico.

O motivo decorativo encontra-se na superfície interna do recipiente (Figura 1), tendo sido realizado através de linhas e traços incisos, uns mais finos e outros relativamente espessos. A sua forma é ogival, com o bico encostado ao bordo, desenvolvendo-se o resto da figura até 2/3 do interior da taça.

A forma ogival é preenchida por um emaranhado de linhas verticais (convergindo no bico da ogiva) e horizontais, as quais formam um reticulado denso e irregular (Figura 2). Na base da ogiva uma densificação de traços verticais a partir de uma fina linha horizontal parece definir um remate, acima do qual se denotam duas bandas de grossos traços diagonais sobrepondo-se ao reticulado (Figura 3).

Após a realização deste motivo decorativo a superfície interna do recipiente foi brunida de uma forma algo irregular, brunimento esse que circundou a decoração deixando em torno desta uma margem não brunida (Figura 3).

### 3. Hipóteses interpretativas

O motivo decorativo em questão apresenta-se como bastante icomum na iconografia do período em questão (Neolítico-Calcolítico), desconhecendo-se paralelos em território nacional. Parece tratar-se de uma representação isolada, ainda que não se possa descartar a hipótese de se repetir ou de existirem outros motivos nas partes em falta do recipiente. Todavia, estas circunstâncias (figura desconhecida e aparentemente isolada) poderão indicar que se trata de uma representação de algo concreto, de um objecto existente.



Figura 3 – Detalhe do remate da base do motivo e da margem de superfície não brunida que o envolve.



Figura 3 – Motivo do recipiente dos Perdigões comparado com ramadinhas de pesca  
 (Fontes; (2) <http://ojbwe.lib.umn.edu/collection/fish-trap>; (3) <http://collections.museumca.org/?q=collection-item/h161139> .

São bem conhecidos os riscos de procurar estabelecer associações entre representação e representado com base em simples similitudes formais. Tais dificuldades, porém, não inviabilizam a colocação de propostas interpretativas sobre representações, mesmo que estas hipóteses dificilmente possam ser validadas. Assim, em função das características apresentadas pela figura em causa, colocam-se duas possibilidades.

Uma primeira hipótese, e que se pode considerar formalmente mais próxima, é a associação desta figura a armadilhas de pesca (Figura 4). São conhecidos vários tipos de armadilhas de pesca realizadas com finos ramos ou canas que tendem a assumir uma morfologia ogival e que apresentam um padrão mais ou menos reticulado. Para além da morfologia geral aparentada, estas peças apresentam remates na zona da “boca” que poderiam ser associados ao remate representado na figura. Por outro lado, o entrelaçado dos ramos quando visto de cima acaba por resultar numa sobreposição visual de faces diferentes do engenho, proporcionando uma densificação do reticulado que também se observa na figura presente no recipiente dos Perdigões.

Engenhos como estes poderiam ter sido utilizados na pesca realizada por exemplo no Guadiana, que corre 15km a Este dos Perdigões. A reforçar esta hipótese estão alguns restos de ictiofauna recolhidos nos Perdigões entre os quais se contam restos de *Cyprinidae*, possivelmente *Barbus sp.* (identificação de Sónia Gabriel) registados em contextos do Neolítico Final, e que são evidências directas de pesca fluvial (sendo que a recolha de moluscos fluviais está igualmente atestada – Coelho, 2008).

A outra hipótese que se coloca é a figura representar uma embarcação, mais concretamente do tipo jangada realizada com a junção de pequenos troncos ou canas.

Este tipo de pequenas jangadas é conhecido em vários pontos do globo, normalmente associadas à navegação fluvial e lagunar. Em Portugal conhecem-se exemplares na região de Sines (jangadas de S. Torpes), as quais apresentam uma planta igualmente ogival ou sub-triangular, sendo feitas de canas unidas por travejamento perpendicular de madeira ou atadas com cordas (Figura 5).



Figura 3 – Jangadas ogivais de canas de S. Torpes (Fonte: <http://maeds.amrs.pt/jangadatorpes.html> )

#### 4. Nota final

A interpretação de motivos decorativos da Pré-História Recente nunca é uma tarefa fácil, sendo sempre um risco ao qual fugir será frequentemente o mais avisado. Figuras normalmente muito estilizadas, composições mais ou menos complexas, discursos gráficos que tendem a privilegiar o esquemático geram problemas na determinação do que poderá estar a ser representado, se é de representação que se trata. Naturalmente, estas dificuldades agravam-se quando nos deparamos com um motivo ou um desenho novo, não associado a mais nada e sem paralelos conhecidos que possam auxiliar no processo interpretativo. Restam as associações formais que hoje, com as referências visuais que cada um tem, podemos fazer, procurando avaliá-las na sua maior ou menor plausibilidade.

Neste sentido, as possibilidades aqui avançadas parecem ter alguma viabilidade. A exploração de recursos aquáticos fluviais, seguramente do Guadiana, está directamente atestada nos Perdigões, revelando uma relação com o rio que facilmente se intuiria e admitiria, mesmo se essas evidências directas faltassem. A travessia do rio seria também uma prática comum. Mais que dividir, o Guadiana parece ser a espinha dorsal de uma região de identidades partilhadas a vários níveis e de relações entre os territórios de ambas as margens a diferentes dimensões. São hoje conhecidos nos Perdigões vários objectos e matérias-primas que para ali chegarem tiveram que o atravessar: o cinábrio (Emslie *et al.* 2015), as contas de variscite (Odriozola *et al.*, 2010), as grandes lâminas de sílex oolítico (Valera, in press), possivelmente algumas das cerâmicas decoradas campaniformes ou não (Odriozola *et al.*, 2008).

A propósito da relação entre as duas margens do Guadiana nesta zona escrevi há uns anos: “A margem esquerda, agora estudada no âmbito da minimização de Alqueva, parece constituir-se como uma periferia deste território [do catalizado pelos Perdigões], estando a ele vinculada. As dinâmicas observadas, de abandonos e reocupações, estariam assim relacionadas com o pulsar desta rede de povoamento mais vasta que abrangeria o Vale do Álamo e do seu centro simbólico geograficamente descentrado. Mas não resultará esta ideia do facto de todo o trabalho realizado estar condicionado pelo desenho longitudinal da albufeira de uma barragem? Do desconhecimento do que se passa a alguns quilómetros mais a Leste? Ou ainda dos actuais constrangimentos da geografia política, que nos poderão fazer esquecer que San Blás (bem maior que os Perdigões) está já ali, a duas escassas dezenas de quilómetros mais a Norte? Estas dúvidas são claramente pertinentes e deverão informar programas futuros de desenvolvimento da investigação desta questão. Todavia, há que sublinhar algumas ideias a favor da articulação das duas margens do Guadiana. Uma primeira é a natureza física, geológica. A mancha granítica do Vale do Álamo, que nucleariza o povoamento da margem direita, apresenta um ligeiro prolongamento pela margem esquerda, na zona da Fábrica da Celulose. O facto de esse prolongamento corresponder a uma área relativamente reduzida será mais significativa, porque no conhecimento empírico da paisagem ele é

experienciado precisamente como tal, como um prolongamento de um espaço de características próprias que teria significados próprios. Note-se que foi nesse preciso prolongamento geológico para a margem esquerda que se implantou o único monumento megalítico (poderiam ter sido dois) conhecido no território entre as Ribeiras de Cuncos e Alcarrache, um monumento que representa, ele próprio, o prolongamento do núcleo megalítico do Vale do Álamo. A especificidade deste pequeno espaço, no contexto geológico da margem esquerda, constitui-se como uma zona de recursos única desse lado do Guadiana. Esta situação, associada ao facto de aí se localizar(em) o(s) único(s) sepulcro(s) megalítico(s), poderá ter contribuído para que este espaço se constituísse como um pólo relativamente aos povoados envolventes, gerador de tradição, de frequência e de ponte de contacto com a margem direita, nas leituras semânticas do território e da paisagem. Uma ligação que, de momento, se intui mais do que se demonstra.” (Valera, 2006: 191-192).

Zona de recursos, elemento simbólico, fronteira mais ou menos purosa ou via de ligação por excelência, o Guadiana foi seguramente cruzado, navegado e economicamente explorado pelas comunidades que construíram e utilizaram os Perdigões, sendo um elemento estruturante da paisagem local. Será a figura incisa no interior da taça dos Perdigões uma alusão a essa relação com o rio?

#### Referências Bibliográficas

- COELHO, M. (2008), A fauna malacológica proveniente do Sector I do recinto calcolítico dos Perdigões, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, NIA-ERA. p.35-40.
- EMSLIE, S.D., BRASSO, R., PATTERSON, W.P., VALERA, A.C., MCKENZIE, A., SILVA, AM., GLEASON, J.D. and BLUM, J.D. (2015), "Chronic mercury exposure in Late Neolithic/Chalcolithic populations in Portugal from the cultural use of cinnabar", *Scientific Reports*, (1/10/2015).
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. E CARVALHO, A. (1998), Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 1, nº 1, Lisboa, p. 45-152.
- ODRIOZOLA, C.P., LINARES-CATELA, J.A. E HURTADO-PÉREZ, V. (2010), "Perdigões' green beads provenance analysis", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6, p.47-51.
- ODRIOZOLA, C.; HURTADO PÉREZ, V.; DIAS, M.I. E VALERA, A.C. (2008), "Produção e consumo de campaniformes no vale do Guadiana: uma perspectiva ibérica, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, NIA-ERA. p.45 – 52.
- VALERA, A.C., (2006), "A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC", *Era Arqueologia*, 7, Lisboa, *Era Arqueologia / Colibri*, p.136-210.
- VALERA, A.C. (in press), "The "exogenous" at Perdigões. Approaching interaction in the late 4<sup>th</sup> and 3<sup>rd</sup> millennium BC in Southwest Iberia". *Proceedings of the meeting Resource Cultures* (June 2015). Alcalá de Henares/Madrid.

# ENTERRAMENTO CAMPANIFORME EM FOSSA DA QUINTA DO CASTELO 1 (SALVADA, BEJA)

António Carlos Valera<sup>1</sup>  
Ever Calvo<sup>2</sup>  
Patrícia Simão<sup>2</sup>

## **Resumo:**

No âmbito do bloco de rega de Baleizão-Quintos foram intervencionadas, no sítio da Quinta do Castelo 1, um conjunto de estruturas entre as quais se contava uma grande fossa que continha junto à base um enterramento associado a um recipiente campaniforme de estilo Internacional. No presente trabalho faz-se a descrição deste contexto e discute-se a sua relevância para o conhecimento da expressão do fenómeno campaniforme no interior alentejano.

## **Abstract:**

### **Bell Beaker burial in pit from Quinta do Castelo 1 (Salvada, Beja)**

In the context of the water supply network of Baleizão-Quintos several structures were excavated in the site of Quinta do Castelo 1. Among them there was a large pit that had a funerary deposition at the bottom associated to a bell beaker of International style. This work presents the description of the context and debates its relevance for the knowledge of the bell beaker phenomenon in Alentejo hinterland.

## **1. Introdução**

O sítio da Quinta do Castelo 1 foi intervencionado em 2013 pela empresa Omniknos Lda. no âmbito dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Baleizão-Quintos (Fase de Obra), empreendimento da Edia S.A.. Nos trabalhos realizados foram escavadas 31 estruturas negativas com cronologias enquadráveis no Calcolítico, Idade do Bronze, antiguidade tardia e período islâmico.

Entre estas estruturas contava-se uma fossa que revelou um enterramento individual com um recipiente campaniforme associado. Tratando-se uma circunstância incomum no “mundo funerário campaniforme” da região e na tradição de enterramentos em fossa que se tem vindo a revelar nos últimos anos no interior alentejano, optou-se por publicar individualmente este contexto, realçando os aspectos mais peculiares que assume no contexto global da presença campaniforme na região.

## **2. Localização**

O sítio arqueológico da Quinta do Castelo 1 localiza-se na freguesia da Salvada, distrito de Beja. Situa-se 2,6km a Este da povoação da Salvada, do lado esquerdo do estradão que conduz ao casario da Quinta do Castelo, e 5,2km a Oeste do Guadiana. Está implantado na vertente Sul da suave elevação aplanada da Arroiteia, nomeadamente no limite onde a suavidade da vertente dá lugar a um relevo mais irregular e abarrancado que se desenvolve para Sul e Sudeste até àquele rio (Figura 1). As suas coordenadas geográficas são: M234369, P108034, a uma altitude de 196m.

O local é enquadrado por duas linhas de água, a Este e Oeste, as quais drenam para Sul, para o Barranco da Gravia, o qual é subsidiário directo do Guadiana, numa área em que este se apresenta já muito encaixado.

Do ponto de vista geológico, esta área integra-se numa estreita faixa de arenitos, siltitos, pelitos e xistos negros siliciosos da Formação de Horta da Torre, entre uma faixa de anfíbolitos, granulitos e garbos a Norte (da qual se separa por uma falha) e outra faixa de pelitos, grauvaques e xistos roxos a Sul (Carta Geológica de Portugal. 1:200000, fl.8).

<sup>1</sup> Coordenador do Núcleo de Investigação Arqueológica - NIA, (antoniovalera@era-arqueologia.pt) Centro ICArEHB - UAlg.

<sup>2</sup> Era Arqueologia S.A.

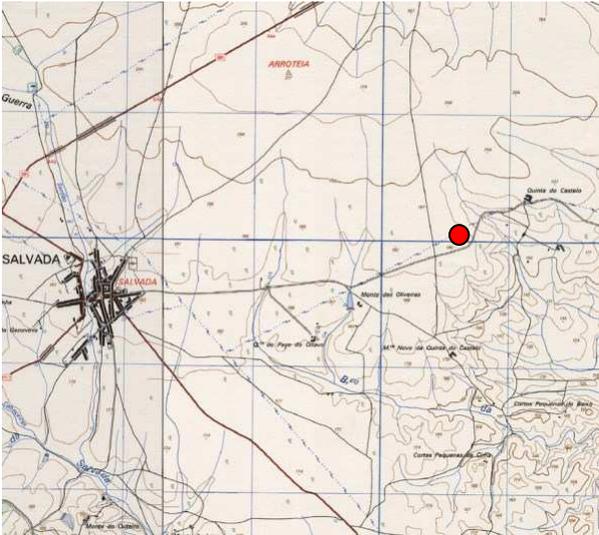


Figura 1 – Localização da Quinta do Castelo 1 na Carta Militar de Portugal, 1:25000, fls. 531/532.



Figura 2 – Em primeiro plano a fossa do enterramento e em segundo plano um conjunto de fossas/depressões irregulares.

### 3. A Sondagem 16

A fossa em questão foi intervencionada no Sector 14. No início dos trabalhos foi identificada nesta área uma grande mancha de argilas siltosas de cor castanha avermelhada na qual tinham sido escavadas quatro sepulturas de tradição islâmica. Finalizada a escavação dos contextos islâmicos, procedeu-se à escavação destas argilas (UE 1400), inicialmente não identificadas como enchimento de estrutura.

A remoção desta unidade deixou à vista um conjunto de possíveis estruturas negativas abertas no substrato, sendo a maior delas a localizada no extremo Este da área coberta pelas argilas superficiais. No que se refere às estruturas de menor tamanho identificadas a Nordeste (UEs 1615, 1617, 1613, 1619 e 1614), trata-se de um conjunto de fossas de planta irregular, com dimensões variadas e com reduzida profundidade preservada (Figura 2). A escassez de vestígios materiais identificados nos seus depósitos, apenas uns poucos fragmentos muito rolados de cerâmica manual, assim como a afectação que a actividade agrícola teve sobre elas, não permite avançar uma interpretação da sua possível funcionalidade ou cronologia, podendo corresponder a processos de formação não atrópica.

Quanto à estrutura de maior tamanho (UE 1610), tratava-se de uma fossa escavada no substrato, de planta subcircular com secção Nordeste da boca rebaixada, apresentando um diâmetro médio da boca de 3 m e uma profundidade preservada de 1,8 metros. Era preenchida por três depósitos e um enterramento.

O primeiro destes enchimentos, umas argilas siltosas de cor castanha avermelhada, apresentava características similares às registadas no depósito UE1400, contudo, a identificação de uma inclusão moderada de concreções carbonatadas permitiu concluir que se tratava de um depósito distinto (UE 1607) que forneceu alguns bojos manuais.



Figura 3 – Enterramento e detalhe do recipiente campaniforme junto ao crânio.

Sob esta unidade, foi identificado, só na área Oeste/Sudoeste da estrutura, um novo depósito (UE 1609) composto por argilas castanhas siltosas, mais compactas e arqueologicamente estéreis. A sua remoção revelou um enterramento humano individual (UE 1611) junto da parede da fossa, registando-se, junto ao crânio, a presença de restos de um vaso de campaniforme de estilo internacional (Figura 3).

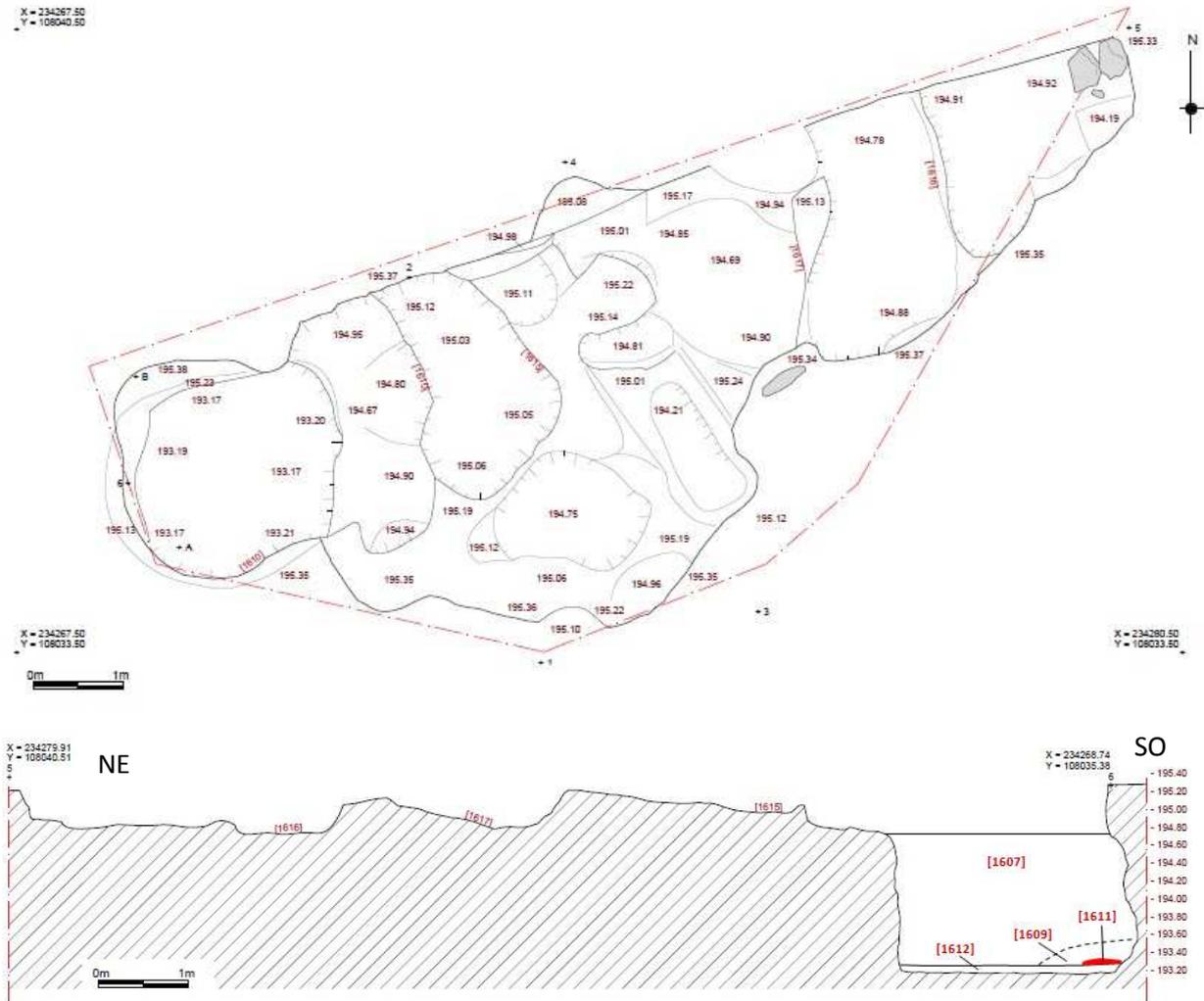


Figura 4 – Planta e perfil da sondagem 16.

Os restos humanos estavam depositados sobre um fino e horizontalizado depósito que preenchia a base da fossa, composto por areias limosas de cor castanho claro (UE 1612), também arqueologicamente estéreis. O enterramento encontrava-se assim muito perto da base da fossa, sendo que o depósito de base e o depósito que cobria directamente os ossos não apresentavam materiais arqueológicos. Estes apenas ocorriam, sob a forma de fragmentos cerâmicos no espesso depósito que preenchia todo o resto da fossa até ao seu topo. Esta circunstância parece indicar que o nível de base foi colocado intencionalmente para forrar o fundo da fossa e receber a deposição funerária, tendo esta sido coberta por um depósito com características não muito distintas e sendo a fossa depois preenchida por um único espesso depósito já incorporando alguns fragmentos cerâmicos, muito provavelmente correspondendo a uma acção antrópica única de encerramento da fossa. Quanto a eventuais funcionalidades da fossa anteriores à deposição funerária ou se esta foi aberta especificamente para a receber, a informação disponível é totalmente inconclusiva.

### 3.1 Análise bioantropológica

O material osteológico apresentava baixos índices de preservação e uma elevada fragmentação. No caso dos ossos longos, para além da ausência total das extremidades, ocorrem fendas transversais na diáfise, possivelmente provocadas pela pressão do solo. Apesar do estado de degradação registado foi possível identificar três conexões anatómicas e material ósseo sem continuidade anatómica e realizar em campo a observação de alguns parâmetros paleobiológicos.

As conexões anatómicas 1 e 2 eram constituídas por duas tíbias e dois perónios em articulação, que se encontravam depositados junto ao limite Noroeste da fossa. Aparentemente estas pernas estavam orientadas de NE para SO (50°-230°). Verificou-se que tanto as tíbias como os perónios estavam paralelos, encontrando-se a tíbia direita sobre a face medial e a esquerda sobre a face lateral e o perónio direito sob a tíbia da mesma lateralidade.

Junto à parede Sudoeste da fossa, e entre o material sem continuidade anatómica, identificou-se a conexão anatómica 3, que corresponde a parte de um membro superior esquerdo (úmero e cúbito). Aparentemente orientado de NO para SE (320°-140°), este braço parecia estar hiper-flectido, estando o úmero depositado sobre a face posterior, enquanto o cúbito permanecia sobre a face medial. Devido à elevada fragmentação do material das conexões não foi possível realizar a determinação dos indicadores paleodemográficos (diagnose sexual, idade à morte e estatura). Não foram identificados indícios de lesões patológicas nos ossos de qualquer das conexões anatómicas.

O depósito de ossos humanos era ainda constituído por seis ossos sem continuidade anatómica, dispersos por uma área de 134x38cm e maioritariamente depositados junto à parede Sudoeste da fossa. Sem qualquer tipo de organização ou orientação específica, estes elementos ósseos encontravam-se colocados na horizontal, paralela e perpendicularmente à parede da fossa. Neste conjunto identificaram-se dois ossos longos (fragmentos de fémur e úmero), um crânio, uma mandíbula, um íliaco e um osso curto.

O cálculo do número mínimo de indivíduos (Herrman et al, 1990 e Ubelaker, 1974) revelou a presença de um subadulto. A sua idade à morte determinou-se com recurso à erupção e calcificação dentárias (Ubelaker, 1989), sendo a mesma de 15 anos ± 36 meses, uma vez que o 3º molar superior direito se encontrava em formação. No âmbito da paleopatologia, constatou-se a perda *post-mortem* de sete dentes, um superior e seis inferiores. O atrito oclusal 3 (Smith, 1984) registou-se num total de 14 dentes (14/18; 77,8%), sete superiores e sete inferiores. Predomina o grau mínimo de desgaste (grau 1; 8/14), observando-se também alguns casos de atrito de grau médio (grau 3; 4/14).

Ainda ao nível da cavidade oral verificou-se a ausência bilateral do 3º molar inferior na mandíbula. Não se detectaram indícios de reabsorção alveolar ou da perda *ante-mortem* deste dente. Como a mandíbula estava fragmentada, foi possível observar que este molar não estava no alvéolo, descartando a hipótese de impacção (dente não erupcionado). Deste modo, parece estar-se perante um caso de agénese dentária (Ortner, 2003).

Considerando que não há repetição das peças ósseas e que a morfologia e dimensão dos ossos longos são semelhantes, é possível que todo o depósito de ossos humanos da UE 1611 pertença apenas a um único indivíduo. Assim, pode estar-se perante um contexto de perturbação pós-deposicional do esqueleto no local primário de enterramento pouco tempo após a sua inumação, dada a presença de conexões anatómicas que indicam a existência de tecidos moles em decomposição. Neste caso, as ausências (ossos do tórax, carpo e tarso) podem ficar a dever-se a questões de natureza tafonómica.

Por outro lado, a ausência dos tipos de osso enunciados também poderá dever-se ao facto de esta fossa não ser um local de inumação primária do corpo completo, mas sim um

local de deposição secundária ou primário de partes de um corpo previamente seccionado. O facto de o depósito restrito que cobria os ossos não apresentar sinais de qualquer remechiamento sugere a não perturbação pós deposição dos restos humanos. No mesmo sentido vai o facto de existir uma total ausência de ossos das mãos, pés e esqueleto axial, indiciando uma selectividade das partes anatómicas (essencialmente crânio e partes de membros). A perda, considerada *post-mortem* de sete dentes que não estavam presentes no contexto também parece reforçar esta hipótese (sendo os dentes das partes anatómicas mais resistentes). Esta hipótese, que parece mais consentânea com os dados existentes, implicaria a deposição de partes anatómicas sem o processo de esqueletização estar completo, justificando a presença de conexões anatómicas.

## 6. O recipiente campaniforme

O fragmento de recipiente campaniforme, correspondendo a cerca de metade da peça, era o único objecto associado aos restos humanos.

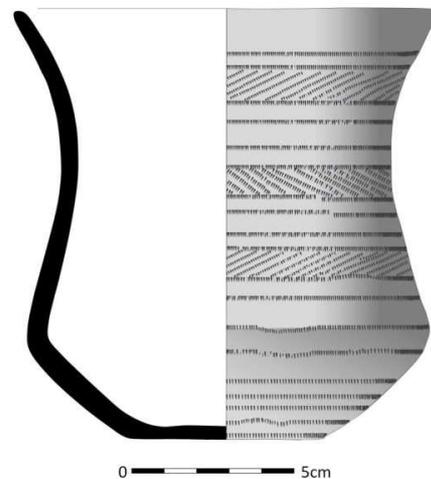
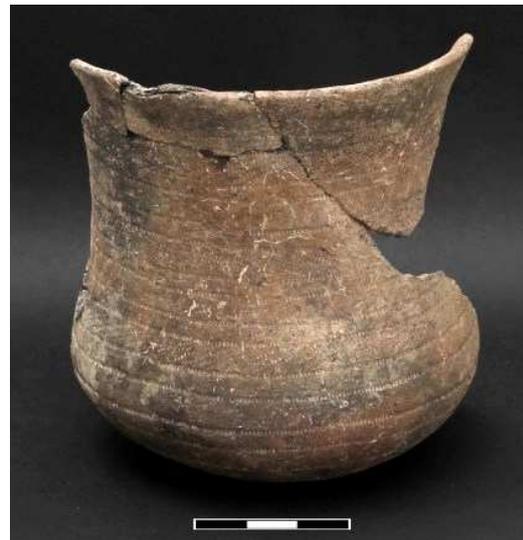


Figura 5 – Recipiente campaniforme da Q.C.1.

Trata-se de uma forma acampanulada clássica com pouco mais que 13 cm de altura, com estrangulamento do colo e curvatura da pança bem acentuados, de pasta bem depurada e acabamento cuidado. A decoração enquadra-se no estilo internacional misto, conjugando o pontilhado de bandas com o pontilhado linear. Assim, do topo para a base, a decoração inicia-se com uma linha, seguida por três bandas alternantes com dois conjuntos de duas linhas, terminando a sequência com mais uma linha antes da curvatura da pança. A partir desta seguem-se mais sete linhas, já na parte de menor visibilidade do vaso. A inclinação dos traços pontilhados que preenchem as bandas é também alternante.

### 5. O enterramento campaniforme da Quinta do Castelo 1 no contexto da expressão campaniforme no sul de Portugal

O contexto funerário da Quinta do Castelo 1 assume particular interesse no contexto da expressão das cerâmicas campaniformes decoradas no Sul de Portugal por um conjunto variado de razões.

Por um lado porque, e ao contrário do que acontece noutras regiões do país (como acontece por exemplo no Centro-Norte – Valera e Rebuge, 2011), a deposição de recipientes campaniformes decorados em contextos funerários é relativamente pouco frequente, situação que também contrasta com o que se passa com os recipientes campaniformes lisos do “Horizonte de Ferradeira”, que encontram nos contextos funerários um dos seus mais comuns contextos de deposição.

De facto, em todo o Alentejo conhecem-se recipientes campaniformes decorados em quatro antas da zona interior e em duas antas do núcleo mais litoral de Grândola-Santiago do Cacém (Figura 6). No distrito de Beja estes recipientes apenas tinham até agora sido registados em contextos funerários em dois sepulcros tipo tholoi: Cardim 6 e Monte das Pereiras. Assim, o contexto funerário da Quinta do Castelo 1 não só é o contexto funerário com campaniforme decorado mais a Sul na distribuição destes contextos no Alentejo (situa-se na zona limite Sul da mancha de distribuição actual de toda a cerâmica campaniforme decorada na região – Figura 6), como também é o primeiro a ocorrer em fossa.

Esta circunstância está am linha com o que os últimos anos têm vindo a evidenciar para o distrito de Beja, onde a tradição de sepultar em estruturas negativas tipo fossa ou hipogeu é dominante desde o Neolítico e à qual se adiciona a construção de *tholoi* durante o Calcolítico. Mas nas antas e os *tholoi* a cerâmica campaniforme decorada é rara, nos enterramentos em fossa a sua presença era até agora desconhecida. Esta raridade, face à quantidade de contextos não funerários em que ocorre na região, parece traduzir uma opção cultural. A informação actualmente disponível indicia que à cerâmica campaniforme não era reservado um desempenho social preponderante em contexto funerário. A esta circunstância soma o facto de em vários dos contextos megalíticos em que esta cerâmica ocorre na região não existem dados que confirmem que esses recipientes acompanhavam restos humanos ali depositados, podendo em alguns casos corresponder a deposições ritualizadas em contextos funerários prévios de forte carga simbólica, mas que não se faziam acompanhar pela deposição de corpos.

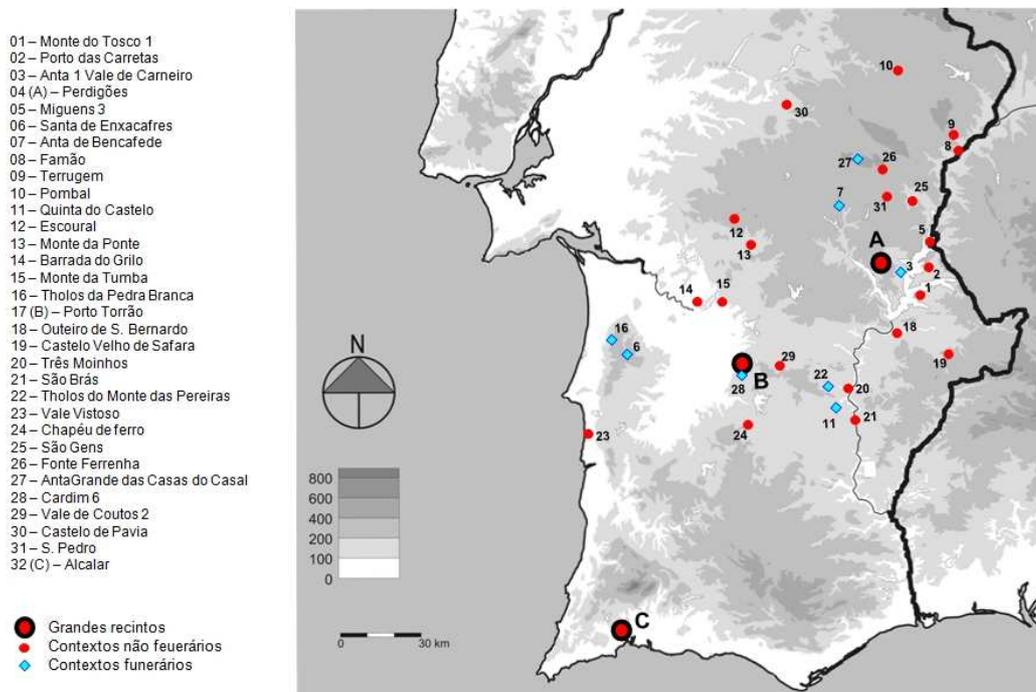


Figura 6 – Distribuição da cerâmica campaniforme decorada no sul de Portugal (Alentejo e Algarve) por contextos funerários e não funerários. (Segundo Valera, 2006, actualizado).

Neste contexto o enterramento em fossa da Quinta do Castelo 1 assume particular importância, porque evidencia uma clara associação entre um recipiente campaniforme decorado e a deposição de restos humanos, aparentemente de um único indivíduo jovem.

Outro aspecto interessante deste contexto sepulcral é a sua cronologia, claramente dentro da Idade do Bronze. Sobre a diáfise de fémur esquerdo realizou-se uma datação que proporcionou o seguinte resultado: 16B0304 - 3550±30BP - 2010-2000 (0,8%), 1980-1860 (67,7%), 1850-1770 (26,9%) cal BC a 2σ. O contexto enquadra-se assim no primeiro quartel do 2º milénio AC. A presença de recipientes campaniformes de estilo Internacional em contextos tardios já era conhecida na região, estando datados no depósito do topo do Fosso 2 do Porto Torrão do último quartel do 3º milénio AC: Sac2028 - 3700±60 – 2284-2248 (3,9%), 2234-1928 (91,5%) (Valera, 2013). Contudo, ainda não tinham sido datados dentro do 2º milénio, o que faz deste enterramento um dos contextos mais tardios do Alentejo (e de Portugal) em que este estilo cerâmico ocorre.

Por outro lado é interessante sublinhar a presença do estilo Internacional numa zona onde a sua representatividade é também rara. No distrito de Beja este estilo apenas está presente no Porto Torrão e no Castelo Velho de Safara, sendo um pouco mais frequente a Norte da Serra de Portel, no distrito de Évora, ocorrendo nos Perdígões, Monte da Ponte, Porto das Carretas, Miguens e S. Gens. Num mundo interior dominado, no que ao campaniforme decorado diz respeito, pelo estilo inciso de tipo Ciempozuelos, o estilo Internacional parece revelar uma penetração pontual de influências estremenhas (estando também ausente no litoral alentejano e Algarve). Situação semelhante é revelada pelo

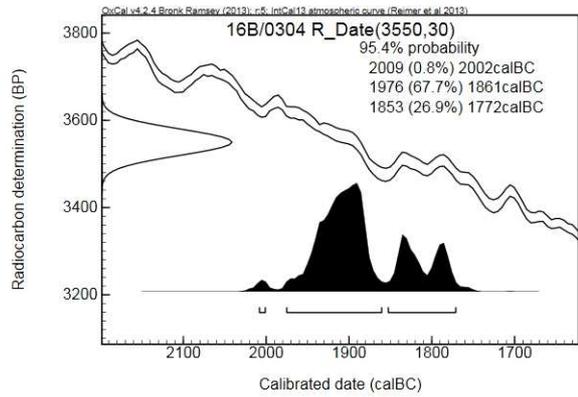


Figura 7 – Calibração da data de QC1 (OxCal v.4.2.4).

campaniforme pontilhado geométrico e inciso de tipo Palmela que, com excepção do Porto Torrão localizado no que parece ser uma fronteira estilística Palmela / Ciempozuelos (Valera, Rebugue, 2011), se apresenta igualmente como uma raridade na bacia do Guadiana (escassos fragmentos nos Perdígões, Outeiro de São Bernardo, S. Brás e San Blás).

Finalmente será importante sublinhar a proximidade da Quinta do Castelo 1 ao grande recinto de fossos da Salvada (Valera, Pereiro, 2013; Valera, Pereiro 2015), o qual se situa a apenas 3km para Sudoeste (Figura 7). Trata-se de um grande e complexo recinto de fossos, como uma área estimada superior aos 17ha. Ainda não foi submetido a intervenções arqueológicas (com excepção de alguns trabalhos de minimização que decorreram na sua periferia), mas forneceu bastante material calcolítico em prospecções de superfície, no qual, porém, não se registou qualquer campaniforme decorado.



Figura 8 – Localização da Quinta do Castelo 1 (1) relativamente ao grande recinto de fossos da Salvada (2).

Todavia, os grandes recintos de fossos já intervencionados no Sudoeste Peninsular sempre revelaram a presença de cerâmica campaniforme decorada, e, com excepção de Alcalar (apenas com presença do estilo AOC), em todos ocorrem vários estilos (contrapondo-se aos pequenos sítios, quase sempre estilisticamente monotemáticos – Valera, Rebuge, 2011): é assim nos Perdigões, no Porto Torrão, em San Blás ou na Pijotilla. Não será, pois, surpreendente que este sítio (ou o outro grande recinto de fossos vizinho, o Monte das Cabeceiras 2) venha a revelar a presença de campaniforme e possa eventualmente ser relacionado com este enterramento. Mas falta saber qual o seu espectro cronológico, pois até ao momento nenhum recinto de fossos na região apresenta contextos datados depois de 2000 AC.

#### Referências Bibliográficas

- ORTNER, D. (2003), *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*, Amsterdam, Academic Press, 2ª edição.
- SMITH, B. H. (1984), "Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists", *American Journal of Physical Anthropology*, 63: 39-84.
- UBELAKER, D.H. (1989), *Human skeletal remains: excavation, analysis, interpretation*, Washington, Taraxacum Washington. 2ª Edição.
- VALERA, A.C., (2006), "A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC", *Era Arqueologia*, 7, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p.136-210.
- VALERA, A.C. (2013), "Cronologia absoluta dos fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação de estruturas negativas tipo fossos", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, Lisboa, Nia-Era, p.7-11.
- VALERA, A.C., PEREIRO, T. do (2013), "Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospecção sistemática", *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, AAP, p.345-350.
- VALERA, A.C., PEREIRO, T. do (2015), "Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal)", *Actas del VII Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, Aroche, p.316-327.
- VALERA, A.C., REBUGE, J. (2011), "O Campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço.", *Arqueologia do norte alentejano. Comunicações das 3ªs Jornadas*, CMF, p.111-121.



# A ANTA DOS ENXACAFRES NO CONTEXTO DO MEGALITISMO DA REGIÃO DE GRÂNDOLA E SANTIAGO DO CACÉM: UMA PRIMEIRA NOTA<sup>1</sup>

Lucy Shaw Evangelista<sup>2</sup>  
Miguel Lago<sup>3</sup>  
Lúcia Miguel<sup>3</sup>

## Resumo:

Neste artigo pretendemos dar nota da intervenção arqueológica realizada na Anta dos Enxacafres, Santiago do Cacém. Os resultados permitiram a identificação de uma estrutura funerária em cujo *tumulus* se identificou, para além do monumento principal, de tamanho médio e composto por câmara funerária poligonal e corredor pouco demarcado, uma pequena estrutura escavada na rocha interpretada como uma possível sepultura, selada parcialmente por uma laje.

Os materiais e a arquitectura do monumento principal apontam para uma cronologia de utilização do final do IV milénio AC, com uma reutilização nos finais do III milénio AC. A ausência total de espólio de qualquer tipo na estrutura mais pequena não permite a atribuição de uma cronologia fiável.

A identificação deste monumento, já no interior da serra de Grândola, abre renovadas possibilidades de investigação no que respeita megalitismo regional, em particular em relação a uma segunda linha mais interior relativamente à costeira, onde se localizam a maioria dos sepulcros deste tipo conhecidos nesta região.

## Abstract:

**The Enxacafres dolmen in the context of the megalithism of Grândola and Santiago do Cacém region: a preliminary report.**

In this article we intend to describe the archaeological intervention performed at the Enxacafres dolmen, Santiago do Cacém. The results allowed the identification of a medium sized funerary structure consisting of a polygonal chamber and small corridor. Alongside the main monument and integrated in the same tumulus, another structure partially sealed by a slab was identified and interpreted as a possible grave.

The identified artifacts and the architecture of the main monument broadly place its construction and first funerary depositions around the end of the 4th millennium BC. After a period of abandonment, the monument was reused, sometime around end of the 3rd millennium BC. The other small structure yielded no information regarding its chronology or specific use.

Most megalithic monuments in the area were identified next to the coastal line. The discovery of this monument, in the Grândola hinterland opens new possibilities for the investigation of the megalithic phenomenon in this region.

## 1. Introdução

Os trabalhos de escavação arqueológica integral levados a cabo na Anta dos Enxacafres, concelho de Santiago do Cacém, um projecto conjunto da OMNIKINOS/ERA Arqueologia, inseriram-se na estratégia de aplicação de medidas de minimização de impactes sobre o património arqueológico decorrentes da implementação do projecto de construção do Lanço A – IP8 – Nó do Roncão (IC33)/ Nó de Grândola (IP1), que integrava o projecto da Subconcessão do Baixo Alentejo, cujas obras foram interrompidas por decisão do estado português. O monumento localiza-se, em relação ao eixo da via, a Noroeste do Km 2+075.

Os trabalhos realizaram-se durante o Outono e Inverno de 2010/2011.

O sepulcro localizava-se no topo de uma pequena elevação, a que se acedia por uma estrada de terra batida partindo do lado Este da povoação Cruz de João Mendes.

A intervenção arqueológica e os seus resultados permitiram a identificação de uma estrutura funerária em cujo tumulus se implantavam, para além do sepulcro principal, de tamanho médio e composto por câmara funerária poligonal com oito esteios conservados e corredor pouco demarcado, uma pequena estrutura escavada na rocha, selada parcialmente por uma laje e interpretada como uma possível sepultura.

Os materiais e a arquitectura do monumento principal apontam para uma cronologia de utilização enquadrável no

<sup>1</sup> Artigo redigido de acordo com a antiga ortografia.

<sup>2</sup> NIA - Era Arqueologia, S.A.; CIAS (Fctuc – UC); ICAREHB (UAlg.) ([lucyevangelista@era-arqueologia.pt](mailto:lucyevangelista@era-arqueologia.pt))

<sup>3</sup> Era Arqueologia, S.A. ([miguellago@era-arqueologia.pt](mailto:miguellago@era-arqueologia.pt))  
[luciareginamiguel@gmail.com](mailto:luciareginamiguel@gmail.com))

final do IV milénio AC, com uma reutilização nos finais do III milénio AC. A total ausência de espólio na estrutura de menores dimensões não permite a atribuição de uma cronologia fiável para a sua utilização.

## 2. Localização Geográfica

A Anta dos Enxacafres localiza-se administrativamente no limite Este do Concelho de Santiago do Cacém, Freguesia de São Francisco da Serra, próximo do lugar da Cruz de João Mendes, com as seguintes coordenadas:

M - 42874.50  
P - 17513.40  
Z - 268.00

## 3. Enquadramento Geológico e Implantação na Paisagem

Em termos geológicos, este local é caracterizado pela presença de rochas do Grupo “Flysch” do Baixo Alentejo, pertencentes à Formação de Mértola (HMT). Esta formação carbónica é fundamentalmente representada por grauvaques de granulometria média cinzentos-esverdeados, mal calibrados, alternando com xistos cinzentos a negros carbonosos e argilosos, e, mais raramente, com conglomerados, com clastos dispersos em matriz grauvacóide (Miguel et al, 2012).

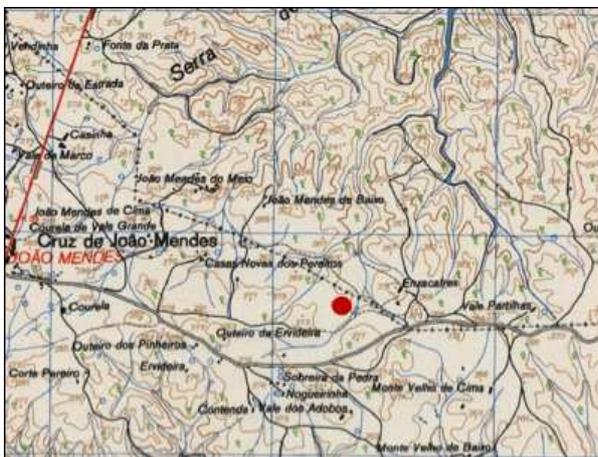


Figura 1 – Localização da Anta dos Enxacafres na CMP, Nº 506, esc. 1:25 000 e no traçado geral do Lanço A – IP8.



Figura 2 - Vista geral do monumento antes e após o processo de limpeza.

Na zona envolvente do local ocorrem xistos e grauvaques, medianamente a muito alterados e muito fracturados subjacentes a uma camada de solos, com espessura inferior a 20cm, de natureza essencialmente argilosa. No local de implantação do sepulcro ocorrem grauvaques de cor cinzenta esverdeada, com clastos quartzíticos, de grão médio, em matriz siliciosa, que foram extraídos os esteios do dólmen.

Os blocos utilizados para os esteios da anta apresentam cor esverdeada, ocorrendo, em princípio associados a uma zona de charneira de dobra, concordante com o tipo de metamorfismo que está na génese do Grupo “Flysch” do Baixo Alentejo, do tipo compressivo.

Em relação à geomorfologia da zona, a região onde se localiza este monumento funerário insere-se fundamentalmente na unidade geomorfológica designada por Serras Litorais, que engloba as serras de Cercal e Grândola. As serras de Cercal e Grândola formam um maciço marginal, alongado no sentido grosseiramente N-S por cerca de 60 km, que acompanha a planície litoral e é limitada, a nascente e a norte, pelos sedimentos recentes da bacia do Sado. Para Este destas elevações verifica-se uma diminuição de altitude gradual e progressiva dos terrenos paleozóicos, com pequenos retalhos de plio-quadernário,

correspondendo a uma superfície de aplanamento degradada com inclinação para ESE.

A paisagem em que se implanta o monumento é ondulante, constituída por pequenos cabeços sucessivos que de forma monótona se vão sucedendo até perder de vista. Nesse contexto, o monumento não se implanta numa localização particularmente saliente ou sequer destacada relativamente à sua envolvente.

#### 4. A arquitectura da Anta dos Enxacafres

A arquitectura geral da Anta dos Enxacafres enquadra-se nos modelos tradicionais do megalitismo alentejano, incluindo uma mamoa de terra e pedra, uma câmara funerária e respectivo corredor de acesso, sendo que no esquema arquitectónico se insere uma componente semi-subterrânea, em que foi implantada a câmara e o corredor.

Apresentava uma câmara de forma poligonal, de tamanho médio, e um corredor pouco demarcado. Dos onze esteios originais, sete na câmara e quatro no corredor apenas se preservaram oito, sendo cinco na câmara e três no corredor. O corredor do monumento encontrava-se orientado a nascente, sensivelmente a 99°, de acordo com a esmagadora maioria dos monumentos megalíticos funerários conhecidos no actual território alentejano.

A estrutura da mamoa apresentava-se igualmente afectada. As suas componentes preservadas revelaram uma estrutura com um diâmetro de cerca de doze metros, composta por blocos de grauaque e com uma demarcação externa através de pedras colocadas em cutelo e coberta por uma camada argilosa.



Figura 3 – Vista geral do monumento.

##### 4.1 Câmara

A câmara funerária era originalmente constituída por sete esteios, de grauaque local, dos quais se preservaram apenas cinco, faltando o da cabeceira (apesar de terem sido identificado o seu alvéolo de implantação e respectivos calços) e um de ligação ao corredor, do seu lado norte.

Os principais problemas de preservação observados nos esteios estavam relacionados com uma colonização biológica de grandes dimensões, composta por um sobreiro cujas raízes prendiam três esteios; líquenes de cor branca, amarela e negra, visíveis nas áreas que estavam ao ar livre aquando do início dos trabalhos sobre o monumento, representando cerca de 40 % da superfície total.

Tabela 1 – Descrição dos esteios da câmara.

Esteio	UE	Forma	Altura	Largura	Estado
1	4	Sub-rectangular	1,50 m	0,28 m (topo) 0,29 m (base)	Fracturado
2	5	Sub-rectangular	1,22 m	0,83 m (topo) 0,32 m (base)	Fracturado
3	6	Sub-rectangular	1,46 m	1,20 m (topo) 0,32 m (base)	Fracturado
4	7	Base afeiçãoada	1,17 m	0,64 m (topo)	
8	8	Ovalado	1,54 m	0,85 m (topo) 0,30 m (base)	Fracturado

Tabela 2 – Descrição dos esteios do corredor.

Esteio	UE	Base	Altura	Largura (base)	Estado
6	24	Em V	1,10 m	0,77 m	Fracturado
7	25	Em V	0,29 m	0,70 m	Bastante Fracturado
8	35	Em V	1,15 m	0,20 m	Mau Estado



Figura 4 – Vista geral da câmara e corredor.



Figura 6 – Pormenor do limite do *tumulus*.



Figura 5 – Vista geral do corredor.



Figura 7 – Pormenor do *tumulus*.

A grande maioria dos esteios apresentava lascagem com separação parcial ou total de elementos. Esta patologia é típica das rochas de natureza xistosa quando expostas a ciclos de variações de humidade e temperatura significativos.

Também os depósitos de terra provenientes do terreno em que o monumento se implantava e acumulados nas zonas de lascagem e fractura dos esteios potenciou a degradação da estrutura arquitectónica.

#### 4.2 Corredor

O corredor estava preservado em quase toda a sua extensão. Não excedia os 3m de comprimento, nem uma largura de 1.5m. A micro-sondagem efectuada em fase de diagnóstico sugeria que a base do corredor se encontrava a cerca de 30 cm de profundidade, informação confirmada durante os trabalhos de escavação integral. Dos quatro esteios presentes originalmente, restavam *in situ* apenas 3.

#### 4.3 *Tumulus*

O *tumulus* [11] era constituído por pedra e terra [2] e envolvia a câmara e o corredor.

Sofreu, ao longo dos anos, o efeito dos trabalhos agrícolas intensivos levados a cabo naquele terreno antes do uso do solo se limitar à plantação de sobreiros.

Apesar de pouco expressivo nas áreas preservadas, foi possível proceder à delimitação da estrutura do *tumulus* e à sua caracterização geral. O enrocamento de base era mais evidente junto aos esteios onde se encontrava envolvido por terras mais argilosas do que aquelas que se identificaram nas suas áreas envolventes.

A estrutura pétreia estendia-se, em média, 4m em redor das áreas contíguas à câmara funerária. Surgia relativamente preservada ao nível da sua base de arranque, apresentando uma espessura não superior a 0,5m.

Nas zonas onde este se encontrava em melhor estado de preservação, foi possível distinguir a existência de lajes posicionadas em forma de cutelo a marcar o limite da estrutura. O depósito de cor alaranjada e compacto [2] envolvia e cobria as pedras utilizadas na construção da mamoa. Incluía algumas lascas de sílex e pequenos blocos de quartzo.

O tumulus cobria directamente o substrato rochoso, que não apresentava qualquer tipo de regularização prévia à sua construção.

### 5. A utilização do sepulcro e seu faseamento

A primeira fase considerada corresponde à construção do monumento. Nesse sentido, foram abertos no substrato rochoso alvéolos para a implantação dos esteios, na maioria dos casos individuais, com excepção do esteio do corredor [24], para o qual se identificaram somente os calços. Apenas a abertura do alvéolo [27] foi realizada de forma a englobar dois esteios do corredor [4] e [35], assim como o da câmara lateral (sul). Após a inserção dos esteios nos alvéolos, foram colocados calços para preenchimento dos espaços vazios. A escavação arqueológica demonstrou que nalgumas situações os calços foram colocados anteriormente à implantação dos esteios nos alvéolos, como forma de preparação e estabilização dos mesmos. Os alvéolos dos esteios do lado norte do monumento eram os que apresentavam uma menor profundidade, tendo sido desta forma colmatados pela existência de calços de maior dimensão. Foi ainda verificado que alguns dos esteios se apresentavam afeiçãoados na base para assegurar um melhor encaixe do mesmo no seu alvéolo.

Em termos de materiais arqueológicos atribuíveis a esta fase, apenas foram recolhidos alguns restos de talhe no enchimento de um dos alvéolos [28].

As primeiras utilizações funerárias terão decorrido pouco tempo após a construção do sepulcro. No entanto, dadas as afectações resultantes de acções enquadradas nas subsequentes fases de uso, desses momentos iniciais restaram poucos vestígios.

De facto, a segunda fase [23] definida está patente num depósito do qual foram recolhidos alguns elementos de pedra talhada (lâminas e uma ponta de seta) e um pequeno vaso de bordo simples, encontrado praticamente inteiro mas fragmentado *in situ*. Nestes contextos, não foram identificados quaisquer vestígios de ossos humanos.

A terceira fase foi definida a partir de vestígios relacionados com um momento de abandono e/ ou destruição do monumento e atestada pela presença de vários pequenos derrubes [26] e [42] que poderão corresponder a uma remodelação da arquitectura original do monumento.

A quarta fase terá sido prolongada no tempo, a avaliar pelos materiais registados, [19], que terão alguma mistura com materiais mais antigos. A ela associados foram identificadas uma placa de xisto decorada inteira e fragmentos de outra,

um fragmento de lâmina de cobre, uma taça em calote com decoração campaniforme incisa integrável no grupo de Palmela, lâminas retocadas e segmentos de lâminas em sílex, pontas de seta de base côncava, machados de pedra polida (um deles de duplo gume) e alguma indústria microlítica em sílex.



Figura 8 – Vista Geral após remoção dos esteios.



Figura 9 – Pormenor de calços de esteio do corredor.



Figura 10 – Pormenor dos calços do esteio de cabeceira.



Figura 11 – Topo da [23].



Figura 12 – Vaso simples [23].



Figura 13 – Derrubes [26] [42].

Este conjunto artefactual pode ser revelador de uma longa utilização temporal do monumento, sendo desse facto evidência a integração de elementos funerários mais antigos na sua reutilização em época campaniforme. O aparente repolimento registado na placa de xisto, quer na sua face superior quer de um dos seus lados, pode apontar nesse sentido. No entanto, tais diferentes momentos de uso do sepulcro nesta fase, em que não foram identificados vestígios de ossos humanos, não tem expressão clara na estratigrafia observada pelo que se torna difícil avançar com atribuições cronológicas finas.

A última fase de vida da Anta dos Enxacafres (Fase 5) foi identificada no interior da câmara funerária, com prolongamentos para a zona do corredor e corresponde à sua fase de abandono e à sua utilização como zona de despejo de blocos pétreos provenientes do tumulus, no âmbito da actividade agrícola concretizada no local. Por entre os blocos pétreos surgiram alguns elementos de pedra talhada (lâminas, lamelas e ponta de seta) provavelmente fruto dos revolvimentos a que os depósitos superiores do monumento (câmara funerária e corredor) foram sujeitos.



Figura 14 – Vista geral da deposição junto aos esteios do corredor [19].

## 6. Análise Paleoambiental

Dada a pertinência da realização de estudos paleoambientais em depósitos recolhidos nas estruturas escavadas durante os trabalhos de arqueologia da Anta dos Enxacafres, foi realizada uma visita ao local por parte da Dra. Randi Danielsen do Laboratório de Arqueociências (do então IGESPAR, IP) com vista à recolha de amostras para posterior análise laboratorial.

Os resultados preliminares incidiram numa fracção de duas das amostras recolhidas. Uma, retirada do interior da câmara do sedimento correspondente à primeira fase de utilização funerária do monumento [23] e outra do interior do vaso recolhido 6-10 cm abaixo superfície daquele contexto.

Ambas as amostras continham sementes. Foram identificadas duas espécies nesta análise preliminar: sementes de hipericão (*Hypericum*) e de quenopódio (*Chenopodium*). Os sedimentos também integram muitos fragmentos de ossos e de conchas. A amostra do vaso continha uma concentração de conchas mais elevada do que a amostra do interior da câmara. O resultado da análise dos macrofósseis mostrou claramente a boa preservação de sementes nos sedimentos deste sítio arqueológico.

Assim, e apesar de preliminar, esta análise paleobotânica foi reveladora do potencial informativo que este tipo de abordagens pode ter, sobretudo no que se refere às tradições funerárias e modos de vida das populações, podendo fornecer dados importantes sobre a alimentação (o quenopódio foi utilizado como alimento em outros partes da Europa, e por exemplo, sementes desta planta foram encontradas no estômago do homem do Tollund) e sobre a utilização de plantas para outros efeitos (medicinais, etc.).

## 7. Desmonte dos Esteios

Os trabalhos de desmonte dos esteios da câmara e corredor do monumento foram realizados no final dos trabalhos de escavação arqueológica. Estes trabalhos possibilitaram, por



Figura 15 – Pormenor de acções de referênciação e desmonte dos esteios.

um lado, preservar a referida materialidade, permitindo a sua remontagem futura e a total exposição dos alvéolos de implantação dos esteios aprofundando assim a sua caracterização. A realização de tais trabalhos assentou num conjunto articulado de tarefas de modo a garantir a preservação dos elementos de pedra bem como possibilitar uma remontagem correcta dos elementos da estrutura.

Após a avaliação do estado de preservação geral do monumento foi levada a cabo uma acção de referênciação e preservação da integridade dos esteios. A referênciação foi realizada através do preenchimento de fichas de objecto arqueológico devidamente protegidas e presas aos esteios com fita-cola. A fita-cola foi igualmente utilizada para manter as lascas em risco de se soltarem no local original. Como reforço foi utilizada corda de nylon.

O desmonte efectivo dos esteio realizou-se através do levantamento dos esteios da anta, por intermédio de meios manuais (cintas, alavancas e cunha) e mecânicos (apoio de retro escavadora) para tracção e suspensão dos esteios.

O aspecto mais complexo desta fase foi o retirar dos esteios que se encontravam presos pela raiz do sobreiro. Nestes caso foi necessário cortar e desbastar as principais raízes bem como arrancar com a retro escavadora a raiz de modo a desencaixar um elemento que estava em grande parte já sob a raiz.

Terminado o desmonte dos esteios do monumento procedeu-se a uma limpeza prévia dos sedimentos mais desagregados. Esta foi realizada numa primeira fase a seco e depois com água e escovagem simultânea. Com estes trabalhos removeram-se os depósitos terrosos acumulados sobre as superfícies.

Seguiu-se um a tratamento de biocida. Este foi realizado a partir da aplicação por pincelagem de uma solução de Preventol R 80. No final os ortoestatos foram cobertos com tela. Pretendeu-se, assim, exterminar a colonização biológica que na sua grande maioria desaparece com a ausência de luz.

Os esteios foram depois transportados e depositados nas instalações da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, tendo ficado colocados sobre calces de madeira e protegidos como anteriormente referido.

## 8. Sepulcro II dos Enxacafres

Durante os trabalhos arqueológicos levados a cabo na Anta dos Enxacafre foi identificada uma possível sepultura integrada na mamoa do monumento, selada parcialmente por uma laje.

Esta sepultura, inicialmente escavado na rocha, apresentava uma forma oval, com paredes moderadamente regulares e cerca de 0.60 m de profundidade máxima.

Após a sua construção e eventual uso, esta sepultura terá passado por uma fase de abandono e/ou destruição expressa na presença de um derrube composto por blocos pétreos de dimensões variadas [43]. O facto de alguns destes elementos se encontrarem afeiçoados, aponta para a sua provável utilização como pequenos esteios, integrados na arquitectura original do monumento.



Figura 16 – Sepilcro II.



Figura 17 – Plano final do Sepulcro II.



Figura 18 – Sepulcro II [43].

A estrutura terá sido reutilizada após a sua reformulação arquitectónica. Assiste-se desta forma à abertura de uma pequena vala no interior do monumento, a qual é preenchida por um depósito muito argiloso que apresentava uma quantidade significativa de carvão.

Após o enchimento desta pequena vala, o monumento terá sido novamente selado por uma laje rodeada por um alinhamento pétreo.

Apesar do carácter aparentemente funerário desta estrutura a ausência total de materiais arqueológicos e elementos osteológicos no seu interior dificulta a sua interpretação.

## 9. Os materiais da Anta dos Enxacafres

### 9.1 Materiais da Fase 2 - UE 23

Corresponde aos primeiros momentos de deposição funerária na câmara. Foram recolhidos alguns elementos de pedra talhada (2 lâminas e uma ponta de seta) e um pequeno vaso hemisférico de bordo simples, encontrado praticamente inteiro mas fragmentado *in situ*.

#### Pedra Talhada

##### Ponta de Seta - nº 53

Ponta de seta em sílex, inteira, triangular de base côncava com secção longitudinal recta com extremidade distal ligeiramente arqueada e secção transversal triangular. Comprimento máximo de 2cm, até à base de 1.8 cm, largura máxima de 1cm e espessura máxima de 0.15 cm.

##### Fragmento de Lâmina - nº56

Fragmento mesial de lâmina de sílex de secção longitudinal recta e secção transversal trapezoidal. Comprimento máximo de 3.8 cm, largura máxima de 1.9cm, espessura máxima de 0.5 cm.

##### Fragmento de Lâmina - nº63

Fragmento distal de lâmina de sílex de secção longitudinal recta extremidade distal ligeiramente arqueada e secção transversal trapezoidal. Comprimento máximo de 2.8 cm, largura máxima de 1.7 cm, espessura máxima de 0.5 cm.

### 9.2 Materiais da Fase 4 - UE 19

Corresponde ao último momento de utilização funerária do monumento [19] com a presença de uma pequena taça de cerâmica com decoração incisa, tipo Palmela. Integra elementos materiais aparentemente mais antigos que poderão ter sido reutilizados nesta fase. Apresentamos uma síntese descritiva dos principais artefactos identificados.

#### Pedra Talhada

##### Ponta de Seta - nº32

Ponta de seta em sílex, inteira triangular de base côncava com secção longitudinal recta e secção transversal triangular. Comprimento máximo de 2.9 cm, até à base de 2.5 cm, largura máxima de 1.9 cm e espessura máxima de 0.2 cm.

##### Fragmento de Lâmina - nº42

Fragmento mesial de lâmina de sílex de secção longitudinal recta e secção transversal trapezoidal. Comprimento máximo de 3.3 cm, largura máxima de 1.7 cm, espessura máxima de 0.4 cm.

#### Pedra Polida

##### Machado - nº 38

Trata-se de um machado completo em anfífolito. Apresenta um comprimento de 22.5 cm, uma largura máxima de 4.8 cm e uma espessura máxima de 2.8 cm. A secção transversal é quadrangular, a longitudinal é sub trapezoidal

convergente para o talão. O polimento é essencialmente no gume com ligeira invasão dos flancos. Gume em linha simples, simétrico, convexo e intacto.

#### Machado - nº 34

Pequeno machado completo de uma matéria-prima de indeterminada. Apresenta um comprimento de 14.5, uma largura máxima de 3.5 cm e uma espessura máxima de 1.5 cm. A secção transversal é quadrangular e a longitudinal convergente para o talão. O polimento é integral. Gume em linha simples, convexo e intacto.

#### Machado (2 gumes) – nº 39

Trata-se de um objecto completo em anfibolito com duplo gume. Apresenta um comprimento de 15 cm, uma largura máxima de 2.5 cm e uma espessura máxima de 1.5 cm. A secção transversal é sub circular, a longitudinal é paralela convergente para os dois gumes. O polimento é integral. Duplo gume simples, convexo e intacto.

#### Placas de Xisto

##### Placa de Xisto - nº 37

Trata-se de uma placa em xisto completa onde já quase não são visíveis os motivos decorativos. Apresenta uma forma trapezoidal, altura de 15 cm e uma estrutura decorativa bipartida que se encontra apenas numa das faces da placa. Tem uma perfuração única, cónica e ligeiramente descentrada. A decoração é apenas claramente perceptível na zona do topo da placa. O lado esquerdo apresenta quatro bandas de tendência horizontal/descendente preenchidas com reticulado. Do lado direito apenas é visível uma banda, do mesmo tipo. A gola, triangular é formada por linhas duplas de ambos os lados.

Em relação ao corpo da placa, apresenta três faixas horizontais bem demarcadas onde é possível distinguir, na do fundo, três triângulos, não preenchidos. A placa parece resultar de uma reutilização. A aresta direita parece ter sido re-polida o que explica não só a diferença no comprimento das bandas do lado direito e as do lado esquerdo como o carácter descentrado da perfuração.

##### Fragmentos de Placa de Xisto - nº 5, 12 e 15 (e nº 14?)

Trata-se de um fragmento da parte superior de uma placa em xisto. Os três fragmentos colam entre si. Apresenta uma forma tendencialmente trapezoidal e uma estrutura decorativa bipartida que se encontra apenas numa das faces da placa. Tem visível apenas uma perfuração, cónica. A decoração é claramente perceptível na zona do topo da placa que sobreviveu, o lado direito. Pode observar-se uma banda horizontal preenchida com reticulado encostada ao topo superior da placa. A gola, triangular e curta é formada por uma linha única. O topo está separado do corpo por uma faixa horizontal estreita preenchida com motivo espinhado. No corpo da placa é visível apenas a primeira faixa horizontal bem demarcada onde se formam triângulos preenchidos com linhas diagonais.

#### Cerâmica

##### Fragmentos de vaso campaniforme - nº 17 e 20

Fragmentos de taça com decoração incisa, de tipo Palmela. Apresenta bandas de linhas finas paralelas intercalando com bandas reticuladas. A banda mais perto do bordo e a última apresentam, a limitar respectivamente o limite superior e inferior da zona decorada, uma linha quebrada envolvendo linhas diagonais.

Tabela 3 – Materiais arqueológicos.

Artefacto	Nº Artefacto por Unidade Estratigráfica												
	UE 1	UE 2	UE3 4	UE 9	UE 11	UE 15	UE 18	UE 19	UE 21	UE 23	UE 28	UE 40	UE 41
Bordo								5		1			
Carena								1					
Bojo	2	8	4	2	10		1	28		11	1	1	
Vaso										1			
Cerâmica Campaniforme								1					
Lâmina Sílex		2	2					1	1	2			
Lamela Sílex		2	1	1	1							1	
Núcleo Sílex		2		1									
Lasca Sílex/Esquirola		2		4	2				1		1		
Restos Talhe		2	3	2	2			3			3		1
Ponta de Seta			1					1	1	1			
Lasca Sílex													
Machado								3					
Enxó													
Placas de Xisto								1					
Fragmentos Placa Xisto								4					
Seixos				1	2	1							
Quartzo	6	27	10	32	48								
Metal		1											



Figura 19 – Materiais da Fase 2 [23]: vaso hemisférico de bordo simples (nº62), segmentos de lâmina (nº 56, nº63) e ponta de seta (nº53).



Figura 19 – Materiais da Fase 4 [19]: pedra polida (nº 38, nº 34, nº39), placas de xisto (nº37, nºs 5, 12 e 15), recipiente campaniforme.

## 10. Nota Final

Para além de um grau de preservação bastante elevado, imperceptível anteriormente devido ao facto do coberto vegetal intenso tornar impossível qualquer leitura espacial e análise específica, esta anta reveste-se de uma importância acrescida pelo facto destes monumentos não serem comuns na região. De facto, o megalitismo, um fenómeno cultural de enorme importância para a maioria das comunidades da pré-história recente do actual território português é, no Sul de Portugal, bem conhecido nas regiões mais interiores, nomeadamente nos distritos de Évora e Portalegre, evidenciando uma forte tradição funerária atestada por uma densa rede de monumentos; em contrapartida, no Alentejo Litoral, com características culturais menos conhecidas porque menos estudadas, a tradição do megalitismo funerário é menos expressiva e, de momento, menos densa em termos numéricos, particularmente na área envolvente ao monumento de Enxacafres.

A identificação deste monumento, já no interior da serra de Grândola abre renovadas possibilidades de investigação ao megalitismo regional, em particular em relação a uma segunda linha, mais interior, relativamente à costa onde se localizam a maioria dos sepulcros deste tipo conhecidos nesta região.

Trata-se de um monumento de fundação seguramente neolítica, mas com uma longa diacronia de utilização, que se integra no grupo megalítico da serra de Grândola, situando-se sensivelmente de forma equidistante entre os núcleos de monumentos do Lousal e dos Montes de Algeda/Boiças a Este, do núcleo de Grândola, a nordeste, e do núcleo de monumentos e grutas naturais com utilização funerária da zona de Melides, a Oeste (Leisner e Leisner, 1959; Ferreira et al., 1993). A sua reutilização final, com campaniforme inciso, poderá ser relacionada com outras que se verificam neste grupo megalítico, como evidenciam os monumentos da Pedra Branca (a cerca de 9km a Oeste de Enxacafres) com campaniforme inciso, ou Lousal 1, que forneceu um braçal de arqueiro e uma ponta tipo Palmela.

A sua descoberta numa área geográfica mal conhecida em termos arqueológicos, ocorreu no âmbito de um processo de avaliação de impactes ambientais, sendo por isso mesmo reveladora das limitações dos programas de investigação implementados anteriormente. É evidente que uma arqueologia das paisagens assim (des)enquadrada tem sempre limitações decorrentes dos questionários prévios que são tendencialmente reactivos e consequência da aplicação de medidas de minimização muito localizadas, neste caso a um traçado definido para uma infraestrutura rodoviária. Sem enquadramento concreto em projectos de investigação fundamental, estes processos arqueológicos podem contudo ser assumidos como geradores de novas perguntas e motivadores de novos pontos de partida para projectos de investigação a implementar.

Apesar de no corredor da área de trabalho em que este sepulcro foi descoberto não terem sido identificados outros

monumentos do mesmo tipo, o seu estudo decorrente de uma escavação arqueológica integral, incluindo a remoção de todos os seus elementos arquitectónicos, é demonstrativo das potencialidades que encerra o território genericamente enquadrado pela Serra de Grândola. Espaço de fronteira entre o litoral e interior alentejano, continua a ser escassamente conhecido, devendo contudo de futuro ser objecto de maior atenção por parte de investigadores.

## Bibliografia

- BARKER, P. (1993), *Techniques of Archaeological Excavation*, London, Routledge.
- FERREIRA, Carlos Jorge et al. (1993), *O Património Arqueológico do Distrito de Setúbal. Subsídios para uma Carta Arqueológica*, Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, Setúbal.
- LEISNER, G. e V. (1959), *Die megalithgrber der iberischen halbinsel: der westen*, Berlin, Madrider Forschungen I, 2.
- MIGUEL, LÚCIA et al. (2012), *Relatório Final Escavação Integral da Anta dos Enxacafres, Santiago do Cacém, Omniknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.*



# A COMPONENTE EM PEDRA LASCADA DOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS 1 E 2 DO COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)<sup>1</sup>

Margarida Mendonça <sup>2</sup>  
António Faustino Carvalho <sup>3</sup>

## Resumo:

Neste trabalho apresentam-se os resultados da análise tecnológica e classificação tipológica realizadas sobre a componente de pedra lascada dos Monumentos Funerários 1 e 2 do Complexo Arqueológico dos Perdigões, ambos datados do segundo quartel do III milénio a.C. Entre outros aspetos, foi possível observar a exclusividade de peças acabadas (lâminas, pontas de seta e grandes foliáceos), parte significativa das quais fabricada com matérias-primas exógenas (sílex, calcário oolítico silicificado), indicando assim a integração deste complexo em redes de contacto a longa distância. Verificou-se também que parte das oferendas funerárias foi deliberadamente fabricada para este fim (é o caso das pontas de seta em xisto).

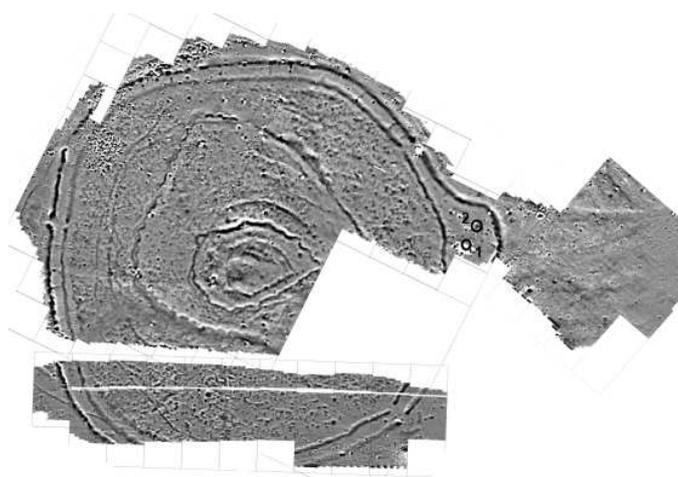
## Abstract:

### Knapped stone materials from the funerary monuments 1 and 2 of Archaeological Complex of Perdigões (Reguengos de Monsaraz)

In this work the results of technological analysis and typological classification of knapped stone tools from the Funerary Monuments 1 and 2 of the Archaeological Complex of Perdigões are presented. Both contexts are radiocarbon dated to the second quarter of the 3rd millennium BC. Among other aspects, it was possible to observe that finished tools are exclusive in the assemblage (blades, arrow points and larger foliates), being most of them made with exogenous raw materials (flint, silicified oolithic limestone), thus integrating this complex in long-distance networks. It was also observed that part of the grave goods was specifically made to this purpose (this is the case of schist arrow points).

## 1. Introdução

A investigação cujos resultados se apresentam neste texto teve lugar como parte integrante do Programa Global de Investigação dos Perdigões estabelecido em 2008, mais especificamente na linha de investigação dedicada ao estudo dos ambientes funerários que então se designou por Produções Líticas nos Perdigões. Portanto, o seu objetivo principal foi o estudo de uma componente particular das oferendas funerárias: a pedra lascada. Este estudo acabaria por incidir unicamente nos materiais exumados dos Monumentos Funerários 1 e 2 — doravante designados abreviadamente por MF1 e MF2 — e resultar na elaboração de uma dissertação de mestrado apresentada em 2012 à Universidade do Algarve (Mendonça, 2012).



<sup>1</sup> Trabalho integrado no âmbito do Programa Global de Investigação dos Perdigões (INARP).

<sup>2</sup> Investigadora independente (gduxa@hotmail.com).

<sup>3</sup> Universidade do Algarve, FCHS, Campus de Gambelas, 8000-117 Faro (afcarva@ualg.pt).

Figura 1 – Localização dos Monumentos Funerários 1 e 2 no conjunto do Complexo Arqueológico dos Perdigões (no magnetograma segundo Valera *et al.* 2014).

Os MF1 e MF2 do complexo arqueológico dos Perdigões localizam-se no limite Este do recinto de onde deriva o topónimo, num sector que terá sido especificamente selecionado para o efeito e demarcado fisicamente através de um alargamento do perímetro do seu fosso exterior, que criou um espaço interno (entre aquele fosso e o segundo) de planta semicircular onde se encontram os monumentos funerários objeto de estudo (Fig. 1). A prospeção superficial deste sector revelou um terceiro sepulcro — que foi objeto apenas de remoção do nível superficial remexido e de delimitação do seu perímetro (Valera et al., 2007) — e a existência de outros em número indeterminado, provavelmente quatro. Esta localização particular dos sepulcros coincide com o eixo que, partindo do centro do recinto de fossos, coloca com a mesma orientação o recinto menírico (que também existe neste local) e, no território em frente, o vale da ribeira do Álamo e o monte de Monsaraz. Este posicionamento, que não é casual, deverá estar relacionado com o tradicional simbolismo neolítico atribuído aos quadrantes onde o sol nasce.

De acordo com os dados de terreno obtidos durante a sua escavação (que decorreu entre 1997 e 2006), os MF1 e MF2 são sepulcros soterrados, com paredes construídas através da aplicação de lajes de xisto na vertical, e com uma superestrutura original cuja natureza e técnica construtiva não se encontra ainda hoje cabalmente esclarecida, uma vez que não existem vestígios de derrubes de falsas cúpulas de pedra nem evidências de outro tipo de cobertura, facto que arquitetonicamente afasta estes sepulcros das tholoi clássicas. Um conjunto de oito determinações de radiocarbono (quatro para cada monumento funerário), obtidas a partir de restos humanos, indicou um período de utilização de ambos os sepulcros compreendido entre cerca de 2800 e 2500 cal BC (Valera et al., 2014), ou seja, em torno do segundo quartel do III milénio a.C.

Entre as oferendas funerárias exumadas contam-se, para além da pedra lascada objeto de análise neste trabalho, recipientes em cerâmica, raros objetos em metal (mas entre os quais se incluem folhas de ouro), conchas de diversas espécies marinhas, artefactos muito variados sobre matéria dura de origem animal (placas e caixas decoradas, lúnulas, pentes, ídolos, figurinhas antropomórficas e zoomórficas, etc.), e elementos de adorno pessoal. Neste último conjunto, a presença de conchas de espécies marinhas com origem no litoral atlântico (Valera et al., 2007), contas fabricadas em variscite proveniente da jazida de Pico Centeno, no sector noroeste da província espanhola de Huelva (Odrizola et al., 2010), e marfim de elefante africano (Valera et al., 2015), indicam a existência de redes de troca a longa, ou mesmo muito longa, distância (para uma síntese e discussão das suas implicações, ver Valera, s.d.). É neste capítulo que se deve incluir a verosímil identificação de calcário oolítico silicificado entre o material lítico ora estudado (Mendonça, 2012), cuja análise será retomada nas conclusões.

O estudo do talhe da pedra nos Perdigões teve início logo aquando da preparação da sua primeira publicação (Lago et al., 1998). Com efeito, esse artigo incluiu duas secções distintas sobre este tema: uma sobre os conjuntos do Sector

3 provenientes de unidades estratigráficas não afetadas pela surribea que remexeu os estratos superiores do sítio (Almeida, 1998); outra sobre a análise dos materiais exumados no ano de 1997 no MF1 (Carvalho, 1998), onde foi possível no entanto estabelecer já algumas pautas mais gerais dos padrões que viriam a ser obtidos no estudo mais completo realizado no âmbito da tese de mestrado a que se fez referência acima (Mendonça, 2012). Apesar de nesta última se ter procedido também à distribuição espacial dos artefactos líticos no interior de ambos os sepulcros e de se ter realizado uma integração comparativa com os dados disponíveis para o Calcolítico do Sudoeste, partindo em grande medida dos trabalhos do casal Leisner (1951), o objetivo do presente texto é, essencialmente, o de providenciar uma base tecnopológica das duas grandes categorias líticas — os produtos alongados (lâminas e lamelas) e as peças foliáceas (pontas de seta e grandes bifaces) — que compõem o conjunto. Esta base tecnopológica poderá servir como modelo de partida para estudos sobre estas classes tipológicas que se venham a realizar no futuro no Complexo Arqueológico dos Perdigões ou noutras realidades calcolíticas similares da região alentejana.

## 2. Produção laminar

No total, inventariam-se 98 suportes alongados provenientes de ambos os sepulcros, os quais correspondem a 90 lâminas e oito lamelas (cuja separação se fez a priori através do critério convencional dos 12 mm de largura), com a distribuição por matéria-prima e por sepulcro que se podem observar na Tabela 1.

### 2.1. Matérias-primas

Neste domínio da classificação das matérias-primas, há que referir que as propostas avançadas partiram de análises macroscópicas das peças, tendo a litologia das mesmas sido definida a partir de observação diretamente a olho nu ou com recurso a lupa binocular. Isto significa que haverá inerentemente uma margem de erro, conquanto indeterminável, mas que se pode considerar agravada pelo elevado grau de alteração que algumas peças apresentam.

Ambos os sepulcros revelaram maioritariamente conjuntos de sílex (MF1=60,4%; MF2=66,7%), em que uma parte corresponderá a sílex oolítico (ver conclusões), seguidos pelo cherte (MF1=9,3%; MF2=8,3%) e quartzo hialino (MF1=8,3%; MF2=8,2%), a que se juntam outras matérias-primas representadas por percentagens ainda mais reduzidas, tais como o anfíbolito (2,3%), o diorito (2,3%) e o jaspe (1,2%)<sup>1</sup>. A alteração que se observa nalgumas peças (cerca de 16,5%, no conjunto dos dois sepulcros) manifesta-se num aumento significativo da porosidade da rocha (por vezes abrindo fissuras), na diminuição do seu peso e, sobretudo, na alteração das suas colorações originais, que

<sup>1</sup> Trata-se da matéria-prima por vezes (erroneamente) designada por “xisto jaspóide” na literatura arqueológica portuguesa como, por exemplo e desde logo, no primeiro estudo sobre os materiais líticos destes monumentos funerários (Carvalho, 1998).

se homogeneizaram em tons variando entre o bege esbranquiçado e o amarelo pálido. Este processo inicia-se claramente de fora para dentro, como atestam algumas peças cujo miolo apresenta cores e texturas diferentes das zonas mais superficiais, mas mais próximas da litologia original. As causas específicas destas alterações parecem poder resultar principalmente de exposição a temperaturas mais ou menos elevadas, resultando na calcinação superficial das peças; assinala-se, a este respeito, que os processos deverão ter sido similares em ambos os sepulcros, pois não se observaram diferenças a este nível entre os materiais de um e outro.

Considerando o tipo de contexto em estudo — ambientes funerários onde diversas práticas e rituais terão tido lugar — é possível elencar tentativamente duas explicações para a presença de tais alterações. A primeira seria a realização de fogos de higienização e/ou rituais realizados no interior dos sepulcros, como foi já observado em outros locais do mesmo período. No entanto, constatou-se durante a escavação destes sepulcros que “relativamente ao fogo, praticamente não existem sinais verificáveis nos ossos ou em qualquer categoria de artefactos” (Valera et al., 2000: 96), o que obriga a afastar esta hipótese, tal como formulada. Com efeito, e acordo com os mesmos autores, os indícios da prática de fogo no MF1 resumem-se a uma estrutura de barro e restos de terra queimados identificados no átrio. Acresce a este óbice o facto de não se terem reconhecido evidências semelhantes no MF2 e de apenas uma quantidade muito reduzida de pontas de seta — MF1=27 (9,5%), MF2=2 (2%) — se apresentar com o mesmo tipo de alterações.

Porém, tratando-se de deposições funerárias secundárias em ambos os sepulcros, é plausível avançar uma segunda explicação: a de que os objetos possam ter sido deslocados do seu local de deposição primária, acompanhando os restos ósseos, e que o processo de alteração mineralógica observada possa ter ocorrido nesse/s local/is exterior/es, e não no interior dos monumentos funerários de onde viriam a ser exumados em escavação. E, de facto, o modelo interpretativo geral que tem vindo a ser proposto para as práticas funerárias e rituais que teriam lugar no Complexo Arqueológico dos Perdigueiros (Valera et al., 2014) autoriza que se contemple esta hipótese como a mais provável (ver conclusões).

## 2.2. Morfologia e tecnologia

No que concerne às características dimensionais desta classe artefactual (Tabela 2), os cálculos sobre o comprimento limitam-se a 18 lâminas e sete lamelas, as únicas inteiras no MF1, e a uma lâmina e uma lamela intactas do MF2, o que condiciona as ilações a retirar.

Quanto à largura e espessura, atributos que se podem quantificar em todas as peças independentemente do seu estado de fragmentação, o primeiro facto a destacar é a tendência para as grandes dimensões. Como se pode verificar no cálculo das dimensões médias, estamos perante um conjunto laminar robusto que não foge aos padrões

morfométricos obtidos noutros locais da mesma época. Porém, no que respeita ao comprimento, o elevado desvio-padrão obtido para o MF1 sugere que a produção laminar parece não ter obedecido a uma normalização dimensional, conquanto o reduzido número de peças possa estar a enviesar os resultados obtidos.

Através do cruzamento dos dados do comprimento e respetivas larguras estabeleceram-se padrões métricos numa tentativa de sintetizar essa variabilidade dimensional em agrupamentos naturais. A definição de “lâmina muito grande”, avançada por Pelegrin (2006), serviu apenas para determinar o comprimento do Grupo I, enquanto os restantes não seguiram qualquer critério já publicado e resultam diretamente das dimensões observadas nestes dois conjuntos. Assim sendo:

- O Grupo I integra os suportes que superam os 20 cm de comprimento e os 2,2 cm de largura. No MF1, existem três lâminas que se encaixam nestes critérios; o MF2 dispõe apenas de um exemplar inteiro (20,08 cm × 3,37 cm) e um fragmento cujas dimensões (5,24 cm × 1,25 cm) deixam entrever uma peça de dimensões semelhantes.
- O Grupo II, ou “lâminas grandes”, engloba peças entre os 14 cm e os 20 cm de comprimento. Apresenta, como no grupo anterior, larguras superiores aos 2,2 cm, se se exceparem três lâminas com larguras de 2,09 cm, 2,04 cm e 1,48 cm, respetivamente. O MF1 revelou oito peças pertencentes a este grupo.
- O Grupo III engloba as “lâminas médias”, que apresentam entre 6 cm e 14 cm de comprimento, mas com larguras inferiores a 2,2 cm. No MF1, existem nove peças com estas características.

No MF1, cinco fragmentos laminares são remontáveis entre si, e no MF2 apenas dois. Os vários tipos de fracturação observados (nestas e nas restantes peças) indicam que em ambos os sepulcros está representada principalmente a flexão, com 21 exemplares (32,8%) no MF1 e quatro (40%) no MF2. No entanto, estas conclusões devem ser apreendidas com reservas, pois a fracturação observada pode ter sido resultado de perturbações várias, como a pressão e/ou revolvimento das terras, o colapso das estruturas e/ou o pisoteamento, e não de procedimentos técnicos intencionais. Em segundo plano, surgem evidências para fragmentação através de percussão, com três (4,7%) no MF1 e também três (30%) no MF2, estas indubitavelmente associadas a intencionalidade.

No que se refere à distribuição do tipo de talão (Tabela 3), registaram-se no MF1 — o único sepulcro que forneceu peças em número suficiente para tecer considerações quantitativas — valores bastante equilibrados entre talões facetados (n=9; 22,5%) e hiperdiedros (n=8; 20%), aos quais se seguem os talões lineares, lisos e diedros (n=3; 7,5% em cada categoria). Em ambos os sepulcros foi também possível observar alguns casos a remoção

intencional do talão, apresentando estas peças sinais sugestivos de uso como percutores nas extremidades proximais assim obtidas. Trata-se de remoções parciais — MF1=1 (2,5%), MF2=1 (20%) — ou totais (MF1=4; 10%), na maioria das vezes obtidas através de truncatura, como se pode observar num dos exemplares da Figura 2.

É importante assinalar-se a presença, aliás com valores percentuais muito significativos, do que apelidamos “talões hiperdiedros” (Fig. 3). Com efeito, a sua presença nestes contextos do III milénio a.C. parece testemunhar a prática do talhe por pressão recorrendo a compressores com ponta de cobre, se se atender às experimentações levadas a cabo por Pélègrin e Morgado (2007; Pélègrin, 2006). De acordo com estes autores, esta morfologia particular de talão (que designam também por “diedro agudo”) resulta das tarefas de formatação dos núcleos tendo em vista a obtenção de suportes muito normalizados e de grandes dimensões (com comprimentos superiores a 20 cm). Consequentemente, temos assim evidência, neste aspeto também, de processos de importação de material silicioso produzido em oficinas de talhe especializadas.

No que diz respeito à morfologia geral dos produtos laminares (Figs. 4 e 5), foi possível observar uma série de regularidades recorrentes em ambos os conjuntos (mas visíveis principalmente no MF1 dado possuir uma amostra mais representativa), que se podem sintetizar do seguinte modo:

- no MF1, predominam as secções transversais de geometria trapezoidal (n=59; 68,6%) face às de secção triangular (n=17; 19,7%); no outro monumento, os valores são bastantes equilibrados, tendo as peças de secção trapezoidal uma percentagem ligeiramente inferior (n=5; 45,5%) às triangulares (n=6; 54,5%).
- a morfologia longitudinal das peças (observável apenas nos produtos inteiros) indicou valores muito equilibrados entre perfis côncavos (n=4; 26,6%), ultrapassados (n=4; 26,6%) e direitos (n=7; 46,6%) no MF1, tendo-se ainda podido constatar a presença de fenómenos de ultrapassagem em pelo menos oito peças (p. ex., Fig. 4). No MF 2, existe apenas uma peça inteira também com perfil ultrapassado.
- em ambos os sepulcros predominam as lâminas de bordos paralelos — n=25 (71,4%) no MF1; n= (62,5%) no MF2 — sendo que uma parte dessas peças (20% no MF1 e 37,5% no MF2) têm talões mais estreitos que o corpo das peças;
- as nervuras das lâminas são, na sua maioria regulares (ou seja, paralelas entre si), tanto no MF1 (n=60; 80%) como no MF2 (n=10; 90,9%).

Por seu lado, no grupo das lamelas, as suas dimensões médias oscilam entre os 0,53 ± 0,11 cm de largura e os 0,13 ± 0,60 cm de espessura, e o comprimento apresenta uma

média de 2,05 ± 0,60 cm, com um limite mínimo de 1,12 cm e um máximo de 2,86 cm. Dado que a amostra lamelar é muito reduzida (Tabelas 1 e 2), não foi possível estabelecer um cruzamento de dados tão seguro como o realizado com as lâminas. No entanto, pode salientar-se que os talões são maioritariamente facetados (n=4; 10%), aos quais se seguem os lineares e lisos (n=1; 2,5% em cada categoria), sendo de registar a inexistência de talões hiperdiedros neste grupo. Os perfis são sobretudo côncavos (n=3; 50%), seguindo-se os ultrapassados (n=2; 33,4%) e os direitos (n=1; 16,7%). As secções transversais são sobretudo trapezoidais (n=6; 85,7%). Em termos de morfologia geral, predominam as peças com bordos paralelos e talão mais estreito no MF1 (n=6; 85,7%); no MF2, a única lamela existente possui forma biconvexa.

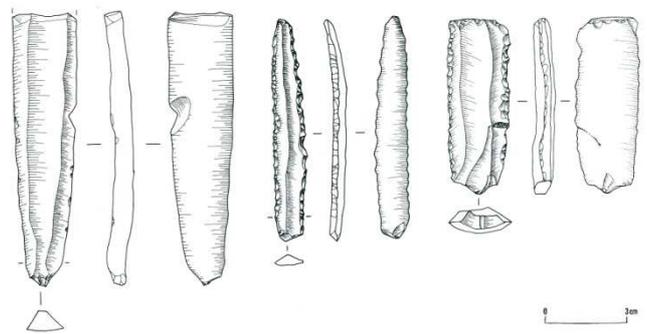


Figura 2 – Lâminas de sílex. A terceira peça foi segmentada através de truncatura..



Figura 3 – Lâminas de sílex com talões hiperdiédricos.

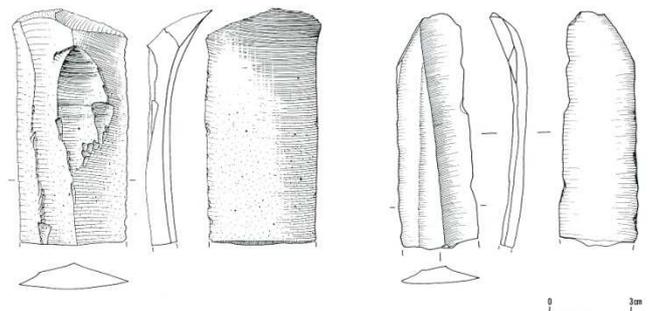


Figura 4 – Lâminas de sílex robustas.

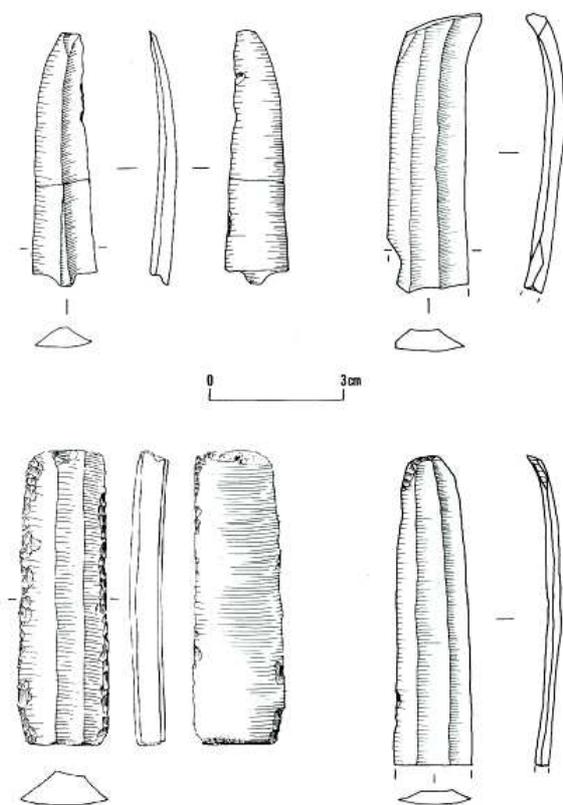


Figura 5 – Lâminas de sílex.

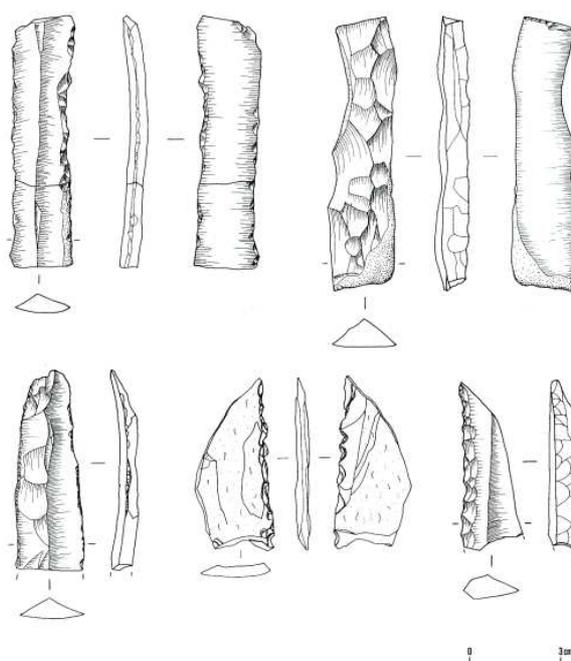


Figura 6 – Lâminas de sílex e denticulados (a peça do canto superior direito é uma lâmina de crista e a peça do meio na fila inferior é em xisto).

### 2.3. Análise tipológica

A maioria das lâminas e lamelas destes sepulcros dos Perdigões apresenta-se retocada, tanto no MF1 como no MF2<sup>2</sup>.

No primeiro sepulcro, uma das peças pode ser classificada como “faca” e as restantes apresentam retoques contínuos ou descontínuos, entalhes, ou ainda denticulados (Fig. 6).

A referida “faca” é em sílex acastanhado semitranslúcido com inclusões beges ou esbranquiçadas. Os bordos são paralelos na maior parte da sua extensão, mas convergem na ponta por aplicação de retoque semiabrupto no anverso e invasor na face inferior. Ambos os gumes apresentam retoque marginal, com sinais evidentes de utilização denunciados pela presença de estrias e pátina de utilização nos gumes, estendendo-se até às nervuras.

Em 72 efetivos laminares, a larga maioria apresenta retoques marginais contínuos (n=53; 73,6%); de seguida vêm as lâminas com entalhes (n=13; 18,1%) e, por último, os denticulados (n=4; 5,5%). A “faca” representa 1,4% da amostra, assim como a única truncatura sobre lâmina existente. Três lâminas possuem retoque abrupto. Existem ainda três fragmentos mesiais de peças de crista (parcialmente corticais) com retoque marginal contínuo. Entre as lâminas há ainda uma peça alongada, em jaspe, com retoque invasor bifacial. O suporte apresenta-se muito irregular, o que exclui uma produção de tipo prismático. Apresenta uma largura máxima de 2,36 cm e uma espessura de 0,61 cm.

No MF 2 verifica-se uma situação semelhante: 81,8% (n=7) das 11 lâminas recolhidas têm retoque marginal contínuo, a que se juntam uma lâmina com entalhe (9,1%) e uma truncatura sobre lâmina (9,1%).

No que respeita às lamelas, no MF1 estas seguem praticamente o padrão das lâminas, pois quatro (57,2%) apresentam retoques marginais contínuos e as restantes três (42,8%) são lamelas com entalhes. No MF2, o único exemplar lamelar também tem retoque marginal contínuo.

### 3. Produção de foliáceos (pontas de seta e bifaces de grandes dimensões)

Quanto aos foliáceos, o conjunto analisado totalizou 381 peças (Tabela 1), uma vez que se decidiu formalmente incluir nesta categoria ampla duas tipologias principais: pontas de seta e peças bifaciais de grandes dimensões. Do MF1 foram estudadas 285 pontas de seta e três grandes bifaces; no MF 2, os exemplares estudados consistiram em 93 pontas de seta.

<sup>2</sup> Nestas considerações não estão incluídas sete lâminas que se encontravam em exposição no Museu Arqueológico do Complexo dos Perdigões à data de realização deste estudo, pois não foi possível proceder à classificação do retoque que apresentam.

### 3.1. Pontas de seta

As matérias-primas utilizadas no fabrico das pontas de seta de ambos os sepulcros são, segundo a análise macroscópica realizada para os restantes materiais líticos (ver acima) e por ordem decrescente de representatividade (Tabela 1), o cherte, o xisto, o sílex, o jaspe e o quartzo hialino. A individualização do jaspe baseou-se na forte tonalidade vermelha que apresenta esta matéria-prima.

Em termos quantitativos, como se pode ver nos gráficos da Figura 2, a maior parte das pontas de seta foi elaborada em cherte, com 126 (44,2%) e 49 (52,7%) exemplares no MF1 e no MF2, respetivamente. O xisto surge em segundo plano, com 112 (39,3%) e 28 (30,1%) exemplares, respetivamente. O sílex, por seu turno, surge em quantidades inferiores, muito provavelmente devido ao facto de ser uma rocha exógena à região. Por outro lado, a presença de quartzo hialino é negligenciável (um único exemplar no MF1), não obstante ser talvez de aprovisionamento local. Os valores apresentados pelo jaspe — 24 (8,4%) e nove (9,7%) exemplares no MF1 e no MF2, respetivamente — são os que mais se aproximam dos do sílex.

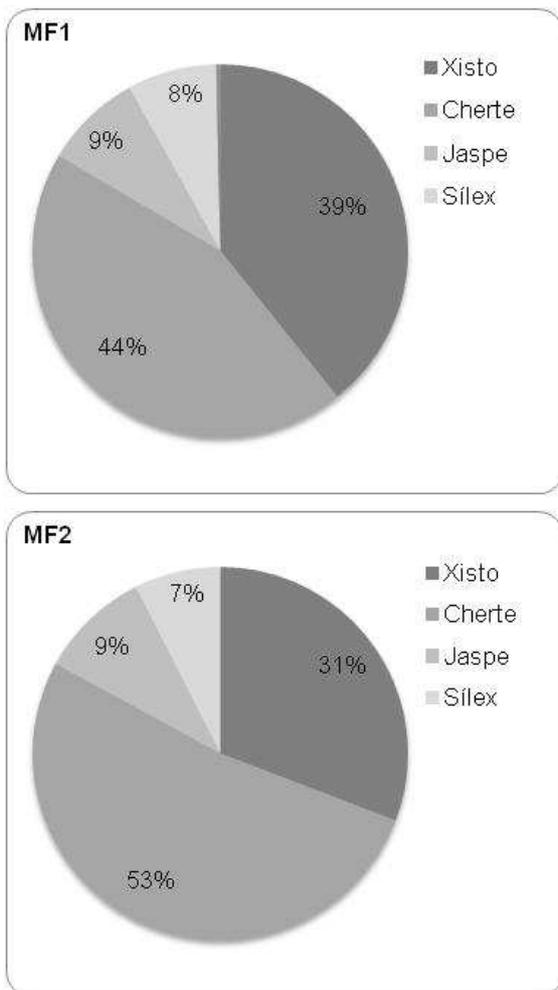


Figura 7 – Variação das rochas utilizadas no fabrico de pontas de seta, por monumento funerário.

Quanto aos padrões de fragmentação, verificou-se uma similitude entre ambos os sepulcros. No MF1, 56,2% (n=157) das pontas de seta encontram-se intactas, enquanto o valor obtido no MF2 é de 40% (n=36). As restantes apresentam diferentes estados de fratura, evidente sobretudo nas respetivas extremidades; aliás, na análise realizada confirmou-se para ambos os monumentos funerários que os tipos com maiores índices de fratura são os que possuem aletas. Por consequência, as peças de base reta ou de base côncava apresentam os maiores índices de completude, respetivamente 77,8% (n=72) e 85,2% (n=27) no caso do MF1. No MF 2, a situação é semelhante.

O retoque predominante é escalariforme ou escamoso, com 261 (94,2%) e 85 (94,4%) exemplares no MF1 e no MF2, respetivamente. Em segundo plano está o retoque de morfologia paralela, com 16 (5,8%) e 5 (5,6%) exemplares no MF1 e MF2, respetivamente. Verifica-se o recurso recorrente ao retoque invasor, tanto nas peças do MF1 (n=199; 71,9%) como nas do MF2 (n=48; 54%). O retoque marginal é, ainda, a segunda categoria adotada no MF2, com 28 (31,4%) exemplares e no MF1 é a última, com 35 (12,6%). Quanto à extensão do retoque, refira-se a

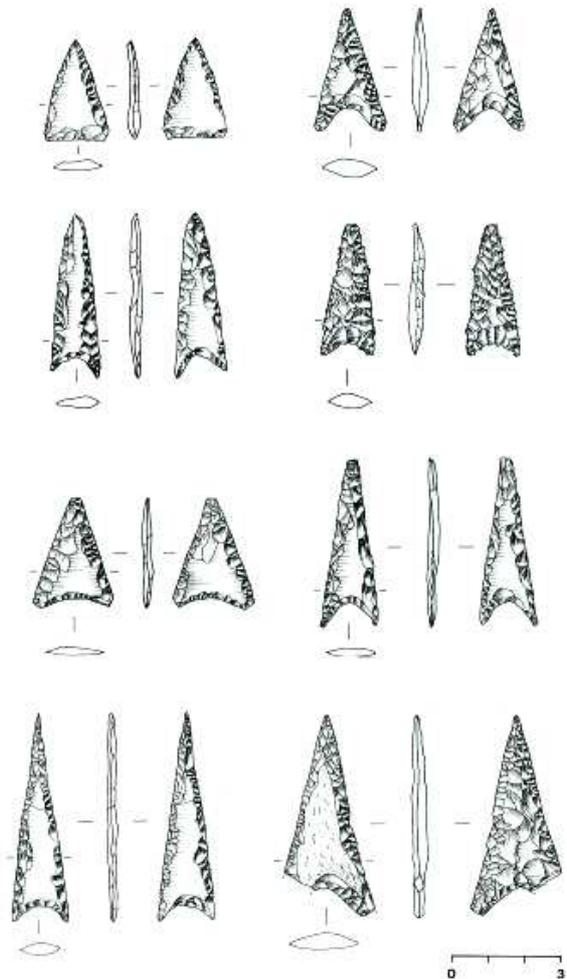


Figura 8 – Pontas de seta.

particularidade de algumas peças apresentarem esse tipo de retoque cobridor na superfície dorsal mas invasor na ventral (Figs. 8 a 11).

A questão dos bordos serrilhados nas pontas de seta é um assunto pertinente a este nível de análise, pois o que parecia ser um traço estilístico típico do espólio megalítico mais tardio de Reguengos de Monsaraz, apontado por Leisner e Leisner (1951), surge até ao momento nestes sepulcros dos Perdígões como uma técnica representada de forma marginal e sem o elevado grau de perfeição reconhecido noutros conjuntos regionais. No caso do MF1, oito pontas de seta (2,8%) apresentam bordos serrilhados e no MF2 encontram-se apenas três (3,3%). Foi possível neste estudo, no entanto, confirmar que este tipo de retoque não é um procedimento técnico exclusivo do sílex, tal como já tinha sido apontado (Carvalho, 1998), pois está presente em pontas fabricadas com matérias-primas locais (jaspe e cherte), de menor aptidão para o talhe.

Relativamente à configuração dos bordos, parece verificar-se que existiu uma opção preferencial pela configuração de bordos retos, que predominam em todos os tipos classificados em ambos os sepulcros com base na morfologia da sua base (Tabela 4). Porém, os bordos convexos demonstram uma distribuição diferente entre os dois sepulcros: no MF2 ocorrem com maior frequência em peças de base reta (n=8; 32%) enquanto no MF1 são tendencialmente adotados em pontas com base côncava e aletas (n=14; 51,9%). Os bordos sinuosos e os côncavos são mais raros no conjunto das pontas de seta, com percentagens negligenciáveis.

A classificação tipológica das pontas de seta, a que se tem vindo a fazer referência, é elementar: como se pôde constatar nos parágrafos anteriores, baseia-se na morfologia das respetivas bases e a nomenclatura utilizada inspira-se numa proposta anterior (Forenbaher, 1999). Assim, para este estudo, os tipos definidos encontram-se listados, por matéria-prima e com os respetivos quantitativos, na Tabela 4.

No caso dos tipos designados por “bases côncavas com aletas”, observou-se a presença de uma variante ao nível da assimetria geral das mesmas: ou seja, identificaram-se casos — denominados de “aletas dissimétricas” — em que as estas possuem comprimentos distintos entre si ou pode mesmo não existir uma delas (situação rara). Esta individualização deliberada na tipologia das pontas de seta decorreu do facto de se ter constatado que, do ponto de vista morfológico, aletas com diferentes comprimentos, podendo uma delas ser mesmo inexistente, se constituem uma “irregularidade” intencional por parte do artesão no que respeita à (as)simetria destas pontas de projétil.

Em termos de inventário geral, o tipo mais comum em ambos os sepulcros é, como se pode verificar na Tabela 4, o das pontas de seta com aletas simétricas. Estas representam 41,3% (n=112) no MF1 e 43% (n=37) no MF2. No entanto, enquanto no MF1 essa forma é seguida pelas pontas de base côncava (n=75; 27,7%), no MF2 são os

exemplares com base reta que surgem em segundo plano (n=18; 20,9%). Por seu turno, as formas mais raras, em ambos os monumentos, são as pontas de base convexa e, de entre estas, as que apresentam base triangular invertida.

As litologias mais utilizadas no fabrico das pontas de seta nos dois sepulcros são, respetivamente, o cherte (45% no MF1 e 49,9% no MF2) e o xisto (38,4% no MF1 e 31,4% no MF2), abarcando conseqüentemente um maior número de tipologias. Porém, uma análise mais atenta permite-nos frisar algumas particularidades:

- o sílex surge em ambos os sepulcros representado recorrentemente através dos mesmos tipos (pontas de base côncava, com ou sem aletas, ou base reta);
- o número de pontas convexas e irregulares, conquanto diminuto, surge em ambos os sepulcros confeccionadas apenas em xisto e cherte;
- o quartzo hialino tem uma utilização excecional, pois apenas surgiu um exemplar no MF1.

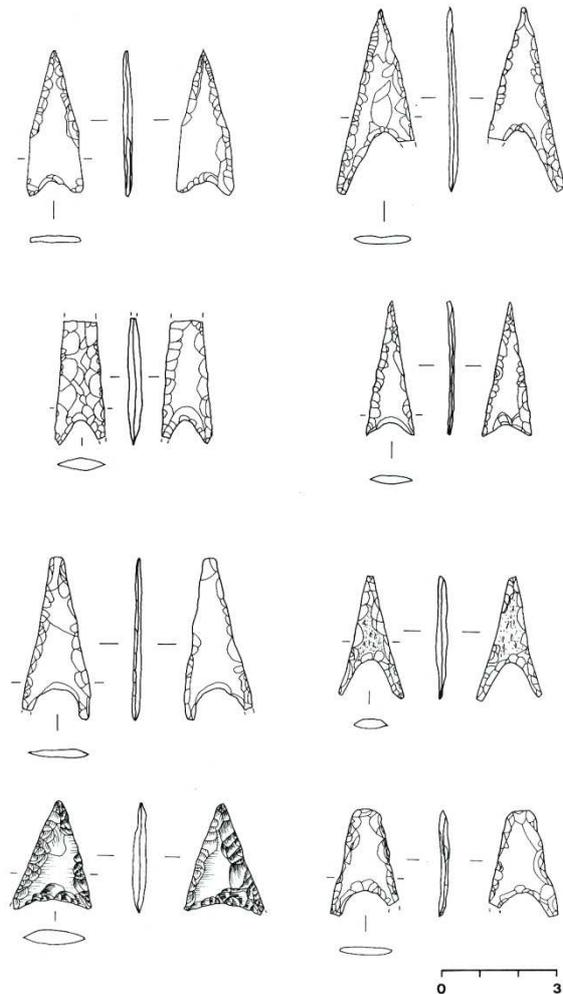


Figura 9 – Pontas de seta.

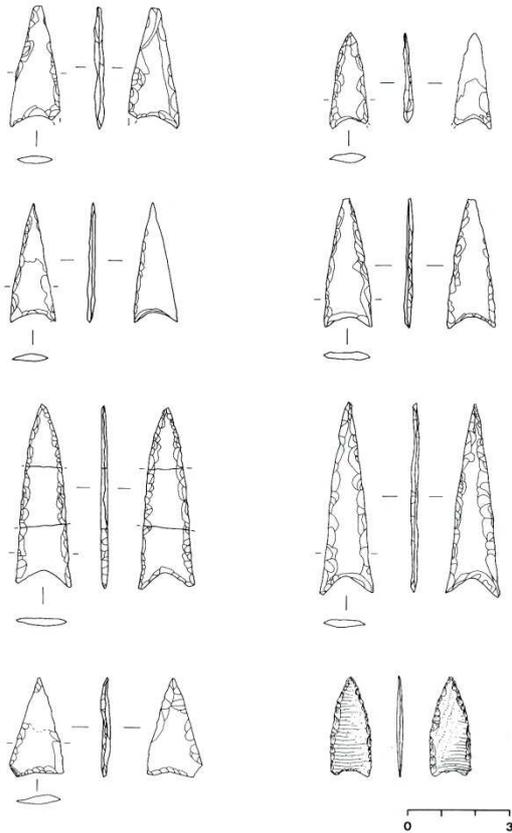


Figura 10 – Pontas de seta.

O cálculo das dimensões médias das pontas em função das litologias utilizadas forneceu os resultados que se podem observar na Tabela 5. A partir destes resultados pode inferir-se que a rocha que parece impor mais constrangimentos no fabrico das pontas de seta é o xisto, em virtude de possuir uma estrutura laminar mais frágil, o que conduziu o artesão a fabricar peças tendencialmente mais longas e mais delgadas, quando comparadas com as restantes matérias-primas. Este padrão é visível em ambos os sepulcros. Por outro lado, o conjunto de pontas de seta com maior grau de uniformidade dimensional, em ambos os monumentos, são as peças em sílex, que parecem demonstrar uma padronização métrica deliberada (mas que só a comparação com outros contextos poderá confirmar em definitivo).

A dispersão dos índices de espessura e alongamento das pontas de seta, em função das respetivas matérias-primas, onde se confirma a dedução acima apresentada e que já havia sido aventada anteriormente (Carvalho, 1998): a de que há dois grandes grupos distintos, em ambos os sepulcros: um composto sobretudo por pontas de seta em xisto cujos índices de alongamento e espessura sugerem uma elevada fragilidade que evoca uma utilização eminentemente funerária (ou seja, estas peças não teriam sido produzidas para outros fins), e outro constituído por peças que exibem maior robustez (mais curtas e espessas) e, portanto, uma presumível maior eficácia balística. Estes dados novos, mais robustos estatisticamente, vêm assim reforçar aquela dedução inicial.

### 3.2. As grandes peças bifaciais

As únicas grandes peças bifaciais recuperadas dos monumentos funerários dos Perdighões são provenientes de MF1, onde foram encontrados uma alabarda (proveniente da câmara do sepulcro) e duas peças foliáceas de tipo punhal ou ponta de dardo (uma recolhida no átrio e outra na câmara). O punhal ou ponta de dardo proveniente do átrio foi já objeto de análise própria, e publicação, no que respeita à sua morfologia, tecnologia e etapas de fabrico (Carvalho, 1998: 135-136; ver Fig. 12), aspetos que não serão portanto aqui repetidos.

Na análise das outras duas peças, as características dimensionais que se apresentam adiante são uma aproximação, uma vez que estavam afixadas a suportes na exposição patente no Museu do Complexo Arqueológico dos Perdighões, na Herdade do Esporão, o que dificultou o registo de algumas medidas e noutras impossibilitou mesmo a sua verificação.

Assim, a alabarda encontrada na câmara apresenta as seguintes medidas: 11,02 cm de largura mesial, 13,07 cm de largura da base, 15,02 cm de comprimento máximo (distância máxima da extremidade distal à base), e 0,69 cm de espessura. É um artefacto em sílex, de cor bege-clara, opaca, aparentando alguma qualidade para o talhe. Apresenta uma forma triangular alargada com bordos ligeiramente convexos e base arredondada. Possui entalhes semicirculares em ambos os bordos, perto da zona proximal, e apresenta uma secção transversal biconvexa, assim como

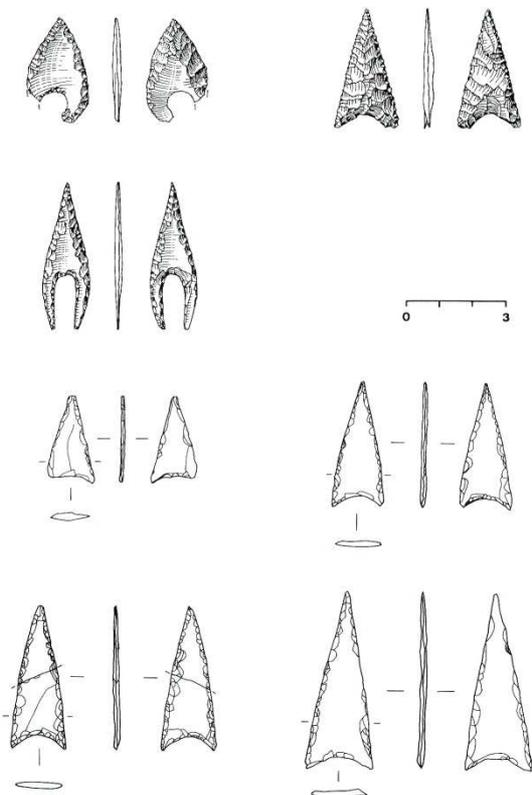


Figura 11 – Pontas de seta.

retoque cobridor. O seu suporte original é indeterminável (provavelmente uma placa ou fragmento de sílex com dimensões consideráveis). Não possui sinais de calcinação, mas subsistem dúvidas quanto à aplicação de tratamento térmico, uma vez que a peça está coberta com algumas concreções que dificultam condições de observação adequadas.



Figura 12 – Punhal ou ponta de dardo com retoque bifacial invasor.

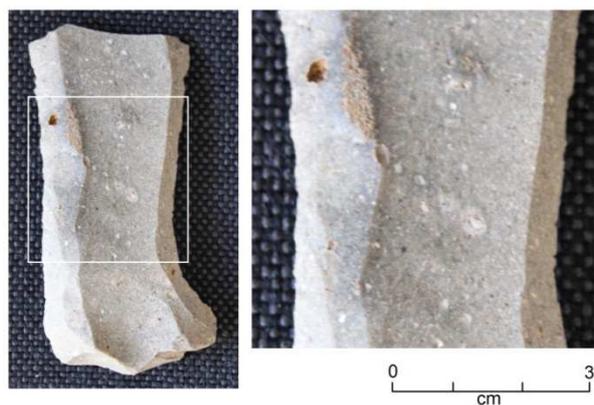


Figura 13 – Exemplo de lâmina fabricada em sílex oolítico.

O punhal ou ponta de dardo, proveniente da câmara, é um artefacto em sílex acastanhado, pouco translúcido, com inclusões beges. Trata-se da mesma rocha em que surgem elaboradas algumas lâminas e pontas de seta. Apresenta uma forma ogival alongada, com bordos convergentes na extremidade distal. A base é tendencialmente reta com

algumas irregularidades, o que torna a peça assimétrica na sua parte proximal. A seção longitudinal é reta e a transversal tem tendência biconvexa. A espessura junto à base é de 0,70 cm e na parte distal 0,26 cm. O comprimento máximo é de 12,80 cm, com uma largura de 4,29 cm, que corresponde à largura da base. Não possui os entalhes basais existentes no punhal já publicado. Não existem sinais de tratamento térmico nem marcas de calcinação visíveis a olho nu.

Estas grandes peças bifaciais não parecem evidenciar sinais de utilização, mas não foi realizada uma análise traceológica para se chegar a uma conclusão definitiva sobre este aspeto.

#### 4. Vias de investigação futura

Os estudos já realizados anteriormente sobre a pedra lascada dos MF1 e MF2 dos Perdigões (Carvalho, 1998; Mendonça, 2012), sintetizados neste texto nos seus principais aspetos tecnológicos e tipológicos, levantam uma série de possibilidades de investigação futura. Parte dessa investigação — por exemplo, a análise da distribuição espacial intrassítio desta classe de artefactos — pode ser realizada no imediato, mas só terá um alcance verdadeiramente significativo se for levada a cabo de forma coordenada e articulada com outros elementos de cultura material, para além dos próprios restos humanos.

No momento atual da investigação, é possível retirar alguns elementos da análise feita nas secções anteriores que nos permitem, partindo da componente lítica, avançar para outros patamares analíticos e para a discussão de outras problemáticas. Assim, em primeiro lugar, destaca-se a observação de claros indícios de uma forte normalização morfométrica das produções líticas, particularmente evidente no conjunto dos produtos alongados. Este facto tem por detrás a implementação, no III milénio a.C., de complexos procedimentos técnicos no trabalho de talhe da pedra que visam obter precisamente esse elevado grau de normalização. Nos MF1 e MF2, alguns desses procedimentos foram sendo apontados à medida que decorria a sua identificação, e salientam-se os seguintes: a elevada frequência de talões hiperdriedos nas grandes lâminas (Fig. 3); o possível recurso a talhe por pressão com compressores equipados com pontas de cobre para a produção destas últimas; a sua própria normalização (tendo sido possível agrupar as lâminas em diferentes módulos padronizados); e a verificação de que os grandes bifaces (“albardas”, pontas de dardo) passaram, no seu fabrico, por complexas sequências de gestos. Estes ficaram, aliás, bem evidentes na descrição que primeiramente se fez da cadeia operatória de fabrico de um dos punhais do MF1 (Carvalho, 1998: 136) e depois de peças similares da Gruta da Furninha (Cardoso e Carvalho, 2010/11: 355, 356). Esta complexidade de procedimentos técnicos está longe de constituir novidade — para uma síntese da investigação e dos dados disponíveis, ver Carvalho (2012) e os trabalhos pioneiros de Jalhay (1947) e Ferreira (1957) — mas o seu reconhecimento não deixa de se constituir como o enquadramento empírico (isto é, as circunstâncias da sua

existência factual) e teórico (isto é, as conclusões que decorrem dessa existência) que permitem inferir outros níveis de comportamentos por parte destas sociedades.

Um desses comportamentos, que se integra simultaneamente na esfera do económico e do simbólico, é a existência de atividades produtivas líticas especializadas (desde a sua mineração) e a circulação dos produtos de tais atividades (a diversas escalas geográficas, por vezes muito alargadas). Neste caso, integra-se a circulação do material em sílex, inexistente na região, pelo menos em nódulos capazes de fornecer as peças depositadas nos sepulcros objeto de estudo neste trabalho, pelo que a sua importação pode ser dada como adquirida, seja a partir da Estremadura Portuguesa ou — talvez mais provavelmente — da Andaluzia Ocidental. Dentro deste quadro, a circulação das peças em calcário oolítico silicificado ilustra bem a escala geográfica do processo em causa. Se a sua presença nos monumentos funerários dos Perdigões se vier a confirmar através de critérios de classificação petrográfica mais objetivos que as análises macroscópicas utilizadas neste trabalho (Fig. 13), poderemos concluir que este complexo arqueológico integrava as redes de circulação desta matéria-prima no sul peninsular. Independentemente do seu modelo interpretativo geral, estas redes de circulação foram primeiramente definidas e cartografadas por Nocete et al. (2005). De acordo com estes autores, as jazidas de sílex oolítico encontram-se nas cordilheiras béticas, mas a difusão desta rocha terá atingido, sucessivamente e a partir do IV milénio a.C., um conjunto de territórios que acabarão por englobar no milénio seguinte a região de Reguengos de Monsaraz, onde terão sido identificadas lâminas nos dólmenes de Olival da Pega e Poço da Gateira (segundo os mesmos autores) e, mais recentemente, na ocupação calcolítica do Escoural, em Montemor-o-Novo (Gomes et al., 2012/13) — portanto, a mais de 400 km para Noroeste, em linha reta, a partir dos presumíveis locais de abastecimento. Para além deste aspeto, os referidos autores referem ainda que “at the start of the third millennium B.C., the presence of silicified oolithic limestone blades in the settlements of the Guadalquivir Valley underwent profound changes. [...] These were large blades, measuring more than 40 cm lengthwise, whose width/thickness relationship (of 2.5 to 3 cm by 0.65 to 1.3 cm) suggests that their manufacture, with strong longitudinal resistance, was oriented toward the seizure of artefacts” (Nocete et al., 2005: 69-70). Em suma, trata-se de transformações de ordem tecnomorfológica que coincidem com a informação colhida noutras componentes funerárias dos MF1 e MF2 dos Perdigões, e de escalas geográficas equiparáveis às que permitiram a importação de parte dos outros bens exógenos encontrados em associação nestes sepulcros (Valera, s.d.).

Um aspeto à primeira vista desligado dos estudos líticos é o facto de, tanto o MF1 como o MF2, serem sepulcros destinados a deposições secundárias. No entanto, foram verificadas diferenças quanto aos rituais e às práticas funerárias levadas a cabo nos seus diferentes espaços (átrios, corredores, câmaras), conformando-se assim um tópico de estudo para o qual a pedra lascada poderá contribuir em estudos futuros. Com efeito, uma vez que se

verificaram também diferenças quanto à distribuição destes artefactos em função dos diferentes espaços internos dos sepulcros (Mendonça, 2012), a articulação da sua distribuição espacial com a de outros tipos de vestígios pode conduzir a ilações de outro nível interpretativo. E, de facto, se se levar em linha de conta as práticas de manipulação dos restos humanos que se tem vindo a descortinar terem tido lugar num conjunto alargado e formalmente diversificado de contextos dos Perdigões, sobretudo estruturas negativas — fossas com deposições primárias, fossos com deposições intencionais de elementos esqueléticos, e sepulcros com depósitos funerários primários e secundários — o padrão obtido sugere fortemente a exumação, transporte e redeposição de restos humanos (neste caso, apenas porções ou segmentos dos esqueletos originais) nesses vários espaços. Outros elementos indissociáveis ontologicamente dos restos humanos, tais como restos faunísticos ou artefactos, teriam sido também objeto dos mesmos gestos e práticas (Valera e Godinho, 2009; Valera et al., 2014). Neste contexto, algumas observações realizadas sobre a pedra lascada do MF1 e MF2 sugerem igualmente a sua participação ativa em tais práticas: é o caso dos modos de fragmentação das lâminas de sílex, que evocam uma segmentação intencional das mesmas. Uma abordagem explícita a esta questão — como já foi, aliás, realizada a propósito dos restos faunísticos (Valera e Costa, 2013) — permitiria esclarecer se assim é de facto, e eventualmente explicar a questão em aberto acerca das alterações superficiais observadas nestas peças (que, note-se, não se verifica nas pontas de seta): dever-se-iam à sua exposição a meteorização ou a outros elementos, quando depositadas num primeiro momento noutros locais? Uma vantagem existe à partida nesta via de análise aplicada a artefactos líticos: qualquer proposta de remontagem entre partes de uma mesma lâmina de sílex é claramente mais objetiva do que entre restos osteológicos...

### Nota final

A maioria das estampas de artefactos líticos apresentados neste trabalho encontrava-se inédita, tendo sido desenhadas por Maria Fernanda Sousa para a empresa Era-Arqueologia Lda.; apenas uma pequena parte havia sido publicada no primeiro trabalho de fundo sobre o Complexo Arqueológico dos Perdigões (Lago et al., 1998: figs. 24, 26, 28 e 29).

### Bibliografia

- ALMEIDA, F. (1998), “A pedra lascada das camadas 26 e 52 (Sector 3): uma primeira análise dos padrões tecnológicos e tipológicos”, Lago, M.; Duarte, C.; Valera, A.C.; Albergaria, J.; Almeida, F.; Carvalho, A.F., *Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1, p. 120-128.
- CARDOSO, J.L.; CARVALHO, A.F. (2010/11), “A Gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 333-392.
- CARVALHO, A.F. (1998), “A pedra lascada do Monumento Funerário 1: análise dos materiais recolhidos”, Lago, M.; Duarte, C.; Valera, A.C.; Albergaria, J.; Almeida, F.; Carvalho, A.F., *Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos*

- trabalhos arqueológicos realizados em 1997, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1, p. 129-137.
- CARVALHO, A.F. (2012), "Do Neolítico à Idade do Bronze, Gibaja, J.F.; Carvalho, A.F., (eds), *Introdução ao estudo da pedra lascada*, Lisboa, Colibri (Manuais Universitários do IAP; 1), p. 91-106.
- FERREIRA, O.V. (1957), "Tipos de punhal lítico da coleção dos Serviços Geológicos de Portugal", *Revista de Guimarães*, LXVII: 1-2, p. 185-191.
- FORENBAHER, S. (1999), *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*, Oxford: Archaeopress (British Archaeological Reports - International Series; 756).
- GOMES, M.V.; NINITAS, J.; BORRALHO, R. (2012/13), "Artefactos líticos do povoado calcolítico do Escoural (Montemor-o-Novo)", *Almansor*, 2º Série, 10, p. 5-60.
- JALHAY, E. (1947), "A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal, *Brotéria*, XLIV, p. 36-56.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.C.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A.F. (1998), "Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1, p. 45-152.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951), *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz, Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.
- MENDONÇA, M. (2012), *Os monumentos funerários 1 e 2 do complexo dos Perdígões: estudo do espólio funerário em pedra lascada*, Faro, Universidade do Algarve (Dissertação de Mestrado; policopiada).
- NOCETE, F.; SÁEZ, R.; NIETO, J.M.; CRUZ-AUÑÓN, R.; CABRERO, R.; ALEX, E.; BAYONA, M.R. (2005), "Circulation of silicified oolithic limestone blades in South Iberia (Spain and Portugal) during the third millennium B.C.: an expression of a core / periphery framework, *Journal of Anthropological Archaeology*, 24:1, p. 62-81.
- ODRIOZOLA, C.P.; LINARES-CATELA, J.A.; HURTADO, V. (2010), "Variscite source and source analysis: testing assumptions at Pico Centeno (Encinasola, Spain)", *Journal of Archaeological Science*, 37, p. 3146-3157.
- PELEGRIN, J. (2006), "Long blade technology in the Old World: an experimental approach and some archaeological results", Apel, J.; Knutsson, K. (eds.), *Skilled production and social reproduction. Aspects of traditional stone tool technologies*, Uppsala: Uppsala University (Stone Studies; 2), p. 37-68.
- PELEGRIN, J.; MORGADO, A. (2007), "Primeras experimentaciones sobre la producción laminar del Neolítico reciente - Edad del Cobre del sur de la Península Ibérica", Ramos, M.L.; González, J.E.; Baena, J., (eds.), *Arqueología experimental en la Península Ibérica. Investigación, didáctica y patrimonio*, Santander, Asociación Española de Arqueología Experimental, p. 131-139.
- VALERA, A.C. (s.d.), "The "exogenous" at Perdígões. Approaching interaction in the late 4th and 3rd millennium BC in Southwest Iberia". *Proceedings of the Meeting Resource Cultures (June 2015)*, Alcalá de Henares/Madrid, no prelo.
- VALERA, A.C.; COSTA, C. (2013), "Animal limbs in funerary contexts in southern Portugal and the question of segmentation, *Anthropozoologica*, 48:2, p. 263-275.
- VALERA, A.C.; GODINHO, R. (2009), "A gestão da morte nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas", Cardoso, J.L., (dir.), *Volume comemorativo do XX aniversário do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, 1988-2008*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 17), p. 371-388.
- VALERA, A.C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; DIAS, I.; PRUDÊNCIO, I. (2007), "Investigação no complexo arqueológico dos Perdígões: ponto da situação de dados e problemas", *IV Congresso de Arqueologia Peninsular. A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica*, Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica; 8), p. 53-66.
- VALERA, A.C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L.S. (2000), "Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo", *Era-Arqueologia*, 2, p. 84-105.
- VALERA, A.C.; SCHUHMACHER, T.X.; BANERJEE, A. (2015), "Ivory in the Chalcolithic enclosure of Perdígões (South Portugal): the social role of an exotic raw material", *World Archaeology*, 47:3, p. 390-413.
- VALERA, A.C.; SILVA, A.M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L.S. (2014), "Funerary practices and body manipulation at Neolithic and Chalcolithic Perdígões ditched enclosures (South Portugal)", Valera, A.C.,(ed.), *Recent Prehistoric enclosures and funerary practices in Europe*, Oxford, Archaeopress (British Archaeological Reports - International Series; 2676), p. 37-57.

Tabela 1 - Inventário geral de artefactos, por matéria-prima e monumento funerário (MF).

	Sílex	Sílex oolítico	Rocha alterada	Cherte <sup>(1)</sup>	Anfibolito	Diorito	Jaspe	Quartzo hialino	Xisto	Total
<b>MF1</b>										
Lâminas	41	11	14	8	2	2	1	-	-	79
Lamelas	-	-	-	-	-	-	-	7	-	7
Pontas de seta	22	-	-	126	-	-	24	1	112	285
Bifaces <sup>(2)</sup>	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3
<b>Total</b>	<b>66</b>	<b>11</b>	<b>14</b>	<b>134</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>25</b>	<b>8</b>	<b>112</b>	<b>374</b>
<b>MF2</b>										
Lâminas	3	5	1	2	-	-	-	-	-	11
Lamelas	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Pontas de seta	7	-	-	49	-	-	9	-	28	93
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>51</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>9</b>	<b>1</b>	<b>28</b>	<b>105</b>
<b>Total geral</b>	<b>76</b>	<b>16</b>	<b>15</b>	<b>185</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>34</b>	<b>9</b>	<b>140</b>	<b>479</b>

<sup>(1)</sup> Por vezes designado na literatura arqueológica por “xisto jaspoide”.

<sup>(2)</sup> Uma “alabarda” e duas pontas de lança ou de dardo.

Tabela 2 - Dimensões das lâminas e lamelas, por monumento funerário (MF) <sup>(1)</sup>.

		Lâminas					Lamelas				
		média e desvio-padrão	mediana	min.	max.	N	média e desvio-padrão	mediana	min.	max.	N
MF1	C	14,89 ± 4,40	14,54	6,16	25,5	20	2,05 ± 0,60	2,03	1,12	2,76	7
	L	2,35 ± 0,53	2,34	1,26	3,95	76	0,53 ± 0,11	0,52	0,38	0,68	7
	E	0,68 ± 0,19	0,65	0,33	1,14	77	0,13 ± 0,04	0,12	0,09	0,23	7
MF2	C	-	-	-	-	1 <sup>(2)</sup>	-	-	-	-	-
	L	2,72 ± 1,02	2,52	1,47	5,24	11	-	-	-	-	1 <sup>(3)</sup>
	E	0,72 ± 0,25	0,68	0,35	1,25	11	-	-	-	-	-

<sup>(1)</sup> Medidas em cm. C - comprimento; L - largura; E - espessura.

<sup>(2)</sup> A única lâmina inteira possui um comprimento de 20,08 cm.

<sup>(3)</sup> A única lamela registada apresenta 0,78 cm × 0,13 cm, de largura e espessura.

Tabela 3 - Tipos de talão das lâminas e lamelas, por monumento funerário (MF).

		Facetado	Hiperdiedro	Linear	Liso	Diedro	Cortical	Remoção total	Remoção parcial	Esmagado
MF1	Lâminas	9 (22,5%)	8 (20%)	3 (7,5%)	3 (7,5%)	3 (7,5%)	1 (2,5%)	3 (7,5%)	1 (2,5%)	2 (5%)
	Lamelas	4 (10%)	-	1 (2,5%)	1 (2,5%)	-	-	1 (2,5%)	-	-
	<b>Total</b>	<b>13 (32,5%)</b>	<b>8 (20%)</b>	<b>4 (10%)</b>	<b>4 (10%)</b>	<b>3 (7,5%)</b>	<b>1 (2,5%)</b>	<b>4 (10%)</b>	<b>1 (2,5%)</b>	<b>2 (5%)</b>
MF2	Lâminas	-	2 (16,7%)	1 (8,4%)	-	-	-	-	1 (8,4%)	-
	Lamelas	1 (8,4%)	-	-	-	-	-	-	-	-
	<b>Total</b>	<b>1 (8,4%)</b>	<b>2 (16,7%)</b>	<b>1 (8,4%)</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1 (8,4%)</b>	<b>-</b>

Tabela 4 - Tipologia das pontas de seta, por matéria-prima e monumento funerário (MF) <sup>(1)</sup>.

	Sílex	Jaspe	Cherte	Xisto	Quartzo hialino	Total
<b>MF1</b>						
Côncava (°)	10 (3,7%)	5 (1,8%)	28 (10,3%)	31 (11,4%)	1 (0,4%)	75 (27,7%)
Côncava com aletas (°)	10 (3,7%)	10 (3,7%)	54 (19,9%)	38 (14%)	-	112 (41,3%)
Côncava com aletas dissimétricas	-	1 (0,4%)	15 (5,5%)	23 (8,5%)	-	39 (14,4%)
Reta	2 (0,7%)	4 (1,5%)	17 (6,3%)	4 (1,5%)	-	27 (10%)
Triangular com aletas	-	2 (0,7%)	2 (0,7%)	3 (1,1%)	-	7 (2,6%)
Triangular invertida	-	-	-	2 (0,7%)	-	2 (0,7%)
Convexa	-	-	4 (1,5%)	-	-	4 (1,5%)
Irregular	-	-	2 (0,7%)	3 (1,1%)	-	5 (1,8%)
<b>Total MF1</b>	<b>22 (8,1%)</b>	<b>22 (8,1%)</b>	<b>122 (45%)</b>	<b>104 (38,4%)</b>	<b>1 (0,4%)</b>	<b>271</b>
<b>MF2</b>						
Côncava (°)	2 (2,3%)	-	5 (5,8%)	1 (1,2%)	-	8 (9,3%)
Côncava com aletas (°)	2 (2,3%)	4 (4,6%)	14 (16,3%)	17 (19,7%)	-	37 (43%)
Côncava com aletas dissimétricas	1 (1,2%)	2 (2,3%)	4 (4,6%)	2 (2,3%)	-	9 (10,5%)
Reta	2 (2,3%)	2 (2,3%)	11 (12,8%)	3 (3,5%)	-	18 (20,9%)
Triangular com aletas	-	1 (1,2%)	6 (6,9%)	-	-	7 (8,1%)
Convexa	-	-	2 (2,3%)	3 (3,5%)	-	5 (5,8%)
Irregular	-	-	1 (1,2%)	1 (1,2%)	-	2 (2,3%)
<b>Total MF2</b>	<b>7 (8,1%)</b>	<b>9 (10,4%)</b>	<b>43 (49,9%)</b>	<b>27 (31,4%)</b>	<b>-</b>	<b>86</b>
<b>Total geral</b>	<b>28</b>	<b>31</b>	<b>165</b>	<b>111</b>	<b>1</b>	<b>357</b>

(<sup>1</sup>) Estão excluídas peças do MF1 e do MF2 (16 e sete, respectivamente) por não preservarem a extremidade basal. As pontas de seta “côncavas com aletas” e as “côncavas” incluem, respectivamente, pontas de “tipo Alcalar” e de “tipo Torre Eiffel”.

Tabela 5 - Dimensões das pontas de seta, por matéria-prima e monumento funerário (MF).

	Xisto	Cherte	Sílex	Jaspe
<b>MF1</b>				
<b>Comprimento:</b>				
<i>média e desvio-padrão</i>	4,42 ± 1,63	3,75 ± 1,44	3,03 ± 0,67	3,65 ± 0,89
<i>mediana</i>	3,89	3,48	2,87	3,58
<i>erro padrão</i>	0,34	0,25	0,25	0,29
<b>Largura:</b>				
<i>média e desvio-padrão</i>	1,69 ± 0,32	1,76 ± 0,38	1,60 ± 0,18	2,14 ± 0,57
<i>mediana</i>	1,60	1,74	1,59	2,07
<i>erro padrão</i>	0,06	0,06	0,07	0,18
<b>Espessura:</b>				
<i>média e desvio-padrão</i>	0,18 ± 0,07	0,28 ± 0,07	0,30 ± 0,09	0,35 ± 0,11
<i>mediana</i>	0,19	0,26	0,30	0,32
<i>erro padrão</i>	0,01	0,01	0,03	0,03
<b>MF2</b>				
<b>Comprimento:</b>				
<i>média e desvio-padrão</i>	3,91 ± 0,81	3,67 ± 0,88	3,01 ± 0,55	3,39 ± 0,72
<i>mediana</i>	3,87	3,52	3,17	3,20
<i>erro padrão</i>	0,08	0,09	0,11	0,16
<b>Largura:</b>				
<i>média e desvio-padrão</i>	1,60 ± 0,33	1,75 ± 0,41	1,66 ± 0,24	1,87 ± 0,42
<i>mediana</i>	1,57	1,71	1,69	1,87
<i>erro padrão</i>	0,03	0,04	0,05	0,09
<b>Espessura:</b>				
<i>média e desvio-padrão</i>	0,20 ± 0,06	0,28 ± 0,08	0,29 ± 0,08	0,32 ± 0,11
<i>mediana</i>	0,20	0,27	0,27	0,34
<i>erro padrão</i>	0,01	0,01	0,01	0,02

(<sup>1</sup>) O quartzo hialino não está representado por existir apenas uma peça fraturada.



# A INDÚSTRIA LÍTICA DO CASTRO DA COLUMBEIRA (BOMBARRAL, PORTUGAL): DADOS PRELIMINARES E PERSPETIVAS FUTURAS

Eliana Goufa<sup>1</sup>

Francisco Rosa Correia<sup>2</sup>

## Resumo:

A 15 km da costa, no sul do vale tifónico da Caldas das Rainhas e Lagoa de Óbidos, no concelho do Bombarral, foi identificado o povoado fortificado do Castro da Columbeira, nos princípios do século XX, correspondente a uma ocupação do Calcolítico Pleno.

O conjunto de indústria lítica provém das escavações dirigidas por João Ludgero Gonçalves, entre 1992 e 1999, recolhido das camadas 1 e 2. Numa análise ainda preliminar, é evidente a clara opção pela pedra talhada, onde o sílex é a matéria-prima predominante. Neste conjunto lítico foi também identificada uma pequena amostra de pedra polida, bem conservada, em que o anfíbolito é a matéria-prima principal.

## Abstract:

**Lithic industry from Castro da Columbeira (Bombarral, Portugal): preliminary results and future perspectives.**

At 15 km from the coast, in southern typhonic valley of Caldas das Rainhas and Lagoa de Óbidos, in Bombarral municipality, was identified the fortified settlement of Castro Columbeira in the early twentieth century, corresponding to an occupation of the Middle Chalcolithic.

The lithic assemblage comes from excavations directed by João Ludgero Gonçalves, between 1992 and 1999, collected from the layers 1 and 2. In a still preliminary analysis, is evident the clear choice for chipped stone, where the flint is the predominant raw material. In this lithic assemblage, was also identified a small sample of polished stone, well preserved, wherein the amphibolite is the principal raw material.

## 1. Contextualização do sítio

O Castro da Columbeira situa-se no litoral da Estremadura, mais concretamente a sul no vale tifónico das Caldas da Rainha e da Lagoa de Óbidos, sobre um cume limitado por dois vales laterais (Fig. 1). O cume é constituído por rochas calcárias e encontra-se rodeado por falésias abruptas, nos lados norte e oeste. O lado este é uma vertente inclinada e o lado sul apresenta uma vertente muito suave, a única que proporciona um fácil acesso ao sítio arqueológico. O cume tem uma altitude de cerca de 100 metros acima do vale tifónico (Gonçalves, 1992; Fig. 2)

Em termos administrativos, o Castro da Columbeira situa-se na freguesia da Roliça, concelho de Bombarral, distrito de Leiria. Nas suas imediações encontra-se a povoação de Azambujeira dos Carros e, no sopé, a povoação da Columbeira, da qual toma o seu nome. Um dos vales laterais tem como nome Vale Roto, um vale celebrizado pelas grutas aí existentes, com destaque para a Lapa do Suão (Gonçalves, 1994).

O Castro da Columbeira encontra-se hoje em dia a cerca de 15 km distante da costa. Porém, durante o Calcolítico, dois terços deste trajeto seriam navegáveis, através da Lagoa de Óbidos e subindo o Rio Real até às imediações do sítio (Schubart et al., 1969).

No topo do cume onde se localiza o sítio em estudo encontram-se duas linhas de muralha, voltadas com a sua frente fortificada para leste e para sul, ou seja, o lado

<sup>1</sup> ICArEHB, Universidade do Algarve ([e.goufa\\_arg@gmail.com](mailto:e.goufa_arg@gmail.com))

<sup>2</sup> Universidade do Algarve ([franciscomcorreia@gmail.com](mailto:franciscomcorreia@gmail.com))

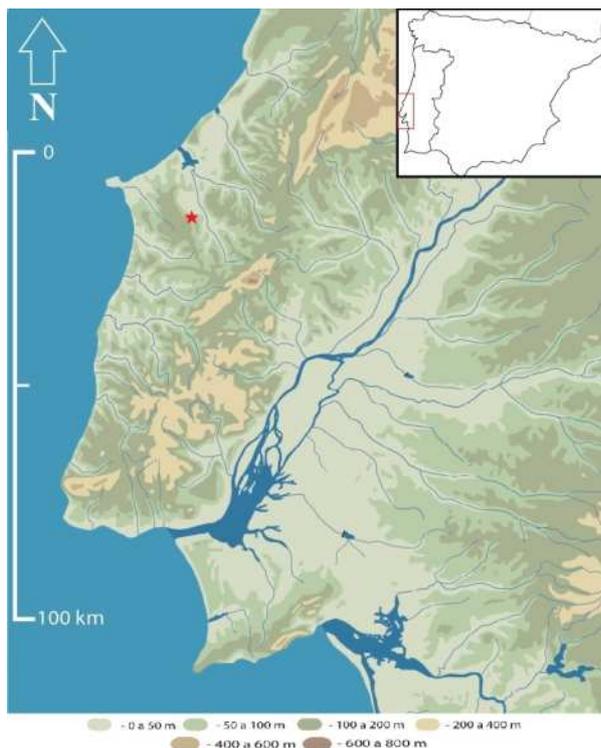


Figura 1 - Localização do Castro da Columbeira (Bombarral).

contrário ao despenhadeiro. O sítio encontra-se protegido naturalmente nos lados a oeste e a norte pelo despenhadeiro (Correia, 2015).

## 2. Enquadramento da colecção

O conhecimento do Castro da Columbeira vem desde os princípios do século XX. J. Leite de Vasconcelos, diretor do Museu Ethnológico Português, atual Museu Nacional de Arqueologia, adquiria e recebia ofertas de materiais recolhidos no castro (Carvalhaes, 1911; Vasconcelos, 1913). Consta que o próprio J. Leite de Vasconcelos teria feito escavações no sítio; contudo não existem quaisquer provas escritas ou publicadas desse facto (Gonçalves, 1992).

O Castro da Columbeira viria a cair no esquecimento e perder-se-ia a sua localização até que os arqueólogos do Bombarral, nomeadamente A. Furtado, V. Cortes, A. Maurício e J. de Almeida Monteiro, o reencontraram em 1963 (Schubart et al., 1969; Gonçalves, 1992 e 1994).

Em 1964, antes do início da escavação do Zambujal, O. da Veiga Ferreira, dos Serviços Geológicos de Portugal, ofereceu ao Instituto Arqueológico Alemão o Castro da Columbeira para escavações. Assim, em 1969, uma pequena equipa do Instituto Arqueológico Alemão, liderada por H. Schubart, realizou a topografia e desenhou os materiais encontrados na sondagem de 1963 (Gonçalves, 1992 e 1994), os quais se encontram publicados em Schubart et al. (1969).



Figura 2 - Vista do Castro da Columbeira (Bombarral).

Desde 1969 até 1991 nada mais se fez, até que em 1991 Antero Furtado convidou o arqueólogo J. L. Gonçalves para escavar o sítio. Este mesmo viria a efetuar 9 campanhas de escavação no Castro da Columbeira, entre 1992 e 1999.

Somente os materiais líticos recolhidos desde a 1ª campanha de escavação, em 1992, até à última campanha de escavação, em 1999, das camadas 1 e 2, serão o alvo do presente estudo e pré-análise do presente artigo.

Relativamente ao período cronológico em que se enquadra os materiais e a ocupação do sítio, segundo J. L. Cardoso (2004), o Castro da Columbeira teria tido a sua fundação durante a transição do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno, ideia semelhante à de J. L. Gonçalves (1992). Estes autores baseiam-se no facto de existirem abundantes fragmentos de metalurgia, representada por fragmentos de cadinhos de fundição, e pela ausência de cerâmica com motivos impressos em “folha de acácia” e em “crucífera”. Porém, datações realizadas na camada 3 (camada mais antiga) do Castro da Columbeira, Wk-27464-3950 ± 30BP (2562-2351 cal a.C. para 1 sigma e 2568-2344 cal a.C. para 2 sigma), publicada em Carvalho et al. (2010/2011), e comparadas com as datações obtidas para o povoado de Leceia (Cardoso e Soares, 1990/1992; Soares e Cardoso, 1995) apontam para uma ocupação no Calcolítico Pleno (Correia, 2015).

## 3. Metodologia aplicada

Numa primeira fase desta análise pretende-se apresentar, essencialmente, uma caracterização tipológica da coleção lítica do Castro da Columbeira. O conjunto lítico foi dividido por matérias-primas e distribuído consoante as suas categorias tipológicas e tecnológicas. Para o caso da pedra lascada, a distribuição dos materiais teve como base os critérios propostos por Tixier et al. (1980), e por Carvalho (1997 e 2008).

## 4. Apreciação geral da amostra: dados preliminares

A amostra, dominada claramente por pedra talhada, é composta, no total, por 1087 peças: 990 peças talhadas; 60 peças em pedra polida e 37 peças inseridas na categoria de

diversos (moventes, dormentes, percutores, amoladores, bigornas, seixos em bruto, termoclastos e indeterminados), provenientes das camadas 1 e 2. O sílex é a matéria-prima dominante no conjunto de pedra lascada, enquanto o anfíbolito é a matéria-prima preferencial na pedra polida.

Relativamente aos materiais integrados na categoria de diversos, não os iremos abordar ainda nesta fase de apresentação dos dados preliminares da indústria lítica do Castro da Columbeira.

#### 4.1. Pedra Lascada

No Castro da Columbeira, o sílex parece ter sido a matéria-prima mais procurada para o talhe da pedra, com 965 exemplares, ou seja, 98% do total de peças talhadas. O quartzo e o quartzito surgem em quantidades bastante inferiores, com uma representatividade quase residual: o quartzo com 11 peças e o quartzito com 14 peças (c. 2% do total de peças talhadas) (Tabela 1).

Enquanto o quartzo e o quartzito seriam matérias-primas de fácil acesso, o sílex, de grão fino e grosso e de várias colorações, não se encontra disponível a uma escala local, sendo necessário a organização de estratégias para obtenção desta matéria-prima. Uma vez que nesta fase ainda não foram efetuadas análises petrográficas, não podemos concluir quais as áreas de proveniência do sílex.

No que diz respeito aos núcleos, foram registados 27 exemplares em sílex, quartzito e quartzo, predominando essencialmente os núcleos em sílex e quartzito, com 11 e 10 exemplares, respetivamente. No geral, são portadores de pouca informação, uma vez que prevalecem essencialmente os fragmentos de núcleo.

Numa pequena análise, ainda preliminar, parece-nos que o registo de um número limitado de peças de preparação e reavivamento de núcleos, e de esquirolas, assim como a quase ausência de lascas corticais em bruto, atesta a hipótese de que o talhe não seria local. A dificuldade de obtenção de sílex na área poderá ter influenciado este fator.

Da fase de debitage, as lascas, sobretudo as lascas parcialmente corticais e não corticais, são o suporte mais produzido, representando 66% do total de produtos debitados, em contraste com as lâminas e lamelas, com 22%, sendo o sílex mais uma vez a matéria-prima preferencial para a debitage, com 97%. O quartzo e o quartzito representam uma percentagem bastante residual. É também evidente uma clara opção pelo sílex para a obtenção de produtos alongados em bruto (fig. 3), com 93% do total desta tipologia, existindo um número muito residual de lâminas e lamelas em quartzito (1%) e em quartzo (5%).

No conjunto de pedra lascada do Castro da Columbeira, os utensílios retocados, obtidos apenas a partir do sílex, são os que assumem um maior destaque, ocupando 34% do total do conjunto. Enquanto as lascas foram utilizadas essencialmente como suportes em bruto, a obtenção de produtos alongados, nomeadamente as lâminas, como

suportes de utensilagem, parece ter sido o objetivo do artesão responsável (Fig. 4). As pontas de seta são então a tipologia dominante.



Figura 3 - Amostra de lamelas em bruto (sílex).



Figura 4 - Lâmina ovóide em sílex.

#### 4.2 A Pedra Polida

No Castro da Columbeira, o anfibolito é a matéria-prima maioritariamente escolhida para a produção de pedra polida, com 85% do total desse conjunto (Fig. 5, Gráfico 1). Apesar da sua proveniência extra-regional, a predominância de anfibolito parece refletir a preferência por matérias-primas duras para a produção de utensílios mais resistentes e de formas regulares utilizadas em tarefas “pesadas”. Dentro desta categoria foram registados 11 machados, 17 enxós, 3 goivas e 29 fragmentos indeterminados. Sobre o estado de fragmentação do conjunto, o mesmo parece dever-se à sua utilização como ferramenta (Tabela 2).

#### 5. Perspetivas futuras

Tanto o sílex como o anfibolito assumiram um papel estratégico no seio das comunidades calcolíticas estremenhas, sendo indispensáveis à vida quotidiana, intensificando assim as redes de troca.

Relativamente à exploração do sílex, enquanto matéria-prima dominante no talhe da pedra, é importante perceber quais as estratégias de exploração e as suas áreas de proveniência, através de estudos petrográficos, a fim de definir os modelos de gestão e circulação de sílex, uma vez que esta matéria-prima não se encontra a uma escala local. Entretanto, não deixamos de colocar a possibilidade do sílex ter sido importado das jazidas presentes na Nazaré e bacias da ribeira de Cós e Alcoa, e também das bacias de Rio Maior, como foi atestado para povoado do Outeiro de S. Mamede (Jordão, 2010), bastante próximo do Castro da Columbeira.

No que diz respeito ao anfibolito, que abastece a Columbeira, pode ter provindo do Alto Alentejo ou do Alto Ribatejo, à semelhança do que acontece em Leceia (Oeiras) e também no Outeiro de S. Mamede (Bombarral) (Cardoso, 2003; Cardoso et al, 2003).

A análise tecnológica da pedra lascada do Castro da Columbeira, que tem vindo a decorrer, irá permitir a reconstituição do sistema tecnológico, por meio da identificação das respetivas cadeias operatórias e do reconhecimento dos métodos e técnicas de debitação, contribuindo assim para o conhecimento do talhe da pedra das comunidades Calcolíticas estremenhas. Também os resultados da análise tipológica e a diferenciação dos tipos de retoque dos utensílios, a par da análise traceológica dos mesmos, serão importantes para a interpretação dos comportamentos socio-económicos das comunidades que ocuparam este povoado fortificado.

Numa futura fase, pretendemos efetuar uma análise comparativa e de integração do talhe da pedra e da pedra polida entre contextos habitacionais do Calcolítico da Estremadura e Alentejo, a fim de compreender não só as estratégias de obtenção de matérias-primas, eventualmente ligadas a uma rede de importações circunstanciais, como também comparar o sistema tecnológico de produção lítica.



Figura 5 - Enxó em anfibolito.

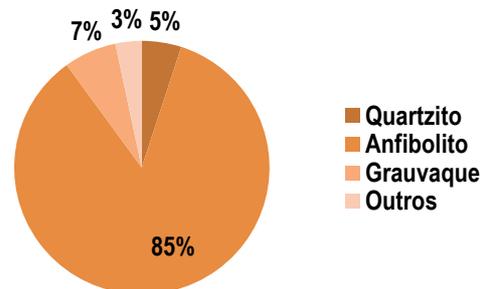


Gráfico 1 - Economia de matérias-primas – Pedra Polida.

#### Referências Bibliográficas

- CARDOSO, J. L. (2003), “O comércio de matérias-primas de origem geológica, dos meados do VI milénio a.C. aos finais do III milénio a.C., no Ocidente Peninsular: Breve Ensaio”, *Boletim da Sociedade de Geografia*, Lisboa, Sociedade de Geografia, p. 91-106.
- CARDOSO, J. L. (2004), “A Baixa Estremadura dos Finais do IV Milénio a.C. até à Chegada dos Romanos: Um Ensaio de História Regional”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 12, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. (1990/1992), “Cronologia absoluta para o Campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal”, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 8/10, p. 203-228.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (2003), “O povoado calcolítico do Outeiro de S. Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905)”, *Estudos*

Arqueológicos de Oeiras, 11, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, p. 97-228.

CARVALHAES, J. (1911), "Aquisições do Museu Ethnológico Português", *O Arqueólogo Português*, 1(16), p. 103-125.

CARVALHO, A. F. (1997), *O Neolítico antigo do Maciço Calcário Estremenho: tecnologia e tipologia da indústria de pedra lascada*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia (Policopiada), Lisboa, Universidade de Lisboa.

CARVALHO, A. F. (2008), *A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve ocidental*, Faro, Universidade do Algarve (Promontória Monográfica, 12).

CARVALHO, A. F.; NUNES, A.; GONÇALVES, C.; PEREIRA, J. (2010/2011), "A ocupação calcolítica do castelo de Ourém: contextos, cultura material, zooarqueologia, cronologia absoluta e integração regional", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, Oeiras, p. 407-418.

CORREIA, F. R. (2015), *O Castro da Columbeira (Bombarral): A Exploração dos Recursos Faunísticos no Calcolítico Estremenho*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia (Policopiada), Faro, Universidade do Algarve.

GONÇALVES, J. L. (1992), *Relatório de Escavação do Castro da Columbeira*, Bombarral, Câmara Municipal do Bombarral.

GONÇALVES, J. L. (1994), "Castro da Columbeira. Uma primeira fase do Calcolítico médio estremenho?", *Almadan*, 2(3), p. 57.

JORDÃO, P. (2010), *Análise de proveniência de matérias-primas líticas da indústria de pedra lascada do povoado calcolítico de S. Mamede (Bombarral)*, Dissertação de mestrado em Geoarqueologia (Policopiada), Lisboa, Universidade de Lisboa.

SCHUBART, H., FERREIRA O. da Veiga; MONTEIRO, J. A. (1969), "A fortificação eneolítica da Columbeira, Bombarral", *O Arqueólogo Português*, 3(3), p. 17-35.

SOARES, A. M.; CARDOSO, J.L. (1995), "Cronologia Absoluta para as Ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial no Povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras)", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, Oeiras, p. 263-276.

TIXIER, J.; INIZAN, M. L.; ROCHE, H. (1980), *Préhistoire de la Pierre Taillée I. Terminologie et technologie*. Antibes, Cercle de recherches et d'études préhistoriques.

VASCONCELOS, J. Leite de (1913), "Aquisições do Museu Ethnológico Português", *O Arqueólogo Português*, 1(18), p. 131-168.

		Sílex	Quartzito	Quartzo	Total
Material de debitage	Lascas corticais	39	1	1	41
	Lascas parcialmente corticais	120	1	-	121
	Lascas não corticais	115	1	-	116
	Lâminas	37	1	-	38
	Lamelas	36	-	4	40
<b>Núcleos</b>		11	10	6	27
Preparação/Reavivamento	Cornijas	2	-	-	2
	Tablettes	2	-	-	2
Resíduos	Esquírolas	44	-	-	44
	Fragmentos inclassificáveis	165	-	-	165
	Microburis	2	-	-	2
	"Flancos" de núcleo	5	-	-	5
<b>Utensílios retocados</b>		373	-	-	373
Sinais de Uso	Lâminas	8	-	-	8
	Lamelas	6	-	-	6
<b>Total</b>		<b>965</b>	<b>14</b>	<b>11</b>	<b>990</b>

Tabela 1 - Inventário do conjunto de Pedra Lascada.

	Quartzito	Anfibolito	Grauvaque	Outro	Total
Enxós	1	16	-	-	17
Machados	-	11	-	-	11
Goivas	-	3	-	-	3
Fragmentos inclassificáveis	2	21	4	2	29
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>51</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>60</b>

Tabela 2 - Inventário do conjunto de Pedra Polida.







Figura 2 – Perspectiva geral do sítio (Norte – Sul).

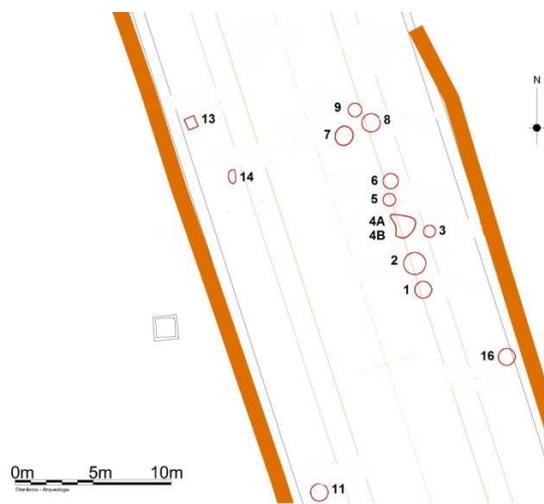


Figura 3 – Implantação das estruturas negativas escavadas no corredor da obra

A referência aos sítios arqueológicos mais próximos constantes na base de dados Endovélico são a Quinta de São Lourenço (CNS 12756), onde foram identificadas sepulturas de cronologia medieval, dois fragmentos de estelas funerárias e alguns materiais cerâmicos de cronologia romana e o povoado fortificado de Castanheiro do Senhor (CNS 4846), a escassos 500 metros a Este do sítio Quinta de São Lourenço 2, composto por uma única linha de muralha que delimita um recinto de planta aproximadamente circular, com cerca de 170 metros de diâmetro, onde foram identificados materiais cerâmicos enquadráveis na Idade do Ferro. No âmbito desta empreitada foi também identificado e escavado um forno cerâmico de cronologia moderna a 100 metros a Sul deste sítio.

A área intervencionada incidiu sobre 96,25 metros quadrados divididos em 8 sondagens, implantadas sobre as ocorrências identificadas no corredor da obra. A Sondagem 1 incidiu sobre 8 fossas, a Sondagem 2 incidiu sobre 2 fossas e uma bioturbação, a Sondagem 3 incidiu sobre uma fossa, a Sondagem 4 incidiu sobre uma bioturbação e as Sondagens 5, 6, 7 e 8 incidiram sobre as lareiras em fossa.

O topo das estruturas negativas encontrava-se entre os 45 e os 80 centímetros abaixo da cota do terreno. Ainda que não tenhamos detectado evidências concretas, supomos ter existido uma ablação do topo das estruturas intervencionadas e do próprio substrato onde elas se implantam, resultante da actividade agrícola que aqui se desenvolveu ao longo dos séculos.

## 2. As Fossas

As estruturas negativas do tipo fossa encontram-se, à excepção de três, concentradas num núcleo de aproximadamente 100 metros quadrados. Estas estruturas apresentam planta circular, variando a sua profundidade entre os 30 e os 80 centímetros e o diâmetro entre os 80 e os 130 centímetros. As fossas 1, 2, 3 e 5 apresentam perfil de paredes rectas e fundo plano e as fossas 4A, 4B, 6, 7, 8, 9 apresentam perfil troncocónico e fundo plano e a fossa 11 apresenta perfil côncavo.

A fossa 1 apresentava planta circular e perfil de paredes verticais, um diâmetro de topo de cerca de 80 centímetros, base plana com cerca de 70 centímetros de diâmetro e profundidade de 70 centímetros. Encontrava-se dividida por uma laje de xisto fincada e por algumas pedras de pequena dimensão, criando uma clara divisão da fossa em dois espaços, correspondendo o menor deles a um terço da área total da estrutura. No enchimento desta fossa escavamos uma tênue camada de terra argilosa de coloração negra, que cobria o fundo dos dois espaços identificados. O material arqueológico recolhido nesta estrutura negativa, é bastante residual, sendo constituído por alguns fragmentos de cerâmica e um percutor em quartzito.

A fossa 2, fossa 3 e fossa 5 apresentam planta circular, com 80 a 90 centímetros de diâmetro, perfil de paredes rectas, fundo plano e uma profundidade entre 15 a 25 centímetros. No centro da fossa 2, sobre o fundo, identificamos um bloco de xisto-grauvaque de forma irregular, de média dimensão e um dormente de mó manual em granito. Identificamos uma deposição semelhante junto à parede da fossa 5, composta por uma pequena laje de xisto-grauvaque e uma parte de dormente de mó manual em granito.

A fossa 4A e a fossa 4B, apresentam planta sub-circular com 100 a 130 centímetros de diâmetro, perfil troncocónico, fundo plano e 25 centímetros de profundidade (fossa 4A) a 40 centímetros de profundidade (fossa 4B). A fossa 4A corta a parede sul da estrutura negativa 4B, sendo que dois dos depósitos superiores que as colmatam são idênticos, o que indicia que os momentos construtivos das duas fossas não terão um desfaseamento temporal significativo. Uma parte do fundo e da parede desta estrutura é formado pelo depósito que colmata a fossa 4B.

No enchimento desta estrutura foi detectado um nível de cerâmica bastante concentrado, composto por bordos e bojos de 5 indivíduos, e um lítico circular em xisto grauvaque com 17 centímetros de diâmetro, com um orifício central com marcas de desgaste nas extremidades.



Fossa 1 - Secção S - N

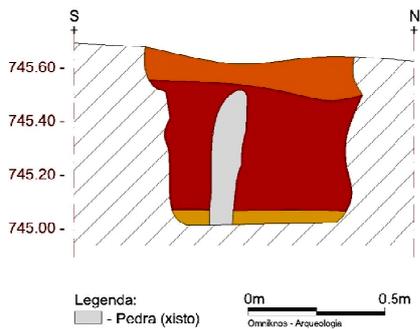


Figura 4 – Plano final e secção da Fossa 1.



Figura 5 – Fossa 2.



Figura 6 – Fossa 4B.

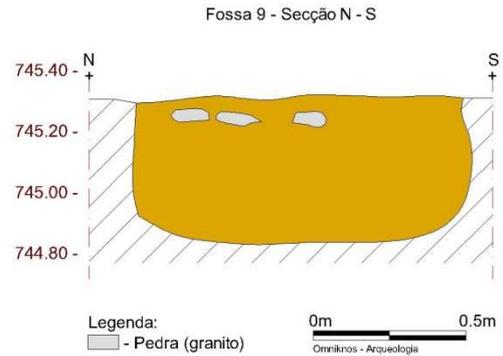


Figura 7 – Secção N-S da Fossa 9.

A fossa 6, fossa 8 e fossa 9, apresentam planta circular, 110 centímetros a 125 centímetros de diâmetro, perfil tronco-cônico e fundo plano e 25 a 50 centímetros de profundidade.

Na fossa 6 identificamos uma deposição composta por dois blocos de xisto-grauvaque irregulares sobre o fundo, sem quaisquer indícios de desgaste e sem aparente função estrutural.

O enchimento da fossa 8 é composto por blocos irregulares de xisto-grauvaque de pequena e média dimensão, sem estruturação aparente, que indiciam um único momento de selagem do silo e que constituem o único caso de colmatagem pétreia identificada nas fossas intervencionadas.

A fossa 7 apresenta planta circular, com 120 centímetros de diâmetro, profundidade de aproximadamente 80 centímetros, perfil tronco-cônico, com 80 centímetros de profundidade e fundo plano. Sobre um depósito argiloso pouco espesso que cobria o fundo da estrutura, identificamos 3 blocos de xisto-grauvaque irregulares de pequena e média dimensão, sem indícios de desgaste.

A fossa 11, de planta circular, com um diâmetro de topo de cerca 140 centímetros e uma profundidade de 15 centímetros, apresenta um perfil côncavo e é colmatada por um único depósito. A sequência estratigráfica posta em evidência é composta pelas seguintes unidades:

Esta estrutura foi escavada numa área onde o substrato geológico é mais consistente, o que talvez justifique a reduzida profundidade que apresenta. Possui paredes convergentes que criam um perfil côncavo e o fundo é irregular. Ainda que a natureza antrópica desta estrutura negativa seja evidente, a sua funcionalidade é indeterminada, podendo corresponder ou a uma fossa idêntica às já intervencionadas, mas bastante destruída no topo, ou a uma estrutura de combustão.

### 3. Lareiras em Fossa

As quatro estruturas de combustão que intervençamos encontravam-se a uma cota ligeiramente superior à das fossas e foram abertas sobre um filão de xisto, bastante

diferente do depósito macio onde as fossas se inserem. Estas estruturas de combustão possuem planta circular, paredes regulares e convergentes, apresentando perfil côncavo e 10 a 20 centímetros de profundidade. Os depósitos identificados no decorrer da escavação são compostos maioritariamente por níveis de carvão, cobertos por um depósito argiloso, de coloração castanha avermelhada, pouco compacto e homogêneo.

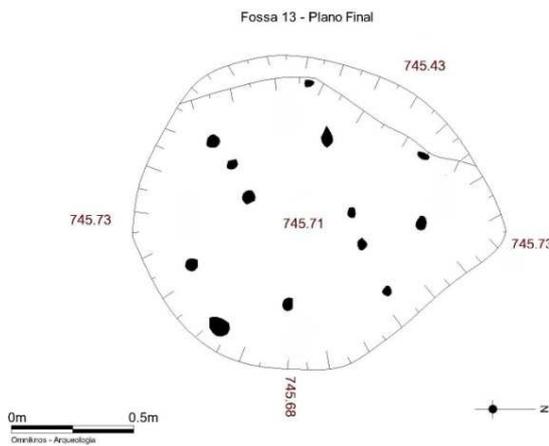


Figura 8 – Lareira em fossa 13, com indícios da base de uma grelha em material perecível e plano final, com as bases marcadas a negro.



Figura 9 – Depósito pétreo na lareira 15.

A estrutura negativa 13, apresenta planta circular, um diâmetro de 80 centímetros e uma profundidade de 15 centímetros. Apresenta perfil côncavo e é colmatada por um único depósito, composto por carvões. No fundo, inclusas no nível geológico, identificamos várias manchas de coloração negra, com cerca de 4 centímetros de diâmetro bastante compactas, formando pelo menos dois alinhamentos paralelos. Estas manchas parecem corresponder a restos de madeira carbonizada, podendo corresponder à base de uma estrutura perecível apoiada no fundo rijo, que completava esta lareira.

A lareira 14 encontra-se bastante arrasada e implanta-se sobre um filão de xisto bastante desagregado mas mais consistente do que os depósitos argilo-siltosos onde se implantam as restantes estruturas. Apresenta planta circular, com 100 centímetros e uma profundidade de 10 centímetros. Apresenta perfil côncavo e é colmatada por um único depósito. Pese o seu estado incipiente, identificamos 16 fragmentos de cerâmica no enchimento, sendo que 10 correspondem a fragmentos lisos de bojo e 6 a bordos e bojós com decoração excisa, mamilos e cordados.

A lareira 15 apresenta planta sub-circular, um diâmetro de topo com cerca de 100 centímetros e uma profundidade de 20 centímetros. Apresenta perfil côncavo e é colmatada por 3 depósitos, sendo o intermédio composto por um nível pétreo de granitos e xisto grauvaque com indícios de termoclastia, que cobria um nível de carvões bastante homogêneo, onde recolhemos um fragmento de cerâmica, morfológicamente semelhante à cerâmica identificada nas fossas, o que constitui indício de que estas duas realidades serão cronologicamente coevas.

A lareira 16 encontra-se bastante arrasada, conservando-se apenas parte do depósito que a colmatava junto à parede Este. A estrutura apresentaria planta sub-circular, um diâmetro de topo com cerca de 90 centímetros e uma profundidade de 10 centímetros. Apresenta perfil côncavo e é colmatada por um único depósito. Esta estrutura localiza-se a Sul das fossas, sendo a única estrutura do género identificada no seguimento das mesmas.

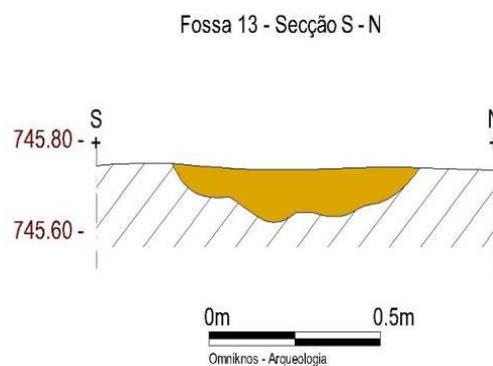


Figura 10 – Secção S-N da lareira em fossa 13.

#### 4. Materiais

No decorrer da intervenção arqueológica no sítio Quinta de São Lourenço 2 foram recolhidos 355 fragmentos de cerâmica, sendo que 69 fragmentos permitem uma classificação morfológica. Foram igualmente recolhidas 4 dormentes em granito, um movente em xisto grauvaque e uma bigorna em xisto-grauvaque.

A maior parte dos fragmentos classificáveis correspondem a tipologias de vasos de perfil troncocónico, alguns indivíduos com fundo plano e carena baixa, surgindo igualmente alguns pequenos potes de colo alto.

A grande percentagem dos fragmentos de não apresentam qualquer tipo de decoração incisiva, excepção feita a dois recolhidos na EN 9 e na EN 14, que apresentam incisões paralelas. A decoração excisa, percentualmente mais significativa em relação à incisiva, surge sob a forma de mamilos e cordões segmentados e constitui o único motivo relevante dentro deste conjunto cerâmico. Alguns vasos apresentam asas e pegas, ainda que constituam uma percentagem bastante reduzida dentro deste espólio. As cozeduras são redutoras e as pastas são bastante friáveis, com inclusões mínimas de elementos não plásticos e indiciam produções de âmbito regional.

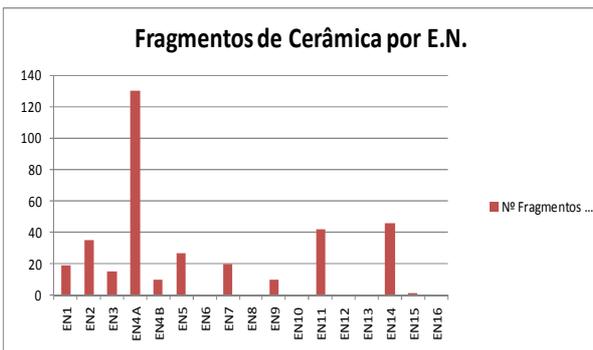


Gráfico 1 – Fragmentos de Cerâmica recolhidas por estrutura negativa (fossas e lareiras em fossa).



Figura 11 – Vaso troncocónico e bojo com cordão plástico.



Figura 12 – Movente em Xisto grauvaque.

O material lítico recolhido é composto maioritariamente por dormentes de mó em granito, o que acusa a sua origem exógena uma vez que estamos numa zona de xistos, embora ocorra um elemento de moagem em xisto-grauvaque.

#### 5. Conclusão

As 11 fossas e as 4 lareiras em fossa identificadas na Quinta de São Lourenço 2 indiciam um habitat de pequena/média dimensão, ocupado no II milénio A.C., implantado numa zona abrigada, embora facilmente alagável nos meses de inverno por se situar na confluência de linhas de água sazonais, parecendo corresponder à tendência gradual registada no Bronze Médio para a implantação de habitats em locais de baixa altitude e junto a terrenos de vocação agrícola (VIEIRA, 2014).

A heterogeneidade dos enchimentos identificados nas fossas indiciam ritmos de colmatção distintos entre as estruturas,

registando-se na maior parte dos casos a existência de uma colmatação paulatina, sem indícios de reutilizações, excepção feita às fossas 2,5, 6 e 8 que evidenciam um único momento de colmatação. A presença de deposições pétreas bastante circunscritas, compostas por moventes em granito e blocos de xisto-grauvaque nas fossas 2,5,6 e 7, sem aparente função estrutural, parecem indicar um sítio cuja funcionalidade primeva estaria relacionada com o aprovisionamento e moagem de cereais.

A existência de dois núcleos distintos, um de fossas e um de lareiras, evidencia uma definição evidente do espaço, ademais marcada pela transição suave da cota; as lareiras em fossa, com a excepção da lareira em fossa 11, foram feitas na meia encosta suave sobre um substrato base de natureza xistosa bastante compacto; as fossas foram abertas na base dessa encosta, numa área deprimida para onde confluem as águas da chuva, sobre uma camada de alteração argilosa com cerca de 100 centímetros de espessura.

No decorrer da intervenção não identificamos qualquer estrutura em positivo ou negativo que pudesse indicar a existência de cabanas ou outro tipo de estruturas positivas, associadas aos núcleos de estruturas negativas intervencionados. Aventamos a possibilidade de existirem mais núcleos de estruturas negativas na área limítrofe do corredor afectado pela obra, nomeadamente na encosta localizada a Oeste e onde identificamos algum material cerâmico coetâneo com o que foi recolhido nas fossas intervencionadas e uma enxó em anfibolito.

A referência mais interessante a uma hipotética ocupação pré-histórica na Quinta de São Lourenço, remonta a um artigo de Albino Pereira Lopo de 1899, publicado no *O Arqueólogo Português* (LOPO, 1900). O autor dá conta da descoberta de três “*cavernas*” escavadas na rocha branda, onde surgiu material lítico - as “*pedras de raio*” - que o autor atribui ao Neolítico. Da descrição genérica constante na notícia, infere-se que estas câmaras comunicavam entre si por galerias bastante estreitas, tinham planta circular ou sub-circular e tecto abobadado. Ainda que se desconheça a existência de material que permitisse uma datação precisa ou o surgimento de contextos semelhantes nesta área em épocas posteriores ao artigo, a descrição sumária de Albino Pereira Lopo sugere estruturas negativas do tipo hipogeu, que em outros âmbitos geográficos ocorrem frequentemente associadas a estruturas negativas do tipo silo, como as que intervencionamos na Quinta de São Lourenço 2, com uma diacronia balizada entre o Neolítico e a Idade do Bronze, mas que se constituiriam como ocorrências sumamente excêntricas neste âmbito geográfico.

#### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, P.; FERNANDES, F. (2008), “O Povoado da Idade do Bronze da Cimalha”, *Oppidum*, Número Especial, Lousada, p. 29-44.

BETTENCOURT, A. (1995), “Dos Inícios aos Finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal”, *Actas da Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*, Lisboa, p.110-115.

GASPAR, R.; CARRONDO, J.; NOBRE, L.; RODRIGUES, Z.; DONOSO, G. (2014), “Espaço para a Morte. O Terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) Durante a Idade do Bronze”, *Estudos do Quaternário*, 10, Braga, p. 59-72.

GASPAR, R.; RIBEIRO, R.; REBELO, P.; NETO, N.; CARVALHO, M. L. (2014b), “Bronze Age Funerary Contexts in Northeast Portugal. Terraço das Laranjeiras (Sabor Valley)”, In: A. Bettencourt, B. Comendador, H. Sampaio e E. Sá (eds), *Corpos e metais na fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*, p. 49-62.

LOPO, A. (1900), “O castro do Samil e as Cavernas de São Lourenço”, *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, Volume 5, Lisboa, p. 105-107.

VIEIRA, A. (2014), “Alguns Dados para o Estudo da Idade do Bronze no Norte de Portugal”, *A Idade do Bronze em Portugal: Os Dados e os Problemas*, Tomar, p. 52-101

# A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO NA COLINA DO CASTELO DE SÃO JOERGE (LISBOA, PORTUGAL): NOVOS DADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS NA RUA DO RECOLHIMENTO / BECO DO LEÃO

Elisa de Sousa<sup>1</sup>  
Marina Pinto<sup>2</sup>

## Resumo:

Este trabalho apresenta dados relativos à ocupação da Idade do Ferro no topo da colina do Castelo de São Jorge (Lisboa, Portugal), recuperados no decurso de uma série de escavações preventivas realizadas na Rua do Recolhimento/Beco do Leão. Os materiais aí recolhidos enquadram-se numa ampla cronologia que se estende desde finais do século VIII/inícios do século VII a.C. até às vésperas da chegada dos primeiros contingentes militares romanos ao estuário do Tejo, em finais do século II a.C. Englobam uma variedade considerável de categorias cerâmicas, entre as quais a cerâmica de engobe vermelho, a cerâmica cinzenta, as ânforas, a cerâmica pintada, a cerâmica comum e a cerâmica manual, todas provavelmente produzidas na foz do estuário do Tejo, em concreto no núcleo da antiga *Olisipo*. Estes dados permitem tecer algumas considerações sobre as fases mais recuadas da ocupação deste importante sítio e sobre a sua evolução ao longo do 1º milénio a.C.

## Abstract:

**Iron Age occupation of Castelo de São Jorge hill (Lisbon, Portugal): new data from the excavations in Rua do Recolhimento / Beco do Leão.**

This paper presents data concerning the Iron Age occupation of the Castel of São Jorge's hilltop (Lisbon, Portugal), obtained during a series of preventive excavations carried out in Rua do Recolhimento/Beco do Leão. The artifacts recovered are framed in a wide chronology, stretching from the late 8<sup>th</sup> / early 7<sup>th</sup> century BC to the arrival of the first Roman military contingents to the Tagus estuary, in the late 2<sup>nd</sup> century BC. It encompasses a considerable variety of ceramic categories, among which stand out the red slip ware, gray pottery, amphorae, painted ceramics, common ware, and handmade productions, all of which produced in the Tagus estuary, most likely within the limits of the ancient *Olisipo*. These data allow us to make some considerations concerning the earliest Iron Age traces identified in this important site and its evolution across the 1st millennium BC.

## 1. Introdução

O conhecimento da ocupação sidérica da antiga cidade de Lisboa encontra-se, infelizmente, muito condicionado pela densidade da ocupação humana na área urbana, que se prolonga, de forma quase interrupta, desde os inícios do 1º milénio a.C. até à actualidade.

No entanto, a multiplicidade de intervenções arqueológicas que têm sido realizadas, sobretudo no quadro de acções preventivas, têm revelado uma série de vestígios associáveis à ocupação da Idade do Ferro que permitem reconhecer a importância que este núcleo terá desempenhado na estruturação da rede de povoamento do estuário do Tejo.

Os dados actualmente disponíveis parecem comprovar que a ocupação sidérica da antiga Lisboa se terá limitado à colina do Castelo de São Jorge, em particular ao seu topo e à encosta virada a sul, em direcção ao rio Tejo. Com efeito, as escavações realizadas em vários destes pontos da cidade têm permitido reconhecer uma ampla cronologia, que se estende desde os finais do século VIII / inícios do século VII até ao século III a.C. (Amaro, 1993; Arruda, 1999-2000; Calado, 2008; Calado *et al.*, 2013; Filipe, Calado e Leitão, 2014; Pimenta, Calado e Leitão, 2005; Pimenta, Calado e Leitão, 2014; Pimenta, Silva e Calado, 2014; Pimenta, Sousa e Amaro, 2015, no prelo; Sousa, 2014; Sousa, no prelo). No entanto, a maioria da informação publicada diz respeito à vertente meridional da colina, sendo escassas as informações da área mais elevada, localizada no interior e nas proximidades do actual Castelo de São Jorge. Apesar da multiplicidade e dimensão das áreas que têm sido intervencionadas nesse espaço desde os anos 90 do século passado, os dados relativos à fase de ocupação da Idade do Ferro permanecem por publicar, sendo as únicas

<sup>1</sup> Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.  
[e.sousa@campus.ul.pt](mailto:e.sousa@campus.ul.pt)

<sup>2</sup> Era – Arqueologia, S.A. [marinapinto@era-arqueologia.pt](mailto:marinapinto@era-arqueologia.pt)



Figura 1 - Localização de Lisboa no actual território português (base cartográfica de V. S. Gonçalves).

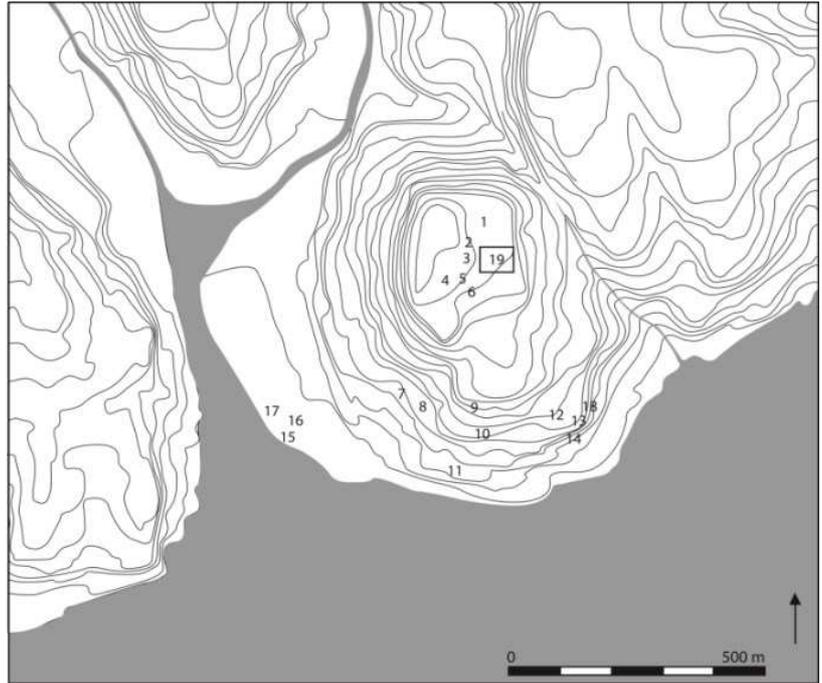


Figura 2 - Vestígios da Idade do Ferro na área urbana de Lisboa e localização da área estudada: 1 a 6 – Castelo de São Jorge; 7 – Termas dos Cássios; 8 – Rua de São Mamede; 9 – Teatro Romano/Pátio do Aljube; 10 – Sé de Lisboa; 11 – Casa dos Bicos; 12 – Pátio da Senhora de Murça; 13 – Rua de São João da Praça; 14 – Travessa do Chafariz d’El Rei; 15 – Rua dos Correeiros; 16 – Rua dos Douradores; 17 – Rua Augusta (Zara), 18 – Rua da Judearia, 19 – Rua do Recolhimento (base cartográfica de J. Pimenta, 2005, modificada).

informações disponíveis inferidas graças aos materiais arqueológicos expostos no actual Núcleo Museológico e no respectivo catálogo. O espólio exibido conta com vários artefactos que denunciam uma ocupação extensa ao longo de praticamente toda a Idade do Ferro, desde pelo menos o século VII a.C. até às vésperas da chegada dos primeiros contingentes militares romanos à região. O período orientalizante está representado por urnas tipo Cruz del Negro, ânforas do tipo 1 do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014), vários pratos e tigelas de cerâmica de engobe vermelho e ainda por cerâmica cinzenta. A ocupação da segunda metade do 1º milénio a.C. parece estar particularmente bem caracterizada, considerando os vários fragmentos de cerâmica grega expostos (AAVV, 2008; Sousa, 2014: 112) e também a existência de alguns contentores anfóricos com características que se integram claramente nas produções regionais dessa mesma cronologia (Sousa e Pimenta, 2014). No entanto, não pudemos deixar de lamentar a inexistência de publicações que permitam contextualizar devidamente os materiais exibidos e que provavelmente contribuiriam para clarificar muitas das questões que hoje se colocam sobre a ocupação da Idade do Ferro da antiga *Olisipo*.

No trabalho que agora se apresenta, pretendemos proporcionar alguns contributos para a caracterização da ocupação sidéica desta área. Os dados que analisamos são provenientes de um conjunto de escavações arqueológicas que foram realizadas, em 2011, junto aos edifícios n.º 35 da

Rua do Recolhimento / Beco do Leão, no interior da cerca do Castelo de São Jorge. Estas intervenções enquadram-se nos trabalhos de arqueologia preventiva, concretamente no âmbito do programa de Intervenção Prioritária em Acções de Reabilitação Urbana (PIPARU), tendo sido adjudicadas à empresa Era-Arqueologia S.A., e dirigidas por uma das signatárias (Marina Pinto). Estes trabalhos traduziram-se na realização de 16 sondagens de diagnóstico que permitiram reconhecer uma ampla diacronia de ocupação, que se estende desde a Idade do Ferro até ao período contemporâneo. O presente trabalho incide exclusivamente nos dados associados à fase de ocupação sidéica, que se revestem de considerável importância atendendo à já referida escassez de informação publicada sobre este momento cronológico no topo da colina do Castelo de São Jorge.

## 2. As evidências da ocupação da Idade do Ferro: estratigrafia e materiais

Os trabalhos que tiveram lugar na Rua do Recolhimento / Beco do Leão implicaram a escavação de 16 sondagens que tiveram como principal objectivo a caracterização de eventuais vestígios arqueológicos que pudessem ser afectados por obras futuras. Infelizmente, a extensão destas sondagens foi muito reduzida, não excedendo os 3m<sup>2</sup> (1,5 m x 1,5 m), tendo sido implantadas junto às paredes dos edifícios actuais, e a sua profundidade encontrava-se limitada pela cota de afectação de 1,50 m. A metodologia

utilizada no decurso da escavação seguiu os princípios de estratigrafia definidos por P. Barker e E. Harris.

Vestígios arqueológicos associáveis à ocupação sidérica foram documentados em cinco das áreas intervencionadas (sondagem 1, 2, 6, 8 e 9). Nas restantes (sondagem 3, 4, 5, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16) detectaram-se apenas fases relacionadas com o período romano-republicano e, sobretudo, com ocupações medievais, modernas e contemporâneas, ainda que tenham proporcionado, em alguns casos, materiais residuais da Idade do Ferro. O conjunto artefactual que pudemos relacionar com esta cronologia, é constituído exclusivamente por fragmentos cerâmicos, todos eles de produção local/regional.

**Sondagem 1**

Nesta primeira sondagem foram detectados dois níveis atribuíveis à Idade do Ferro, a U.E. [114], composta por um sedimento argiloso e, sob esta, a U.E. [109], caracterizada

por um depósito de matriz areno-argilosa de tonalidade alaranjada, seguindo-se o substrato geológico, a 1,30 m de profundidade. Estes níveis associados à Idade do Ferro foram afectados pela construção de uma série de estruturas negativas escavadas durante o período medieval, cujos enchimentos incorporavam também alguns materiais de cronologia sidérica.

Os materiais pré-romanos recuperados nesta área totalizam 16 exemplares, 12 dos quais recolhidos nos referidos níveis conservados (U.E. [109] e [114]). Destes últimos, quatro correspondem a recipientes anfóricos, concretamente a dois elementos de bordo integráveis no tipo 3 (n.º 1) e 4 (n.º 2) do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014), sendo os restantes fragmentos de asa de secção circular (n.º 3), exibindo engobes brancos nas suas superfícies externas. Outros dois fragmentos integram a categoria de cerâmica de engobe vermelho, aproximando-se um deles (n.º 4) ao tipo P2 de Rufete Tomico (1988-1989) e o outro, com perfil carenado, à variante 1Ba da Rua dos Correiros (Sousa,

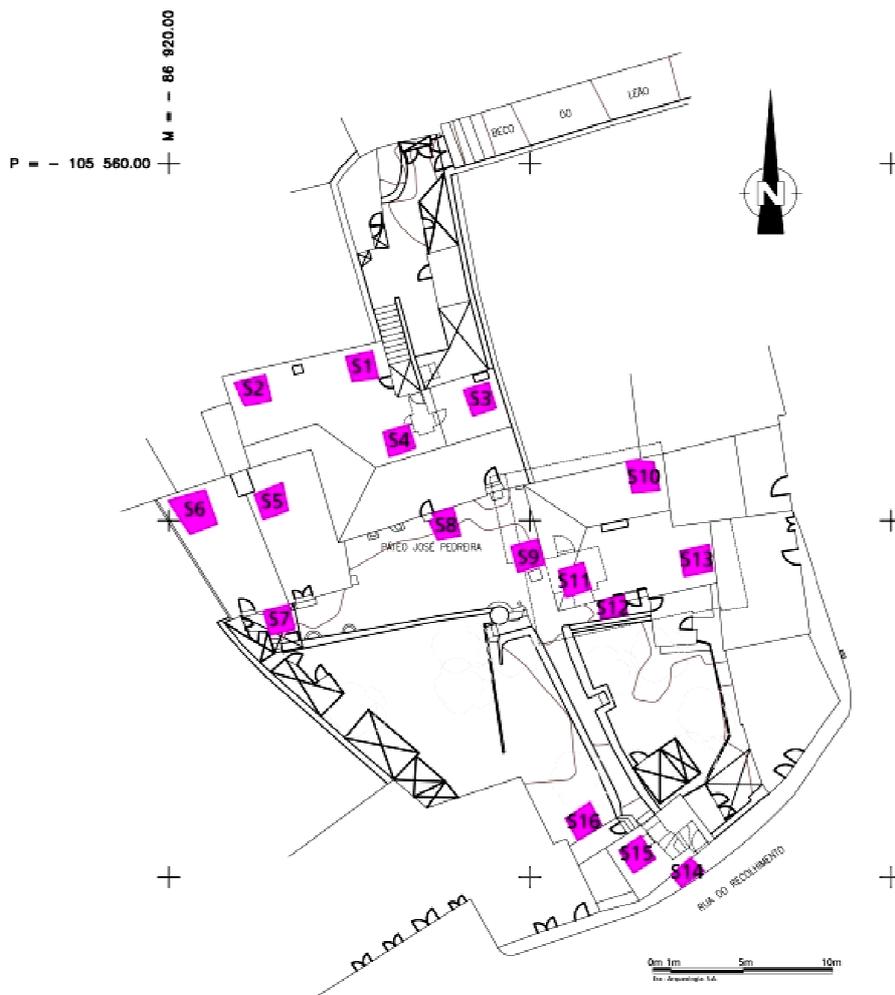


Figura 3 - Localização das sondagens efectuadas na Rua do Recolhimento/Beco do Leão.

2014: 119). O engobe vermelho é aplicado na área interna e também junto à superfície externa do bordo, devendo salientar-se a presença, num dos exemplares (n.º 4), de pintura branca na restante superfície. No grupo da cerâmica comum conta-se um fragmento de fundo convexo e pé bem destacado (n.º 6), com superfícies bem polidas, que parece corresponder a uma imitação dos pratos de cerâmica de engobe vermelho, com bons paralelos no conjunto da Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000). Um fragmento de bordo de um recipiente de tipo *pithos* (n.º 7) foi também recolhido. Outros três exemplares exibem menos cuidado no tratamento das superfícies e alguns indícios da sua exposição ao fogo, pelo que correspondem provavelmente a recipientes destinados à confecção de alimentos. Destes, dois (n.º 8 e 9) são integráveis no tipo 10Aa da Rua dos Correios e o outro (n.º 10) no tipo 10Bb (Sousa, 2014: 168-169 e 172). Por último, deve destacar-se a presença de um bordo de um grande recipiente de produção manual, de superfícies alisadas (n.º 11).

Entre os materiais descontextualizados provenientes da Sondagem 1 conta-se um outro fragmento de bordo de um recipiente tipo *pithos* (n.º 12) com uma banda branca na zona externa, duas tigelas do tipo 1Aa de cerâmica comum, uma das quais com aplicação de uma aguada branca em ambas as superfícies (n.º 13) e de um fundo ligeiramente convexo e com pé destacado cuja superfície externa se encontra coberta por engobe branco e a área interna por bandas brancas e negras (n.º 14).

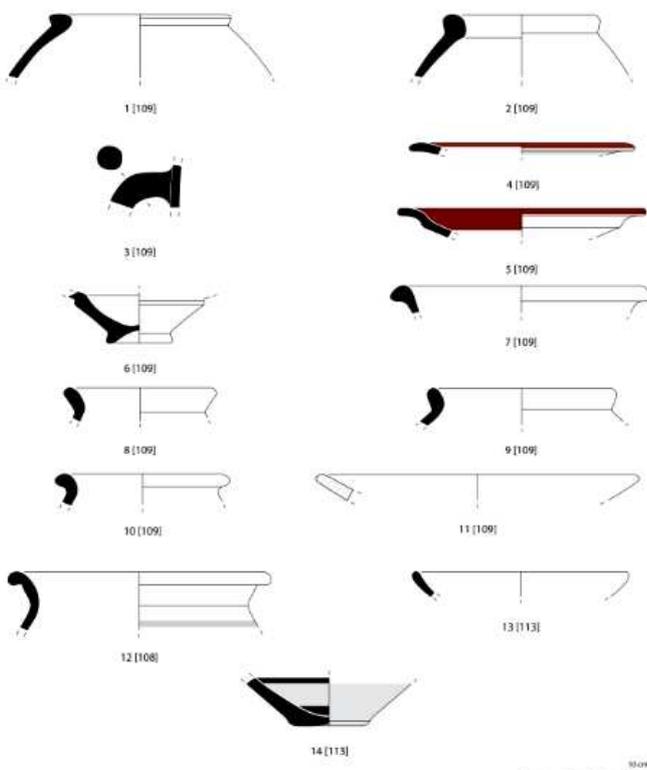


Figura 4 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 1.

### Sondagem 2

Na sondagem 2 foi identificado um único depósito seguramente atribuível à fase de ocupação pré-romana. Trata-se da U.E. [206], composta por um sedimento de matriz areno-argilosa de tonalidade castanha-alaranjada. A escavação em profundidade foi limitada à cota de afectação (1,5 m), não tendo sido possível atingir o substrato geológico.

Infelizmente, a maioria dos fragmentos cerâmicos associáveis à ocupação da Idade do Ferro provenientes desta área foi recuperada em contextos mais recentes que terão destruído, pelo menos parcialmente, os estratos de época precedente. Integram um conjunto de oito peças, recolhidos no interior de uma estrutura negativa e junto a um muro (U.E.s [205] e [204]), ambos datáveis da fase romano-republicana.

Desta área, identificaram-se três fragmentos de pratos de cerâmica de engobe vermelho. Um deles (n.º 17) apresenta o bordo consideravelmente estreito, com 2,3 cm de largura, podendo enquadrar-se no tipo P1 de Rufete Tomico (1988-1989). Um outro, que apresenta o perfil mais bem conservado (n.º 15) apresenta uma largura de bordo mais ampla, com 4,6 cm, o que possibilita o seu enquadramento no tipo P2 da referida tipologia. O último exemplar (n.º 16) não permite a medição da largura de bordo, mas poderá eventualmente aproximar-se dessa mesma forma.

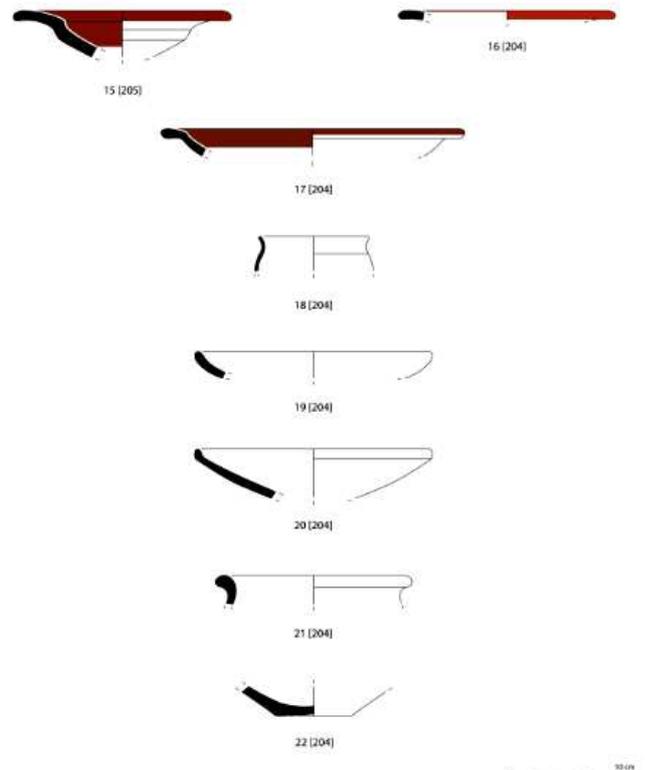


Figura 5 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 2.

A aplicação do engobe vermelho ocorre sempre na superfície interna e na zona externa do bordo, devendo salientar-se que um dos exemplares (n.º 17) exhibe uma tonalidade vermelha-acastanhada. No conjunto da sondagem 2 regista-se ainda um fragmento de um pequeno pote globular de cerâmica cinzenta (n.º 18) que se enquadra no tipo 3 da Sé de Lisboa (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000: 32). Entre a cerâmica comum contam-se alguns fragmentos de tigelas do tipo 1Aa da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014), uma das quais aguada branca em ambas as superfícies (n.º 19), e ainda uma outra com paredes rectas e bordo vertical (n.º 20). Os potes/panelas do tipo 10Bb da Rua dos Correeiros encontram-se também representados (n.º 21) exibindo, tal como na sondagem 1, vestígios de exposição ao fogo na sua superfície externa. Por último, identificou-se um único fragmento de fundo, de perfil ligeiramente convexo, com uma canelura na zona externa (n.º 22).

### Sondagem 6

Nesta sondagem, e sob os níveis de cronologia medieval e moderna, foi possível documentar a existência de uma pequena sequência de estratos da Idade do Ferro. A camada mais antiga é constituída por um sedimento de matriz areno-argilosa (U.E. [612]). No topo deste estrato foi aberta uma pequena estrutura negativa que poderá eventualmente corresponder a um buraco de poste (U.E. [619]). Esta realidade é integralmente coberta pela U.E. [609], que por sua vez é cortada por uma estrutura negativa tipo fossa (U.E. [617]) em cujo interior foram escavados sete níveis de enchimento, distinguíveis pela sua tonalidade. Um destes (U.E. [624]), localizado em cotas mais inferiores, era caracterizado pela presença abundante de blocos pétreos e cascalho. O espólio recolhido em alguns destes estratos permite a sua integração na fase de ocupação sidérica.

O conjunto artefactual recuperado nesta sondagem é particularmente interessante.



Figura 6 - Pormenor da estrutura negativa [617], identificada na sondagem 6.

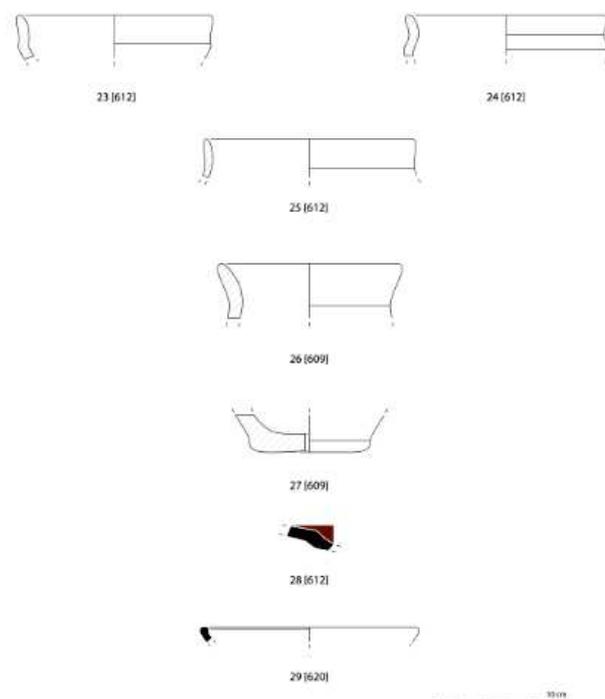


Figura 7 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 6.

No nível mais antigo, U.E. [612], foram recolhidos três fragmentos de cerâmica de produção manual, cujos perfis permitem a sua integração no grupo das taças carenadas de tradição do Bronze Final (n.º 23, 24 e 25). Trata-se de formas abertas, com carena relativamente alta, e bordo de tendência vertical ou ligeiramente evertido, encontrando-se as suas superfícies cuidadosamente polidas. Em associação contextual, recolheu-se ainda um fragmento de carena de um prato de cerâmica de engobe vermelho (n.º 28) ao qual não foi, infelizmente, possível adscriver uma classificação tipológica mais precisa.

Na camada sucessiva (U.E. [609]) continua a registar-se a presença de cerâmica manual, agora representada por um pote de perfil em S (n.º 26), com superfícies alisadas, e por um fragmento de fundo aplanado (n.º 27) que poderá eventualmente corresponder à mesma peça.

Por último, deve referir-se que os vários níveis de enchimento da fossa [617] proporcionaram escassos fragmentos classificáveis, todos de cerâmica comum, entre os quais se contam apenas um fragmento de uma tigela do tipo 1Aa da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 151-152), com bordo engrossado internamente e superfícies bem polidas (n.º 29), um fundo plano pertencente provavelmente a esse mesmo tipo, e ainda um fundo ligeiramente convexo de um recipiente de tipo panela, com marcas de exposição ao fogo na sua superfície externa.

### Sondagem 8

A ocupação da Idade do Ferro identificada neste espaço inclui três estratos de matriz areno-argilosa (U.E.s [815],

[816] e [818]), sendo directamente coberta por níveis do período medieval/moderno. Destes três níveis de cronologia sidérica apenas um (U.E. [816]) possibilitou a recolha de dois fragmentos aos quais se pode atribuir uma classificação tipológica. Ambos se enquadram na categoria de cerâmica comum, correspondendo um deles (n.º 30) a um fragmento de uma tigela de perfil hemisférico do tipo 1Aa da Rua dos Correiros (Sousa, 2014: 151-152). O outro exemplar (n.º 31), de bordo aplanado com secção arredondada, parece corresponder a um prato, tratando-se provavelmente, e mais uma vez, de uma produção que imita os protótipos da cerâmica de engobe vermelho. Deve destacar-se que ambos os exemplares apresentam as superfícies cuidadosamente polidas.

#### Sondagem 9

Nesta sondagem foi identificado um único nível da Idade do Ferro, composto por um sedimento de matriz areno-argilosa, de tonalidade castanho-avermelhada (U.E. [911]), coberto por níveis associáveis já ao período medieval.

Este único nível conservado proporcionou apenas alguns fragmentos cerâmicos inclassificáveis, concretamente de cerâmica cinzenta e de cerâmica comum, por vezes com pinturas na superfície externa. Outros artefactos associáveis a esta cronologia surgiram em contextos secundários, de fase medieval, integrando a categoria de cerâmica cinzenta. Trata-se de apenas dois fragmentos de cerâmica cinzenta, correspondendo um deles (n.º 32) a uma tigela do tipo 1Aa (Sousa, 2014: 133-134) e o outro a um pequeno pote do tipo 3Ba (n.º 33) da Rua dos Correiros (Sousa, 2014: 139-140).

#### Materiais descontextualizados

Nas restantes sondagens efectuadas, nas quais não foi possível identificar contextos conservados de cronologia sidérica, foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos residuais que são associáveis a essa mesma fase de ocupação. Da sondagem 3 é proveniente um bordo de ânfora (n.º 34) do tipo 7 do Estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 311) e um fragmento de tigela de cerâmica cinzenta (n.º 35) com paredes tendencialmente rectas, integrável no tipo 1Ab da Rua dos Correiros (Sousa, 2014: 134-135). Da sondagem 7, recolheu-se um fragmento de ânfora (n.º 36) do tipo 1 do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 305-306), exibindo pintura vermelha na superfície externa, dois fragmentos de cerâmica cinzenta, pertencendo o primeiro (n.º 37) a uma tigela do tipo 1Aa da Rua dos Correiros e o segundo (n.º 38), provavelmente, a um pote da série 4 (Sousa, 2014: 140-143), e ainda um bordo de um pequeno vaso de cerâmica comum (n.º 39), com veios brunidos que decoram a superfície externa, e que poderá enquadrar-se nos jarros do tipo 11Aa da Rua dos Correiros (Sousa, 2014: 177). Por último, da sondagem 15, deve referir-se a existência de um fragmento de bordo de um recipiente tipo *pithos* (n.º 40), com asa de secção quase bifida que arranca da zona do bordo, apresentando pintura vermelha na zona superior de ambas as superfícies.

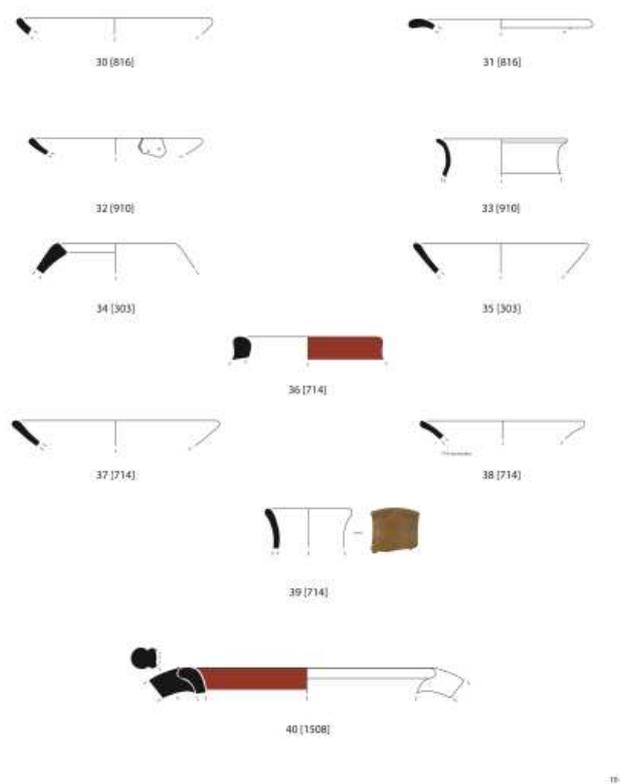


Figura 8 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 8 e 9 e materiais descontextualizados.

### 3. Enquadramento cronológico das ocupações pré-romanas da Rua do Recolhimento / Beco do Leão

Os resultados das escavações realizadas na Rua do Recolhimento / Beco do Leão revelaram alguns aspectos interessantes sobre a ocupação da Idade do Ferro no interior da cerca do Castelo de São Jorge. Apesar dos factores que sistematicamente condicionam os trabalhos arqueológicos em área urbana, entre os quais se destacam a extensão reduzida dos espaços intervencionados e o limite imposto pelas cotas de afectação, foi possível identificar alguns níveis conservados de época pré-romana. A potência estratigráfica é reduzida e, talvez devido às condicionantes acima referidas e a acções destrutivas ocorridas em momentos posteriores, não foi possível documentar uma sucessão progressiva dos diferentes momentos associáveis a esta ocupação. No entanto, em algumas das sondagens realizadas foi possível identificar episódios específicos da fase da Idade do Ferro, que se estendem, em nossa opinião, desde os finais do século VIII / inícios do século VII a.C. até às vésperas da chegada dos primeiros contingentes militares romanos.

O momento de ocupação mais antigo detectado na área intervencionada relaciona-se com os contextos escavados na sondagem 6. A associação, no nível mais antigo desta

área (U.E. [612]), de taças carenadas de produção manual e de um fragmento de um prato de cerâmica de engobe vermelho parece, efectivamente, indicar alguma antiguidade face ao restante espólio exumado. As taças carenadas, ainda que inseríveis nas tradições indígenas do Bronze Final da Estremadura Portuguesa, parecem perdurar ao longo das fases mais antigas da Idade do Ferro no estuário do Tejo, fenómeno bem documentado em sítios como o povoado de Santa Sofia, em Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2010-2011; Pimenta, Soares e Mendes, 2013) ou na Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999-2000). Na própria área urbana de Lisboa, esta convivência de materiais de tradição indígena com outros de cariz orientalizante foi também já registada, concretamente durante as escavações efectuadas na Rua de São Mamede a Caldas (Pimenta, Silva e Calado, 2014), em contextos datados entre os finais do século VIII a.C. e inícios da centúria seguinte. Na própria área do Castelo de São Jorge, de acordo com uma comunicação apresentada no IV Congresso de Arqueologia Peninsular, infelizmente não publicada, documentou-se também uma situação muito semelhante, concretamente um contexto onde materiais de produção manual, por vezes com decorações brunidas, integráveis nas tradições do Bronze Final, se associam a outros de clara matriz orientalizante, sendo, aparentemente, daí proveniente o fragmento de ânfora com inscrição em caracteres fenícios (Silva, 2013: 59-60)<sup>1</sup>, entretanto já publicado (Arruda, 2103), lido e analisado - *k/pš* - (Zamora López, 2013). Com efeito, as características paleográficas desta inscrição sugerem uma cronologia centrada na 1ª metade do século VII a.C., não se excluindo, contudo, a possibilidade de poder ser um pouco anterior (Zamora López, 2013: 308-309). Atendendo a estes dados, é possível que também os materiais provenientes da U.E. [612] possam ser relacionados com os primeiros momentos da ocupação da Idade do Ferro da colina do Castelo de São Jorge, com uma cronologia balizada entre os finais do século VIII e os inícios do século VII a.C. Situação semelhante poderia aplicar-se à camada sucessiva (U.E. [609]) ainda que, neste caso, os materiais classificáveis se resumam a dois fragmentos de cerâmica manual, eventualmente pertencentes a um mesmo vaso. Contudo, a sua morfologia é transversal a praticamente todo o 1º milénio a.C. não sendo, portanto, de excluir a possibilidade de este nível pertencer a um período mais recente no quadro da ocupação pré-romana. Os restantes materiais recolhidos nos níveis da Idade do Ferro da sondagem 6 também não permitem, infelizmente, uma integração cronológica mais específica.

Vestígios um pouco mais tardios, associáveis ao século VII e, sobretudo, ao século VI a.C., parecem estar também documentados nas intervenções efectuadas na Rua do Recolhimento / Beco do Leão, concretamente nas sondagens 1, 2, 7 e 8, ainda que não possam ser associados, na maioria dos casos, a contextos primários. A esta fase está provavelmente associada a ânfora do tipo 1 do Estuário do Tejo (n.º 36), inspirado nos protótipos do tipo

10.1.1.1 e 10.1.2.1 de Ramon Torres (1995), e cuja produção no estuário do Tejo se parece iniciar ainda durante o período orientalizante (Sousa e Pimenta, 2014: 305-306) prolongando-se, pelo menos, até ao século V a.C. e, eventualmente, até momentos posteriores. As características do fragmento (n.º 36), com bordo curto, vertical e engrossado internamente, assemelham-se, contudo, ainda aos modelos mais antigos desta forma. As características dos fragmentos de vasos de tipo *pthos* (n.º 7, 12 e 40), com bordos mais arredondados e colos mais oblíquos, também poderão ser integradas em cronologias de momentos avançados do século VII e, sobretudo, do século VI a.C. (Torres Ortiz, 2002: 150). No grupo da cerâmica de engobe vermelho, a identificação de pratos do tipo P1 (n.º 17) e P2 (n.º 4, 15 e 16) de Rufete Tomico (1988-1989) aponta também para cronologias dos séculos VII e VI a.C. No entanto, tratando-se de produções regionais que não se encontram ainda bem sistematizadas, devemos ter alguma cautela na extrapolação das balizas cronológicas estabelecidas para o sul peninsular, uma vez que a evolução formal da cerâmica de engobe vermelho do estuário do Tejo pode não seguir os mesmos padrões registados em outras áreas. Materiais datáveis da segunda metade do século VI a.C. foram também identificados, atendendo aos paralelismos que se puderam estabelecer com o conjunto artefactual exumado na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000; Arruda, Freitas e Vallejo Sanchéz, 2000). Trata-se de um bordo (n.º 31) e fundo (n.º 6) de pratos de cerâmica comum inspirados nas produções de cerâmica de engobe vermelho e de um pequeno pote de corpo globular de cerâmica cinzenta (n.º 18).

O momento sucessivo, datável em torno aos meados do 1º milénio a.C., encontra-se consideravelmente bem documentado, particularmente na sondagem 1. Os níveis da Idade do Ferro escavados nesta área (U.E.s [109] e [114]), que assentam directamente sobre o substrato geológico, parecem ter sido formados já durante o século V a.C., ainda que possam incluir alguns materiais eventualmente mais antigos. A presença de uma ânfora do tipo 4 do estuário do Tejo (n.º 2) parece confirmar essa cronologia, uma vez que se desconhecem, até ao momento, evidências que o início da sua produção possa ser anterior a essa centúria. O exemplar do tipo 3 apresenta, por sua vez, uma cronologia um pouco mais ampla, que parece iniciar-se ainda durante a segunda metade do século VI a.C. (Arruda, 1999-2000: 119-120; Sousa, 2014: 96; Sousa e Pimenta, 2014: 306). Situação semelhante pode aplicar-se aos fragmentos de cerâmica de engobe vermelho, concretamente ao prato do tipo P2 de Rufete Tomico e à forma 1Ba da Rua dos Correeiros, cujas origens parecem remontar também a momentos mais antigos mas que permanecem, contudo, no repertório artefactual do estuário do Tejo até, pelo menos, aos meados do 1º milénio a.C. (Sousa, 2014: 119, 121-122). A este momento cronológico pertencem também alguns materiais recolhidos em contextos secundários nas sondagens 7 e 9, concretamente o pequeno pote de cerâmica cinzenta (n.º 33) do tipo 3Ba e o jarro de cerâmica comum (n.º 39) do tipo 11Aa da Rua dos Correeiros, formas que, até ao momento, estão ausentes em contextos de fases anteriores.

<sup>1</sup> Comunicação apresentada em Setembro de 2004 (Faro) no IV Congresso de Arqueologia Peninsular, infelizmente não publicada.

Por último, deve ainda referir-se a recolha de um fragmento de uma ânfora do tipo 7 do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 311), ainda proveniente de um contexto secundário. Apesar dos dados serem ainda escassos, parece tratar-se de uma forma tardia no quadro destas produções surgindo, muito provavelmente, de um momento avançado do século IV a.C. ou mesmo de época posterior. Com efeito, em Lisboa, este tipo surge em contextos do século III a.C. e também em outros de cronologia romana-republicana que foram escavados no Castelo de São Jorge, o que por sua vez sugere que este tipo é ainda utilizado durante os momentos iniciais da conquista romana do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 311).

Os restantes materiais da Idade do Ferro recolhidos no decurso destas intervenções apresentam balizas de produções muito amplas que não permitem acrescentar novos elementos para a caracterização cronológica das ocupações pré-romanas detectadas na Rua do Recolhimento / Beco do Leão.

#### 4. Conclusão

Analisar a ocupação da Idade do Ferro nas áreas mais elevadas da colina do Castelo de São Jorge é uma tarefa difícil atendendo à escassez de dados disponíveis. As intervenções arqueológicas efectuadas, até ao momento, nessa área são abundantes mas permanecem, infelizmente, inéditas, em particular no que se refere à fase pré-romana.

No entanto, é de conhecimento público que o topo da colina de São Jorge terá sido ocupado ao longo de quase todo o 1º milénio a.C. As estruturas arqueológicas musealizadas e os materiais actualmente em exposição no Núcleo do Castelo de São Jorge indicam uma cronologia que se estende, pelo menos, desde o século VII a.C. até ao período romano-republicano. Como já referimos anteriormente, é muito provável que o início dessa ocupação possa, inclusive, remontar a um momento centrado entre finais do século VIII a.C. e inícios da centúria seguinte, tendo-se prolongado, sem aparentes interrupções, até ao século II a.C. Com efeito, alguns dos materiais anteriormente analisados, e que consideramos serem associáveis à primeira fase de ocupação da Idade do Ferro da colina do Castelo, fornecem mais um indício que suporta essa leitura. Não deixa de ser interessante tentar interpretar o significado desta associação de materiais de tradição do Bronze Final com outros de clara matriz orientalizante na fase mais arcaica da ocupação sidérica da cidade. Como já foi defendido em outros trabalhos (Sousa, no prelo; Pimenta, Sousa e Amaro, 2015), esta convivência de materiais de tradição nativa e fenícia pode ser muito significativa no âmbito da interpretação das origens da antiga *Olisipo*, uma vez que permite sustentar que a estratégia de implantação deste núcleo na colina do Castelo de São Jorge se terá verificado apenas durante a Idade do Ferro e não em fase anterior, ainda que não seja até ao momento claro se tal alteração do povoamento se deva atribuir a uma adaptação das comunidades indígenas que residiam na área a uma nova conjuntura político-económica ou a uma planificação por parte das comunidades fenícias ocidentais que aí se instalaram (Sousa, no prelo; Pimenta, Sousa e Amaro, 2015).

Os dados recolhidos não só na Rua do Recolhimento mas também em outras áreas da colina do Castelo de São Jorge (Amaro, 1993; Arruda, 1999-2000; Calado, 2008; Calado *et al.*, 2013; Filipe, Calado, Leitão, 2014; Pimenta, Calado, Leitão, 2005; Pimenta, Calado, Leitão, 2014; Pimenta, Silva, Calado, 2014; Pimenta, Sousa, Amaro, 2015; Sousa, 2014; Sousa, *no prelo*) atestam que a partir do século VII a.C. se assiste a uma notável transformação no quadro da cultura material, com o quase total desaparecimento das cerâmicas manuais em detrimento da utilização de vasos claramente integráveis no horizonte das produções fenícias ocidentais. A cerâmica vocacionada para o serviço de mesa é agora composta, quase exclusivamente, pelas cerâmicas revestidas com engobe vermelho e produções cinzentas. Os vasos destinados ao transporte, armazenamento e confecção de alimentos, também de fabrico maioritariamente local, reproduzem ou inspiram-se em protótipos que se encontram disseminados por praticamente todo o mundo fenício ocidental. Por outro lado, as escassas cerâmicas manuais que se podem associar a esta cronologia parecem terem sido vocacionadas, quase exclusivamente, para usos culinários.

A partir de meados do 1º milénio a.C. verifica-se uma clara alteração de alguns destes aspectos da cultura material. Tal como acontece um pouco por todas as áreas peninsulares anteriormente afectadas pelos influxos orientalizantes, a fase que se sucede ao final do século VI a.C. parece estar pautada por uma série de alterações que marcam uma nova etapa cultural. No caso de Lisboa, assim como no restante estuário do Tejo, verificam-se uma série de modificações nas estratégias de povoamento e de exploração de recursos, e também na cultura material, que parecem relacionar-se com algum isolamento desta área face aos grandes circuitos comerciais meridionais (Arruda, 2005; Sousa, 2014). Apesar de ser indiscutível a existência de contactos com outras áreas peninsulares, como está atestado não só pela presença de cerâmicas gregas como também por alguns contentores anfóricos importados, é difícil defender a existência de relações comerciais estáveis e sistemáticas entre o centro da fachada atlântica portuguesa e as zonas mais meridionais. Com efeito, e apesar de Lisboa ter o maior número de vasos áticos recolhido em contexto habitacional na faixa ocidental da costa portuguesa, grande parte dos quais recolhidos justamente no topo da colina do Castelo de São Jorge, estes totalizam apenas cerca de 18 fragmentos (Sousa, 2014: 112-114), uma situação que destoa claramente das realidades conhecidas quer no interior peninsular quer no sul do território actualmente português, particularmente se atendermos ao volume das escavações arqueológicas realizadas. No entanto, e apesar destes factores, a segunda metade do 1º milénio a.C. em Lisboa é pautada por um notável dinamismo, observável também no quadro da área ocupada, que atinge neste momento a sua extensão máxima (Sousa, 2014). É, porém, no âmbito da cultura material que se observam uma série de alterações que vão conferir um estatuto claramente autónomo a esta realidade centro atlântica. A produção de recipientes anfóricos, apesar de remontar a momentos anteriores, vai atingir o seu expoente máximo, quer ao nível quantitativo

quer em termos de diversidade morfológica, sendo marcada por aspectos de carácter fortemente regional (Sousa e Pimenta, 2014), ainda que a inspiração de alguns destes modelos se possa procurar nos protótipos de outras áreas peninsulares (Sousa, 2014). Cenário muito semelhante ocorre também nas restantes categorias cerâmicas, quer nos vasos mais propícios ao serviço de mesa como também nos recipientes de cozinha e armazenamento. Esta situação, já caracterizada em outros trabalhos (Sousa, 2013; 2014), é observável também entre os materiais que foram analisados no decurso deste artigo, permitindo confirmar, uma vez mais, a existência de marcadores claramente individualizantes dos artefactos produzidos nesta área centro atlântica no quadro da Idade do Ferro Peninsular.

A publicação destes dados da Rua do Recolhimento/Beco do Leão permite acrescentar alguns novos dados relativos à ocupação sidérica do topo da colina do Castelo de São Jorge e, indirectamente, acentuar, uma vez mais, o papel fundamental do núcleo pré-romano da antiga *Olisipo* no quadro da ocupação humana da foz do estuário do Tejo ao longo do 1º milénio a.C.

#### Bibliografia

- AAVV (2008), *Castelo de São Jorge. Núcleo Museológico*. Lisboa: EGEAC.
- AMARO, Clementino (1993), “Vestígios materiais orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa”, *Estudos Orientais*, Lisboa, IV, p. 183-192.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000), *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*, Barcelona, Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, A. M. (2005), “O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série IV-3, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M. (2013), “Do que falamos quando falamos de Tartesso”, In: CAMPOS, Juan, ALVAR, Jaime (eds), *Tarteso. El emporio del metal*, Espanha, Almuzara, p. 211-222.
- ARRUDA, A.M.; FREITAS, V.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. (2000), “As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 3-2, p. 25-59.
- CALADO, Marco (2008), *Olisipo pré-romana. Um ponto da situação*, Lisboa, Apenas.
- CALADO, M.; ALMEIDA, L.; LEITÃO, V.; LEITÃO, M. (2013), “Cronologias absolutas para a 1ª Idade do Ferro em Olisipo – o exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judearia em Alfama”, *Cira Arqueologia*, Vila Franca de Xira, 2, p. 118-132.
- FILIPPE, V.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014), “Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa. O caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d’El Rei”, In ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p.736-747.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2010-2011), “Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 18, p.591-618.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005), “Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 8-2, p.313-334.
- PIMENTA, J.; SOARES, A. M.; MENDES, H. (2013), “Cronologia absoluta para o povoado pré-romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira)”, *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira, 2, p.181-195.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014), “Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça”, In ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 724-735.
- PIMENTA, J.; SILVA, R. Banha da; CALADO, M. (2014), “Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*. A intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15”, In ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 712-723.
- PIMENTA, J.; SOUSA, E.; AMARO, C. (2015), “Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 18, p.161-180.
- RAMON TORRES, Juan (1995), *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central e occidental*, Barcelona, Universitat.
- RUFETE TOMICO, Pilar (1988-1989), “Las cerámicas con engobe rojo de Huelva”, *Huelva Arqueológica*, Huelva. X-XI-3, p. 10-40.
- SILVA, R. Banha da (2013), “A ocupação da Idade do Bronze Final da Praça da Figueira (Lisboa). Novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa”, *Cira Arqueologia*, Vila Franca de Xira, 2, p. 40-62.
- SOUSA, Elisa de (2013), “A ocupação da foz do Estuário do Tejo em meados do 1º milénio a.C.”, *Cira Arqueologia*, Vila Franca de Xira, 2, p. 103-117.
- SOUSA, Elisa de (2014), *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, Elisa de (no prelo), *The Iron Age occupation of Lisbon*.
- SOUSA, E. ; PIMENTA, J. (2014), “A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro”, In MORAIS, R.; FERNÁNDEZ, A.; SOUSA, M. J. (eds), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1, p. 303-316.
- TORRES ORTÍZ, M. (2002), *Tartessos*, Madrid, Real Academia de la Historia.
- ZAMORA LÓPEZ, J. Á. (2013), “Novidades de Epigrafia Fenicio-Púnica en la Península Ibérica y sus aledaños”, *Paleohispanica*, Zaragoza, 13, p. 359-384.



# LISBOA PRÉ-ROMANA: CONTRIBUTOS DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA RUA DA MADALENA

Elisa de Sousa<sup>1</sup>  
Alexandre Sarrazola<sup>2</sup>  
Inês Simão<sup>2</sup>

## Resumo:

Escavações arqueológicas recentemente realizadas na Rua da Madalena, em Lisboa, pela empresa Era-Arqueologia S.A., revelaram uma série de vestígios passíveis de serem associados à ocupação sidérica da antiga Olisipo. Durante a intervenção foram identificados pequenos segmentos de estruturas de alvenaria, associados a níveis estratigráficos conservados que continham um pequeno mas interessante conjunto artefactual. Este é composto por ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, cerâmica pintada e vasos de cerâmica comum, cujas características morfológicas apontam para uma cronologia centrada em momentos avançados do século VI e da primeira metade do século V a.C. Este artigo centra-se no estudo destas evidências e na sua integração no quadro da ocupação da Idade do Ferro deste importante núcleo de povoamento que subjaz ao actual centro histórico da cidade.

## Abstract:

### Pre Roman Lisbon: contributions of the archaeological interventions in Rua da Madalena.

Recent archaeological excavations carried out in Rua da Madalena, in Lisbon, by Era-Arqueologia S.A., revealed elements that can be associated with the Iron Age occupation of the ancient Olisipo. During the fieldwork were identified small segments of stone structures, associated with primary stratigraphic levels that contained a small but significant set of artifacts (amphorae, red slip ware, gray ware, painted pottery and common ware), whose morphological features suggest a chronology between the late 6th and the first half of the 5th century BC. This article focuses on study of this evidence and its integration within the framework of the Iron Age occupation in this important settlement that lies under the present city center.

## 1. Introdução

Na sequência do projecto de reabilitação do edifício situado no n.º 54-60 da Rua da Madalena, na baixa de Lisboa, foram efectuadas, em 2013, uma série de sondagens arqueológicas a cargo da empresa Era-Arqueologia S.A., sob a direcção de dois dos signatários (Alexandre Sarrazola e Inês Simão). Neste âmbito, realizaram-se oito sondagens manuais, que totalizam 18m<sup>2</sup> de área total intervencionada, cuja profundidade se encontrava previamente condicionada à cota de afectação da obra (cerca de 0,80 m).

No decurso destes trabalhos foi possível identificar vestígios de algumas das fases antigas da ocupação da antiga cidade de Lisboa, concretamente do período romano-imperial e da Idade do Ferro. Em relação ao primeiro, deve destacar-se a identificação de uma cetária, que provavelmente teria

integrado o núcleo identificado na Rua dos Bacalhoeiros (Fernandes *et al.*, 2011). Da Idade do Ferro, reconheceram-se algumas estruturas de alvenaria, associadas a níveis de ocupação conservados, cuja análise constitui o foco principal deste trabalho.

## 2. Evidências da ocupação da Idade do Ferro

A metodologia utilizada no decurso da escavação das sondagens efectuadas na Rua da Madalena seguiu os princípios de estratigrafia propostos por P. Barker e E. Harris. A escavação estendeu-se, em profundidade, apenas até à cota de afectação da obra (cerca de 0,80 m), com a excepção da sondagem 8 (cerca de 1,70 m) e de duas sondagens geotécnicas, não tendo sido possível atingir o substrato geológico em nenhuma das áreas intervencionadas.

Os vestígios arqueológicos referentes à ocupação da Idade do Ferro foram detectados em seis das oito sondagens realizadas, concretamente nas sondagens 1, 2, 5, 6, 7 e 8.

<sup>1</sup> Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (e.sousa@campus.ul.pt)

<sup>2</sup> Era – Arqueologia, S.A. (alexandresarrazola@era-arqueologia.pt, inessimao@hotmail.com)



Figura 1 - Localização de Lisboa no actual território português (base cartográfica de V. S. Gonçalves).



Figura 2 - Localização da área intervencionada.

Nas restantes sondagens, 3 e 4, não foi possível identificar nem estruturas nem artefactos que se possam associar a essa ocupação. No primeiro caso, a escavação foi interrompida ao ter-se detectado uma estrutura de argamassa e blocos pétreos, possivelmente datável do período moderno ou mesmo contemporâneo. Na sondagem 4, a identificação do já referido tanque de salga, revestido com opus signinum, e ainda de outras estruturas de cronologia romana, condicionaram a escavação deste espaço, tendo-se optado pela sua conservação, o que inviabilizou a eventual caracterização de vestígios de ocupação mais antigos.

### 2.1. Sondagem 1

Na sondagem 1, sob o nível de preparação do piso do edifício actual, detectou-se uma estrutura composta por tijolos maciços dispostos em cutelo ligados por argamassa que, atendendo ao aparelho, corresponde provavelmente a uma construção recente, ainda que não tenha sido possível datá-la com maior precisão.

No entanto, na área norte desta sondagem, e a uma cota ligeiramente inferior, surgiu um outro muro, de alvenaria, constituído por blocos calcários ligados por um sedimento de cal e areia, de orientação E/O, que parece corresponder a um elemento arquitectónico da Idade do Ferro. Com efeito, a esta estrutura apoiavam-se dois estratos (U.E. [104] e [105]) que forneceram exclusivamente materiais de cronologia sidérica, concretamente fragmentos de ânforas, de recipientes tipo pithoi, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, e cerâmica comum.

### 2.2. Sondagem 2

A sondagem 2, posteriormente subdividida em duas áreas (2A e 2B) devido à presença de uma parede do edifício actual, proporcionou também alguns vestígios associáveis a uma ocupação de cronologia sidérica.

Na sondagem 2A foi identificado um aglomerado de blocos calcários que provavelmente correspondiam a um estrato de derrube (U.E. [211]), coberto por um outro nível (U.E. [212]) que poderá ser também datado da Idade do Ferro, ainda que tenha proporcionado apenas alguns fragmentos de vasos de tipo pithoi.

Na sondagem 2B a escavação revelou uma estrutura de alvenaria, de orientação NE-SO, constituída por blocos de calcário e arenito ligados por um sedimento argiloso, que era coberta pela U.E. [210]. Este último estrato proporcionou também alguns materiais de cronologia pré-romana, concretamente fragmentos de cerâmica de engobe vermelho, ânforas, recipientes tipo pithoi e cerâmica comum. É provável que o derrube identificado na sondagem 2A (U.E. [211]) se relacione com o colapso desta estrutura.

Deve ainda referir-se que nos níveis de revolvimento localizados nos estratos superiores desta sondagem foi possível também recolher alguns fragmentos cerâmicos associáveis à ocupação da Idade do Ferro.

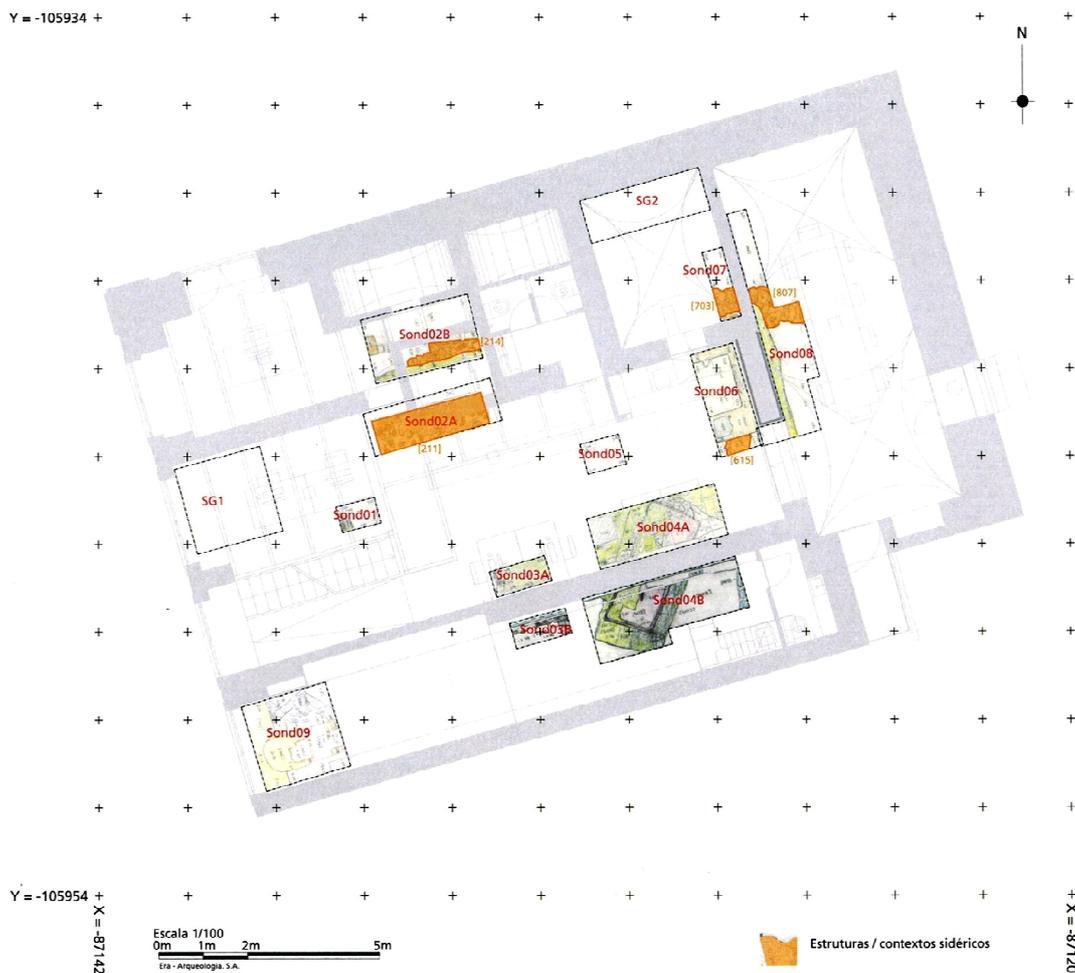


Figura 3 - Planta da área intervencionada com indicação das várias sondagens.

### 2.3. Sondagem 5

Na sondagem 5 registaram-se apenas dois níveis de aterro, U.E.s [501] e [502], mais recentes, tendo o último sido formado provavelmente durante a época romana imperial. Apesar de esta sondagem não ter proporcionado níveis conservados da Idade do Ferro, alguns materiais desta cronologia foram identificados nestes estratos, juntamente com outros de fase romano-republicana.

### 2.4. Sondagem 6

Na sondagem 6, sob um dos alicerces do edifício actual, identificou-se o topo de uma outra estrutura (U.E. [615]), de orientação NE/SO, constituída por blocos calcários ligados por um sedimento argiloso de tonalidade acastanhada. É possível que esta estrutura fosse servida por um pavimento constituído por terra batida e argila (U.E. [608]), cujos materiais associados, concretamente cerâmica cinzenta e fragmentos de recipientes tipo pithoi, remetem também para a Idade do Ferro.

### 2.5. Sondagem 7 e 8

Na sondagem 7 e 8, divididas por apenas uma parede do edifício actual, identificou-se, uma vez mais, a presença de uma estrutura de alvenaria (U.E. [703=807]), de orientação

E/O, constituída por blocos calcários ligados por um sedimento argiloso castanho-esverdeado. Deve assinalar-se que um dos elementos pétreos desta estrutura exhibia dois pequenos orifícios, de formato circular, que se poderia eventualmente relacionar com uma área de entrada, não se negando, contudo, a possibilidade de corresponder a uma outra tipologia de objecto que possa ter sido posteriormente reaproveitada nesta construção.

Esta realidade documentada na sondagem 7 e 8, e coberta pela U.E. [805], relaciona-se, muito provavelmente, com um único ambiente construído e ocupado durante a Idade do Ferro, ao qual se poderia também relacionar o muro identificado na sondagem 6. Em associação a esta estrutura documentaram-se alguns níveis, que correspondem, provavelmente, aos estratos de ocupação deste espaço

(U.E. [704], [806], [809], [810], [811], [812], [813] e [814]), cujos materiais confirmam uma cronologia pré-romana.

### 3. O conjunto artefactual da Idade do Ferro

O conjunto dos materiais arqueológicos da Idade do Ferro recolhidos no decurso das escavações realizadas na Rua da Madalena, e actualmente depositados nas instalações do Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL)<sup>3</sup>, constituem um espólio pequeno mas significativo, sendo composto exclusivamente por fragmentos cerâmicos fabricados a torno. Integram quatro categorias, concretamente ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta e cerâmica comum e pintada.

#### 3.1. Ânforas

Entre os contentores anfóricos contabilizam-se apenas três fragmentos de bordo.

Destes, dois (n.º 1 e n.º 9) enquadram-se no Tipo 1 recentemente estabelecido para as produções do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 305-306). Trata-se de um tipo de contentor que imita ou se inspira nos protótipos meridionais da série 10 de Ramon Torres (1995) cujo fabrico, no centro da fachada atlântica peninsular, parece iniciar-se ainda numa fase consideravelmente antiga, possivelmente entre os finais do séc. VIII a.C. e inícios da centúria seguinte (Sousa e Pimenta, 2014: 305). Determinar a sua fase final desta produção é, contudo, um tema mais problemático. A presença desta forma no conjunto artefactual da Rua dos Correiros (Sousa, 2014) confirma a sua produção durante o séc. VI/inícios do séc. IV a.C., não sendo ainda possível determinar o momento exacto do desaparecimento deste tipo, que poderá ocorrer numa fase já consideravelmente avançada da Idade do Ferro.

O outro fragmento de bordo (n.º 2) corresponde a uma forma já mais tardia, integrável no Tipo 3 (Sousa e Pimenta, 2014: 306-308). A sua cronologia parece remontar à segunda metade do séc. VI a.C., atendendo à sua presença no conjunto artefactual da Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000: 119-120; Sousa, 2014: 96; Sousa e Pimenta, 2014: 306), sendo, contudo, mais frequente em contextos de meados do 1º milénio a.C., desaparecendo provavelmente num momento já tardio da Idade do Ferro (Sousa e Pimenta, 2014: 306-308).

Para além destes exemplares, contam-se ainda dois fragmentos de asas (n.º 22 e n.º 27) de secção oval com sulco na zona externa, característica típica das produções anfóricas do estuário do Tejo (Sousa, 2014: 105).

<sup>3</sup> Agradecemos ao Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL), concretamente ao Dr. António Marques e ao Doutor Rodrigo Banha, a disponibilidade e auxílio prestado durante a fase de análise dos materiais.

Resta ainda referir a presença de engobes que cobrem a superfície das ânforas identificadas na Rua da Madalena. Num dos casos (n.º 1), a superfície externa está coberta por engobe de tonalidade vermelha, apresentando na zona interna uma área pintada a branco. Engobes brancos surgem ainda na superfície externa de três outras peças (n.º 9, n.º 22 e n.º 27). Por fim, um outro exemplar (n.º 2) exhibe uma banda de cor vermelha acastanhada na zona superior externa do bordo.

#### 3.2. Cerâmica de engobe vermelho

A cerâmica de engobe vermelho encontra-se representada por apenas três fragmentos, todos eles pertencentes a pratos. Destes, dois são fundos de perfil convexo, com engobe vermelho na área interna (n.º 3 e n.º 4), encontrando-se a superfície externa de um deles (n.º 3) recoberta por pintura branca. O restante fragmento corresponde a um bordo de difícil classificação atendendo ao seu estado de fragmentação, podendo eventualmente aproximar-se dos pratos do tipo 2 de Rufete Tomico (1988-1989). Esta peça encontra-se recoberta de engobe vermelho internamente e na zona superior do bordo. A parte inferior da zona externa exhibe ainda vestígios da aplicação de engobe branco. Peças de morfologias semelhantes são comuns no repertório cerâmico atribuível a fases antigas da ocupação sidérica de Lisboa, como se verifica na Travessa do Chafariz d'El Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2014), na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000) e na Rua de São Mamede ao Caldas (Pimenta, Silva e Calado, 2014), com cronologias que se estendem, grosso modo, entre os séculos VII e VI a.C.

#### 3.3. Cerâmica cinzenta

A cerâmica cinzenta também é escassa, contando com apenas quatro fragmentos. Destes, dois (n.º 5 e n.º 28) pertencem a tigelas de perfil hemisférico do tipo 1Aa da Rua dos Correiros (Sousa, 2014: 133-134), cuja cronologia cobre praticamente toda a ocupação sidérica não só do estuário do Tejo mas também de outras áreas peninsulares com ocupações de cariz orientalizante.

Um outro fragmento (n.º 23) enquadra-se nos pratos de perfil carenado do tipo 2Ab (Sousa, 2014: 137), sendo uma forma característica, de acordo com os dados actualmente disponíveis, de meados do 1º milénio a.C., surgindo também entre o conjunto artefactual da Travessa do Chafariz d'El Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2014: 743).

O restante fragmento corresponde a um pequeno pote do tipo 3Ba (n.º 29), destinado provavelmente ao consumo individual de líquidos, cujo fabrico, amplamente difundido na área do estuário do Tejo, parece iniciar-se também nesse mesmo período (Sousa, 2014: 139-140).

#### 3.4. Cerâmica comum e pintada

A cerâmica comum e pintada em bandas é a categoria mais bem representada neste conjunto.

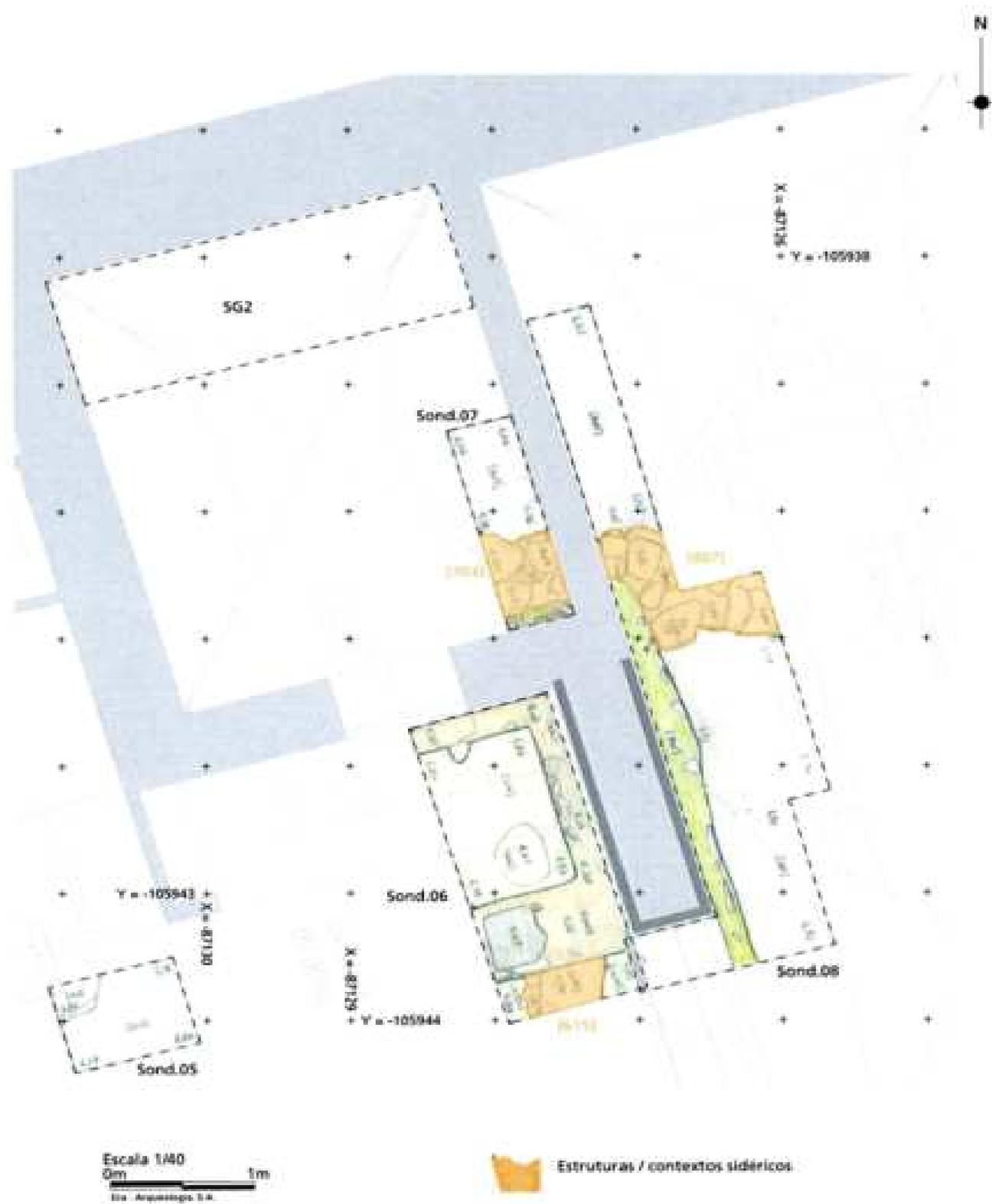


Figura 4 - Plano de pormenor das estruturas da Idade do Ferro identificadas na sondagem 2.



Figura 5 - Plano de pormenor das estruturas da Idade do Ferro identificadas nas sondagens 6, 7 e 8.

Em primeiro lugar, deve destacar-se a presença significativa de recipientes fechados que recordam os perfis dos *pithoi*. Destes, apenas um (n.º 8) é seguramente enquadrável nesta forma, uma vez que conserva ainda parte de uma das asas, que arranca da zona superior do bordo. Vários outros fragmentos (n.º 14, 15, 16, 17, 26, 34, 35, 36, 37) exibem perfis muito semelhantes sendo, contudo, difícil de determinar se ainda se possam considerar verdadeiros *pithoi* ou formas de transição que evoluem a partir deste tipo e que se tornam características na área de Lisboa a partir, sobretudo, de meados do primeiro milénio a.C., sendo designadas por variante 10Bb, de acordo com a tipologia estabelecida para a Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 172). Com efeito, três fragmentos (n.º 7, 20, 21) podem ser enquadrados com facilidade nesta última forma, considerando a tendência claramente oblíqua da parede do colo. Por outro lado, deve ainda destacar-se, nestas morfologias, a recorrência da aplicação de bandas pintadas na superfície externa e internamente, junto ao bordo, em tons de negro, vermelho e branco. Vasos de características muito semelhantes foram documentados em outros contextos da colina do Castelo de São Jorge que se poderão datar em torno ao século VII e VI a.C., concretamente na Rua da Judiaria (Calado *et al.*, 2013, Sousa, *no prelo*), na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000), e ainda com outros recolhidos na Travessa do Chafariz d'El Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2014).

Outro tipo de recipientes fechados surge também neste conjunto. Trata-se de vasos com colo ligeiramente estrangulado e bordo esvertido e engrossado (n.º 13, 32, 33). O facto de não apresentarem grandes cuidados ao nível do tratamento das suas superfícies e o grau reduzido da depuração das suas pastas permitem considerar a possibilidade de corresponderem a recipientes utilizados sobretudo para a confecção de alimentos. Ainda que a evolução deste tipo de vasos não permita, até ao momento, grandes precisões cronológicas, particularmente para momentos anteriores ao século V a.C., deve assinalar-se que recipientes semelhantes foram identificados na Rua da Judiaria, em contextos que se podem datar em torno ao século VII ou VI a.C. (Calado *et al.*, 2013).



Figura 6 - Pormenor de um dos elementos pétreos da estrutura identificada na sondagem 7/8.

No grupo da cerâmica comum contam-se ainda alguns fragmentos de tigelas, de perfil hemisférico (n.º 6, 11), enquadráveis no tipo 1Aa da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 151-152) e dois exemplares de paredes mais rectilíneas (n.º 24, 30) do tipo 1Ac (Sousa, 2014: 152). Um outro fragmento (n.º 31) parece corresponder a uma taça, exibindo um bordo de tendência invertida. Um fragmento de carena (n.º 12) foi também recuperado, podendo corresponder a uma tigela de perfil carenado do tipo 1B da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 153-155). Deve assinalar-se que estes fragmentos de formas abertas apresentam sistematicamente as superfícies cuidadas, quer através do seu polimento quer através da aplicação de engobes ou aguadas brancas.

Entre os fragmentos aos quais não foi possível atribuir uma classificação segura contam-se quatro fragmentos de asas de secções quase bifidas (n.º 18, 38, 39, 40), com as superfícies externas recobertas de engobes ou aguadas brancas, que, muito provavelmente, pertenceram a vasos de tipo *pithoi*.

Por último, deve referir-se a recolha de dois fragmentos de fundo, um deles convexo (n.º 19), provavelmente pertencente a um recipiente fechado, e um outro plano (n.º 25).

#### 4. Discussão

O conjunto artefactual recolhido no decurso das intervenções arqueológicas realizadas na Rua da Madalena permite acrescentar alguns dados novos para a caracterização da ocupação da Idade do Ferro da antiga cidade de Lisboa.

Os materiais recuperados, todos de produção local, parecem remeter para uma cronologia centrada entre momentos tardios do século VI a.C. e a primeira metade da centúria seguinte. Com efeito, as características dos recipientes anfóricos, da cerâmica de engobe vermelho e mesmo de uma parte significativa da cerâmica comum, em particular os recipientes que se assemelham aos vasos de tipo *pithoi*, são compatíveis com a cronologia proposta.

Apesar do conjunto ser pouco expressivo em termos quantitativos, deve assinalar-se a ausência de ânforas com características morfológicas que consideramos serem típicas na área do Estuário do Tejo a partir dos meados do 1º milénio, como é o caso dos tipos 2, 4 e 6 definidos em trabalho recente (Sousa e Pimenta, 2014), como se verifica, por exemplo, no espólio da Rua dos Correeiros, cuja datação se centra entre o século V e inícios do século IV a.C. (Sousa, 2014, p. 214). Por outro lado, os tipos 1 e 3, representados no conjunto presentemente analisado, são perfeitamente compatíveis com uma cronologia da segunda metade do século VI /primeira metade do século V a.C. (Sousa e Pimenta, 2014).

No caso da cerâmica de engobe vermelho torna-se mais difícil uma caracterização cronológica, atendendo à pouca representatividade deste conjunto cerâmico. No entanto, as características dos dois fundos de pratos da Rua da Madalena poderiam também enquadrar-se na baliza de

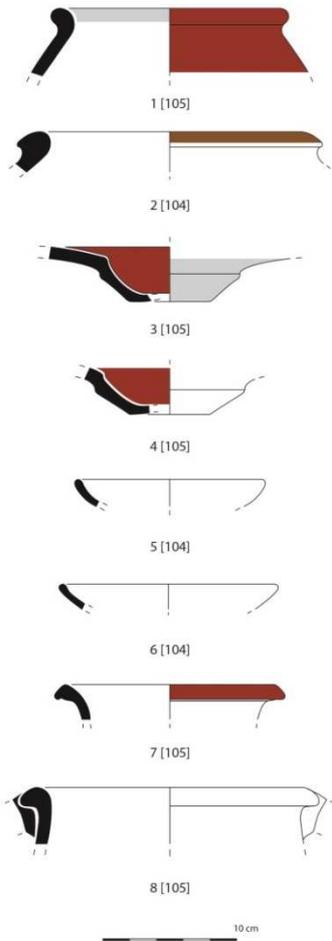


Figura 7 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 1.

ocupação proposta, uma vez que exibem características que se encontram, até ao momento, ausentes em conjuntos mais tardios, concretamente na Rua dos Correiros (Sousa, 2014). De facto, os fundos de cerâmica de engobe vermelho deste último sítio exibem perfis mais evolucionados, frequentemente marcados por múltiplas caneluras e um pé alto e desenvolvido, tendo sido atribuídos a páteras (Sousa, 2014: 123-124). Em relação ao fragmento de bordo, que poderá eventualmente aproximar-se do tipo P2 estabelecido por Rufete Tomico (1988-1989), deve referir-se que as produções desta categoria cerâmica no estuário do Tejo não se encontram ainda devidamente sistematizadas, especialmente nas fases mais antigas, e que a sua evolução poderá seguir tendências específicas desta área regional, pelo que a extrapolação das cronologias estabelecidas para a zona meridional da Península Ibérica deve ser feita com alguma prudência. Podemos, contudo, indicar que formas semelhantes surgem com abundância na Sé de Lisboa, cuja cronologia de ocupação proposta se centra na segunda metade do século VI a.C. (Arruda, 1999-2000: 119-120), ainda que surjam também em momentos mais tardios (Sousa, 2014: 121-122).

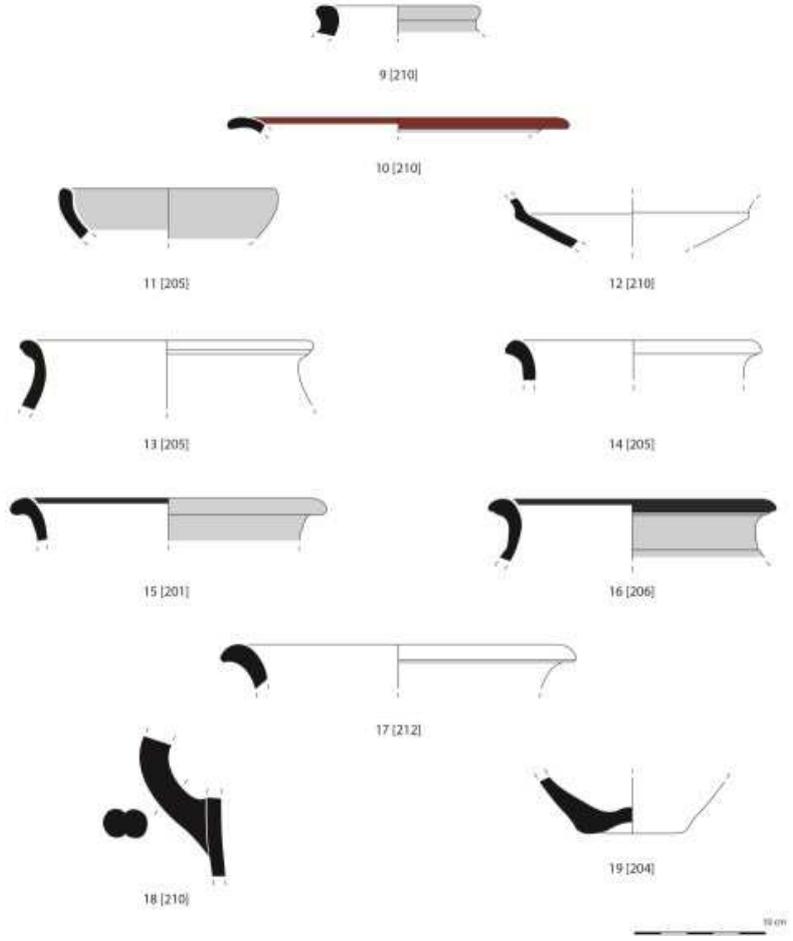


Figura 8 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 2.

Situação algo semelhante verifica-se no caso da cerâmica cinzenta da Rua da Madalena. As tigelas de perfil hemisférico (tipo 1Aa da Rua dos Correiros) são transversais a praticamente toda a ocupação sidérica. O prato de perfil carenado (tipo 2Ab) e o pequeno pote (tipo 3Ba) parecem ser, contudo, morfologias que surgem no repertório artefactual do estuário do Tejo em fase mais tardia, durante os meados do 1º milénio a.C. (Sousa, 2014: 137, 139-140).

No conjunto da cerâmica comum, as características de grande parte dos vasos fechados, que se assemelham ainda aos recipientes de tipo *pithoi*, devem ser consideradas para a definição das balizas de ocupação sidérica da Rua da Madalena. Em contextos um pouco mais tardios, como é o caso da Rua dos Correiros, estes vasos praticamente desaparecem, sendo substituídos por morfologias mais evolucionadas (tipo 10Ba e 10Bb), ainda que claramente inspiradas nesse protótipo. As próprias asas de secção bifida, que se devem associar a vasos de tipo *pithoi*, tão bem representadas na Rua da Madalena, deixam praticamente de fazer parte do espólio artefactual a partir do século V a.C. (Sousa, 2014: 180). A cronologia da ocupação da Idade

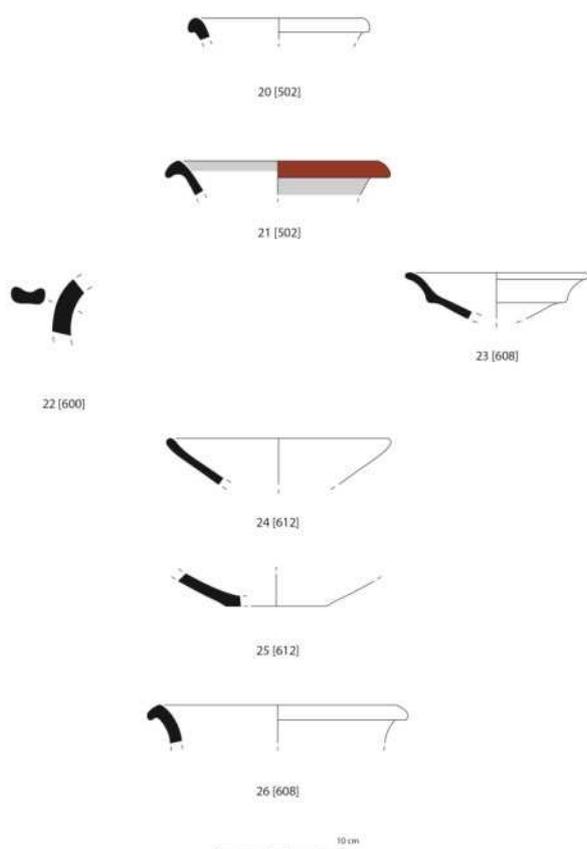


Figura 9 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos nas sondagens 5 e 6.

do Ferro da Rua da Madalena parece, assim, enquadrar-se justamente neste momento de transição, apresentando elementos próximos das morfologias mais antigas mas também de fase mais recente (tipo 10Bb). Os restantes vasos de cerâmica comum (panelas e tigelas) não proporcionam outros dados relevantes na definição da cronologia de ocupação da Rua da Madalena, sendo as suas balizas de produção indefinidas ou consentâneas face à proposta apresentada. Resta por último referir a completa ausência de vasos de fabrico manual, situação que, aliás, ocorre com frequência nos contextos dos séculos VII e VI a.C. escavados no centro histórico de Lisboa (Arruda, 1999-2000; Calado *et al.*, 2013; Sousa, *no prelo*).

## 5. Conclusão

Os trabalhos arqueológicos da Rua da Madalena integram-se no quadro de intervenções de carácter preventivo em área urbana, tendo sido condicionados pelas várias limitações que essa mesma natureza implica. As restrições que se verificaram, quer em termos da extensão da área escavada, quer da sua profundidade, condicionada pela cota de afectação, dificulta a compreensão das fases urbanísticas, das relações entre os contextos identificados e mesmo a definição de balizas cronológicas precisas para os diferentes momentos de ocupação.

Apesar destas limitações, o estudo da componente artefactual aí recolhida parece indicar a existência de um espaço edificado, onde se associam estruturas de alvenaria e os respectivos pisos de ocupação, que parece ter sido ocupado entre os meados do século VI e provavelmente ainda durante a primeira metade do século V a.C. Não podemos, contudo, negar a eventual existência de ocupações mais antigas, considerando que a escavação foi condicionada pela cota de afectação da obra, não tendo sido possível atingir o substrato geológico em nenhuma das áreas intervencionadas.

Outros vestígios da ocupação sidérica nesta zona mais baixa da colina do Castelo de São Jorge encontram-se bem documentados, destacando-se as intervenções realizadas na Rua dos Correiros (Sousa, 2014), na Rua dos Douradores (Cardoso e Carreira, 1993) e também no antigo edifício da Zara (Ferreira, Jorge e Ramos, 2000). No entanto, os dados disponíveis para a caracterização cronológica destas ocupações parecem ser um pouco mais tardios, centrando-se, sobretudo, a partir de meados do 1º milénio a.C. (Sousa, 2014: 38). O conjunto artefactual da Rua da Madalena permite agora considerar que a extensão do núcleo de *habitat* da antiga Lisboa em direcção a esta área mais baixa ocorre ainda em momentos tardios do século VI a.C., ao contrário do que foi recentemente proposto (Sousa, 2014: 38), sendo provavelmente coeva das ocupações detectadas na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000), na Rua da Judiaria (Calado *et al.*, 2013) e do Castelo de São Jorge.

Mais uma vez, e como se observa um pouco por toda a área da colina do Castelo, as evidências associáveis à ocupação da Idade do Ferro de Lisboa revestem-se de uma clara matriz orientalizante, como denuncia a utilização e também a própria produção de vasos que ultrapassam as barreiras geográficas do Baixo Tejo e que são comuns a praticamente toda a paisagem do mundo Fenício Ocidental (ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, vasos pintados em bandas). Deve, contudo, assinalar-se que o que presumimos corresponder às produções locais de Lisboa denotam algumas características mais típicas desta área (ainda que não exclusivamente), como é o caso da aplicação de engobes brancos nas superfícies das cerâmicas de engobe vermelho e nas morfologias da cerâmica cinzenta e dos contentores anfóricos. Estes indícios, que se observam já no conjunto presentemente analisado, irão tornar-se particularmente evidentes a partir dos meados do 1º milénio a.C., período a partir do qual se verifica uma verdadeira “regionalização” da cultura material da foz do estuário do Tejo (Sousa, 2014).

Como nota final, pensamos ser ainda relevante indicar que os estratos associáveis à ocupação da Idade do Ferro da Rua da Madalena se encontram praticamente à superfície do solo actual, não se tendo documentado vestígios do nível de areia que delimita o final da ocupação sidérica da Rua dos Correiros (Bugalhão, 2001; Sousa, 2014), localizada em área consideravelmente próxima, o que pode indicar que este fenómeno se limita a um espaço muito localizado, nas zonas mais próximas à antiga ribeira.

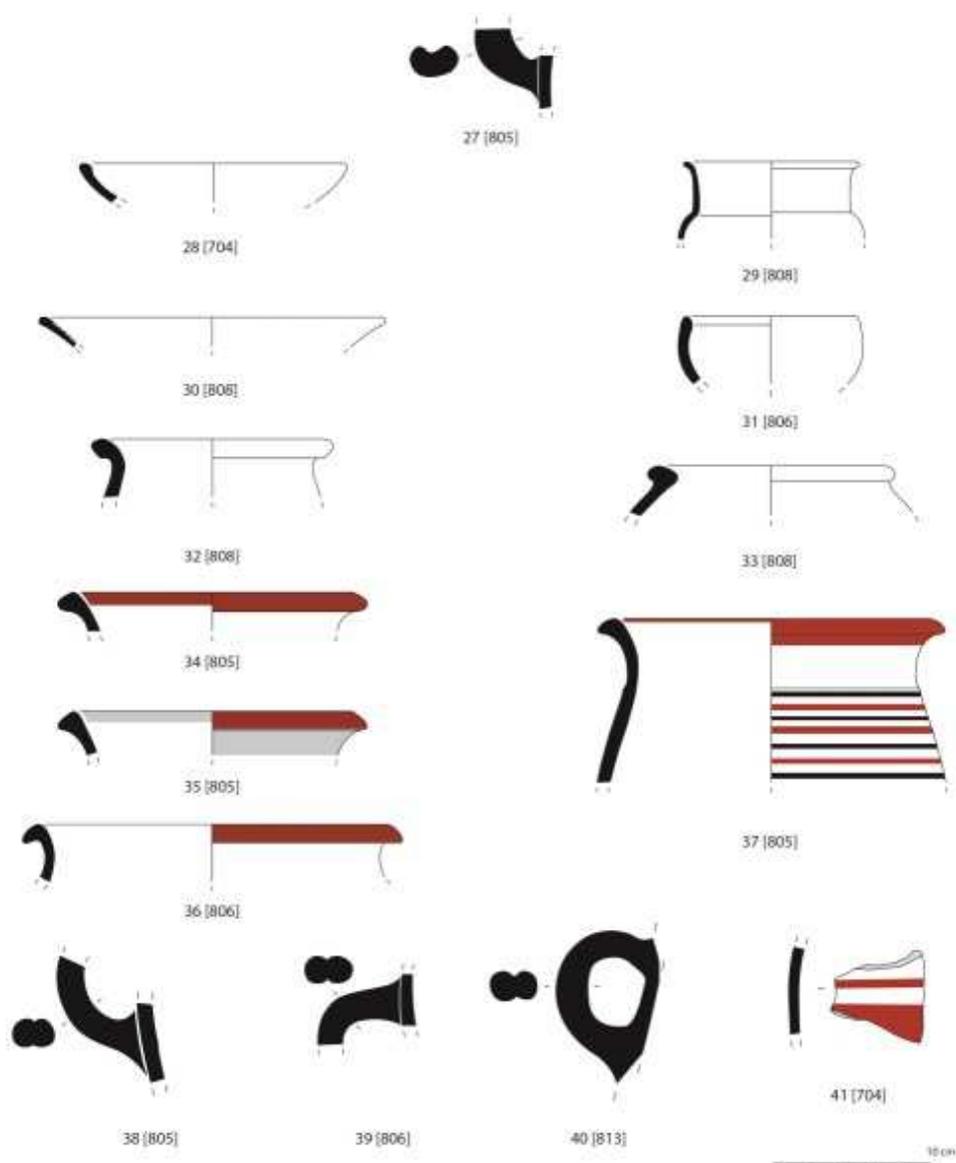


Figura 10 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos nas sondagens 7 e 8.

### Referências bibliográficas

ARRUDA, A. M. (1999-2000), *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*, Barcelona, Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, n.º 5-6).

BUGALHÃO, J. (2001), *A indústria romana de transformação e conserv de peixe em Olisipo, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*, Lisboa.

CALADO, M.; ALMEIDA, L.; LEITÃO, V.; LEITÃO, M. (2013), "Cronologias absolutas para a 1ª Idade do Ferro em Olisipo – O exemplo de uma ocupação em ambiente cârsico na actual Rua da Judiaria em Alfama, *Cira – Arqueologia*, Vila Franca de Xira, 2, p. 118-132.

CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1993), *Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. Méditerranée*. Lisboa, 2, pp. 193-206.

FERNANDES, L.; MARQUES, A.; FILIPE, V.; CALADO, M. (2011), "A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em Olisipo: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa)", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 14, p. 239-261.

FERREIRA, M.; JORGE, A.; RAMOS, R. (2000), *Zara – Rua Augusta (Lisboa). Relatório final da escavação de salvamento arqueológico*.

FILIPE, V.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014), "Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa: o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei", In Arruda, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, vol. 2, p. 736-746.

PIMENTA, J.; SILVA, R. B.; CALADO, M. (2014), "Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça", In Arruda, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, vol. 2, p. 724-735.

RAMON TORRES, J. (1995), *Las anforas fenicio-púnicas del*

*Mediterrâneo central e occidental*, Barcelona, Universitat.

RUFETE TOMICO, P. (1988-1989), "Las ceramicas con engobe rojo de Huelva. *Huelva Arqueologica*", Huelva, X-XI: 3, p. p. 10-40.

SOUSA, E. (2014), *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*, Estudos e Memórias, 7, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

SOUSA, E. (no prelo), The Iron Age occupation of Lisbon.

SOUSA, E.; PIMENTA, J. (2014), "A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro", In MORAIS, R., FERNÁNDEZ SOUSA, M. J. (eds.), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia. Monografias Ex Officina Hispana II*, Porto, 1, p. 303- 316.

